



Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde - CCBS
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem – Mestrado – PPGENF

Ana Paula Costa Alves

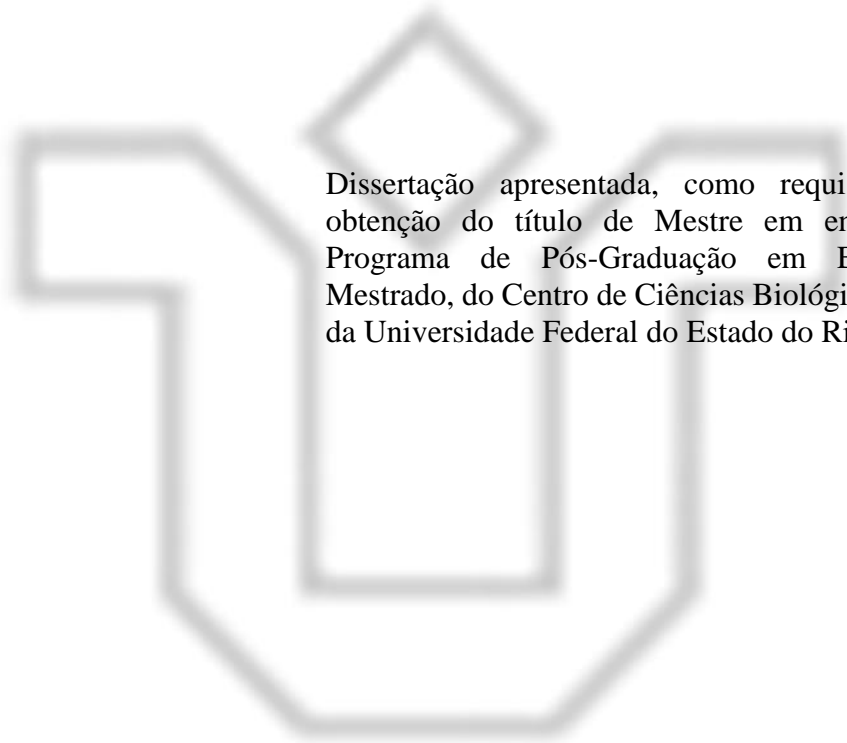
**As Representações da Enfermeira na obra “Curso de Enfermeiros” de Adolpho Possollo
(1920-1948)**

Rio de Janeiro

2015

Ana Paula Costa Alves

**As Representações da Enfermeira na obra “Curso de Enfermeiros” de Adolpho Possollo
(1920-1948)**



Dissertação apresentada, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em enfermagem, ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem - Mestrado, do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Wellington Mendonça de Amorim

Rio de Janeiro

2015

Alves, Ana Paula Costa.

A474 As representações da enfermeira na obra "Curso de enfermeiros" de Adolpho Possollo (1920-1948) / Ana Paula Costa Alves, 2015.

110 f. ; 30 cm

Orientador: Wellington Mendonça de Amorim.

Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Ana Paula Costa Alves

**As Representações da Enfermeira na obra “Curso de Enfermeiros” de Adolpho Possollo
(1920-1948)**

Dissertação apresentada, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em enfermagem, ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem - Mestrado, do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovado em: ____ / ____ / ____.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Wellington Mendonça de Amorim
Presidente

Prof. Dr. Osnir Claudiano da Silva Júnior
1º Examinador

Prof. Dr. Fernando Rocha Porto
2º Examinador

Prof.^a Dr.^a Mary Ann Menezes Freire Morais
1º Suplente

Prof.^a Dr.^a Almerinda Moreira
2º Suplente

Rio de Janeiro
2015

DEDICATÓRIA

Ao meu esposo Ricardo, companheiro de todas as horas, meu amigo, meu amor. Às minhas filhas Isabela e Anna Beatriz, luzes da minha vida, que deixam os meus dias mais coloridos e alegres, inundam o meu coração de amor e paz. Aos meus pais Yvete e Luiz, meus grandes amores, exemplos de garra e responsabilidade. Às minhas irmãs Bianca e Jéssica, minhas referências de luta e determinação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, Senhor da minha vida, por todas as bênçãos e por mais essa vitória. Ele foi o grande responsável por manter-me de pé diante dos percalços que a vida colocou no meu caminho, durante esse período do estudo. Com Seu amor infinito, deu-me forças, determinação e discernimento para seguir em frente, sempre mostrando os melhores caminhos. Obrigada, meu Pai!

Aos meus pais, Yvete e Luiz, que desde a infância me encaminharam na fé e me ensinaram a ser o que sou hoje, me mostraram o caminho das pedras, a importância de batalhar para alcançar meus objetivos. Obrigada pelo amor incondicional, pela preocupação com a minha formação pessoal e profissional e pelo apoio de sempre.

Ao meu esposo, Ricardo, pelo companheirismo absoluto, amor constante e presente, paciência e dedicação à nossa família. Sem você, esse sonho não se tornaria realidade. Obrigada pela compreensão nos momentos de dificuldade, estresse, prazos apertados, passeios adiados... enfim, pelas palavras e ações de incentivo ao meu estudo, por não me deixar desanimar, por cuidar da nossa família e por me fazer tão feliz.

Às minhas filhas, Isabela e Anna Beatriz, pela alegria de viver, por renovar os meus sonhos e tornar os meus dias mais leves e floridos. Obrigada por estarem na minha vida e por compreenderem, cada uma da sua forma, o meu cansaço e as minhas ausências. Amo vocês.

Às minhas irmãs, Bianca e Jéssica, que estão sempre dispostas a me ajudar, tornando minha caminhada menos árdua. Obrigada por cada palavra de incentivo, pelos ouvidos que me escutaram, pela ajuda com as crianças, por cada luta que lutaram comigo e por entenderem as minhas ausências em alguns momentos.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Wellington Mendonça de Amorim, pelos valiosos ensinamentos e contribuições durante a minha trajetória acadêmica, iniciada ainda na graduação, pela paciência e incentivo, por não permitir que eu fraquejasse ou desistisse, por me dar o tempo necessário para cuidar da minha filha e depois, da minha mãe. Nunca vou esquecer disso. Obrigada por acreditar em mim e confiar no meu trabalho.

À Prof. Dra. Mary Ann Menezes Freire Morais, pelas ricas contribuições e pelo incentivo constante. Obrigada pelos direcionamentos e por estar sempre disposta a nos ajudar.

Às minhas amigas de jornada, Flávia Guimarães, Denise Salazar e Micheline Barros, pelo companheirismo, apoio e incentivo. Convivermos durante esse período nos fez crescer tanto pessoal como profissionalmente. Passamos por momentos divertidos e complicados, e estivemos sempre juntas. Obrigada meninas.

Às minhas amigas Ana Paula da Cunha e Fernanda Cortines, pelo incentivo em continuar a minha trajetória acadêmica, por estarem presentes nos bons e maus momentos da minha vida. Obrigada pela parceria e pelas contribuições.

À minha querida amiga Ana Cláudia e sua família, que estão sempre ao meu lado, me incentivando, me dando forças para seguir em frente. Obrigada pelo apoio nos momentos mais difíceis da minha vida e, principalmente, pelas suas risadas que transmitem tanta alegria aos que estão próximos e fazem o nosso dia ficar mais alegre. Vocês moram no meu coração.

Ao Prof. Dr. Osnir Claudiano da Silva Júnior, que me iniciou na pesquisa em história da enfermagem, e a quem tenho muita admiração e respeito. Obrigada pela oportunidade de trabalhar contigo, pela confiança depositada, por compartilhar comigo um pouco dos seus brilhantes conhecimentos, pelo apoio e incentivo durante todos esses anos.

Ao Prof. Dr. Fernando Porto, pelas sábias contribuições durante toda a minha trajetória na pesquisa. Obrigada por acreditar em mim, pelas palavras de incentivo e por me ensinar que disciplina e pensamento crítico podem andar lado a lado.

À Prof. Dr. Almerinda Moreira, por todas as contribuições dadas durante as reuniões do Laphe. Obrigada pelo aceite ao convite de participar da minha banca e por ser um exemplo de dedicação à memória da enfermagem brasileira e, principalmente, da nossa escola.

Aos demais professores, membros e amigos do Laphe e Lacenf, pelo acolhimento, incentivo e grandiosas colaborações para a produção do conhecimento, em especial à Msc. Edilaine Rocha, pela força e contribuições preciosas.

Aos meus irmãos de farda do CBMERJ, aos amigos do INTO e, a todos aqueles, familiares e amigos, que contribuíram direta ou indiretamente para a concretização desse estudo e àqueles que sofreram a minha ausência em alguns momentos durante essa trajetória.

Lembre-se de que você mesmo é o melhor secretário de sua tarefa, o mais eficiente propagandista de seus ideais, a mais clara demonstração de seus princípios, o mais alto padrão do ensino superior que seu espírito abraça e a mensagem viva das elevadas noções que você transmite aos outros. Não se esqueça, igualmente, de que o maior inimigo de suas realizações mais nobres, a completa ou incompleta negação do idealismo sublime que você apregoa, a nota discordante da sinfonia do bem que pretende executar, o arquiteto de suas aflições e o destruidor de suas oportunidades de elevação - é você mesmo.

Chico Xavier

RESUMO

O estudo tem como objeto as representações da enfermeira no livro intitulado “Curso de Enfermeiros” redigido por Adolpho Possollo. Para a operacionalização da pesquisa, foram definidos os objetivos: caracterizar a materialidade e a estética do livro “Curso de Enfermeiros” e, analisar as representações da enfermeira na referida obra. A proposta metodológica foi alicerçada nos pressupostos da Nova História Cultural, tal como postulada por Roger Chartier e pautada no conceito de representação da sua abordagem. Neste estudo considera-se o livro como documento histórico e objeto cultural. O corpus documental foi constituído pelas sete edições da obra “Curso de Enfermeiros”. A delimitação do estudo teve como marco inicial o ano de 1920, ano da publicação da primeira edição do referido livro e como marco final, 1948, data da última publicação da obra. A análise dos dados foi feita a partir dos três princípios metodológicos de Roger Chartier: construção dos sentidos do texto, a força das representações e análise sincrônica e diacrônica. O livro de Possollo foi publicado numa temporalidade de vinte e oito anos com registro de esgotamento de algumas edições. Apesar da referência ao gênero masculino em seu livro, Possollo tinha clara preferência ao gênero feminino para o exercício da enfermagem. Seu discurso atribuía à profissão qualidades devocionais, como atributos essenciais para a formação de uma boa enfermeira. Constatou-se a presença de diversas representações ao longo da obra, como as de autoridade, poder, competência, hierarquia e institucionalização do saber. Em relação ao corpo principal do texto, as técnicas foram descritas pormenorizadamente e de maneira simples e objetiva. Já as competências reservadas aos enfermeiros, foram descritas, majoritariamente, por locuções verbais que possuíam como verbo auxiliar o “dever”, que está relacionado com obrigação, submissão. Concluiu-se, portanto, que, para Adolpho Possollo, a enfermagem consistia numa profissão designada para um grupo de mulheres da sociedade, ignorantes e de pouca instrução. A perspectiva de parte dos médicos e do autor da obra, era de que o conhecimento técnico adquirido por meio do curso regular para enfermeiras deveria ser um instrumental de ascensão, que se agregado aos deveres da profissão, tais mulheres ganhariam novos limites representativos na hierarquia do mundo social e profissional.

Palavras-chave: História da Enfermagem. Livros. Enfermeiras. Relações Médico-Enfermeiro.

ABSTRACT

The object of this study is the nurse's representations in the book entitled "Nursing Course" written by Adolpho Possollo. The following objectives have been defined for the operationalization of this study: to characterize the materiality and aesthetics of the book "Nursing Course", and analyze the nurse's representations in that referred work. The methodological approach was based on the assumptions of the New Cultural History as postulated by Roger Chartier, and based on the concept of representation of its approach. This book was considered as a historical and cultural object document in this study. The documental corpus was comprised of the seven editions of the book "Nursing Course". The delimitation of the study had a starting point in the year 1920, which was the year of the first edition publication, and 1948 as an ending point, the year of its last publication. Data analysis was based on the three methodological principles of Roger Chartier: construction of the text's meanings, the strength of representations, and synchronic and diachronic analyses. Possollo's book was published in a temporality of twenty-eight years; some editions were sold out. Despite the reference to the male gender in his book, Possollo had a clear preference for the female gender for the exercise of nursing. His speech attributed devotional qualities to the profession such as essential attributes for the formation of a good nurse. The presence of several representations was observed throughout the work such as authority, power, competence, hierarchy, and institutionalization of knowledge. The techniques were described in detail and in a simple and objective way in the main body of the text. Competencies reserved to nurses were mainly described by verbal phrases with the auxiliary verb "should", which is related to obligation, submission. Therefore, it was concluded that, to Adolpho Possollo, nursing consisted of a profession designated to a group of women in society, ignorant, and with low levels of education. The perspective of some of the doctors and the book's author was that the technical knowledge acquired through the regular course for nurses should be instrumental to rise, which when aggregated to the profession's duties would lead such women to gain new representative limits in the social and professional world hierarchy.

Keywords: History of Nursing. Books. Nurses. Physician-Nurse relations.

RESUMEN

El objeto de este estudio es las representaciones de la enfermera en el libro titulado "Curso de Enfermería" escrito por Adolpho Possollo. Para la ejecución de este estudio, se han definido los siguientes objetivos: caracterizar la materialidad y estética del libro "Curso de Enfermería" y analizar las representaciones de la enfermera en el libro. La metodología fue basada en los supuestos de la Nueva Historia Cultural como postulado por Roger Chartier y basada en el concepto de representación de su enfoque. Este libro fue considerado como un documento objeto histórico y cultural en este estudio. El corpus documental se constituyó de las siete ediciones del libro "Curso de Enfermería". La delimitación del estudio tuvo un punto de partida en el año 1920, que fue el año de la publicación de la primera edición, y un punto final en el año 1948, el año de su última publicación. Las analices de datos se basaron en los tres principios metodológicos de Roger Chartier: construcciones de significados del texto, la fuerza de las representaciones y los análisis sincrónicas y diacrónicas. El libro de Possollo fue publicado en una temporalidad de veintiocho años; algunas ediciones se agotaron. A pesar de la referencia al género masculino en su libro, Possollo tenía una clara preferencia por el género femenino para el ejercicio de la enfermería. Su discurso había atribuido cualidades devocionales a la profesión como atributos esenciales para la formación de una buena enfermera. Se observó la presencia de varias representaciones en toda la obra como autoridad, poder, competencia, jerarquía e institucionalización de los conocimientos. Las técnicas fueron descritas en detalle y de una manera simple y objetiva en el cuerpo principal del texto. Competencias reservadas a las enfermeras fueron descritas principalmente por frases verbales con el verbo auxiliar «deberían», que está relacionado con la obligación, sumisión. Por lo tanto, se concluyó que, a Adolpho Possollo, enfermería consistía en una profesión destinada a un grupo de mujeres en la sociedad, ignorante y con bajos niveles de educación. La perspectiva de algunos de los médicos y del autor del libro fue que el conocimiento técnico adquirido a través del curso regular para enfermeras debe ser instrumental a la subida, que cuando se agregan a deberes de la profesión, conducirían a esas mujeres obtener nuevos límites representativos en la jerarquía del mundo social y profesional.

Palabras clave: Historia de la enfermería. Libros. Enfermeras. Relaciones del médico y enfermera.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	Assinatura de Adolpho Possollo em documento destinado ao diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 31 de março de 1886	33
Imagem 2	Autógrafo de Adolpho Possollo, datado em 1944, em um exemplar do livro “Curso de Enfermeiros”	34
Imagem 3	Correio da Manhã – 28/06/1931	48
Imagem 4	Preço do livro “Curso de Enfermeiros” - Appendice Anthologico (1923)	51
Imagem 5	Valor afixado no livro “Curso de Enfermeiros” (1944)	52
Imagem 6	Mosaico de imagens das capas do livro “Curso de Enfermeiros” (1920)	55
Imagem 7	Formatos de livros (ARAUJO, 2008)	58
Imagem 8	Fragmento da capa do livro “Curso de Enfermeiros” (1920)	59
Imagem 9	Apresentação pessoal no livro “Curso de Enfermeiros” (1920)	59
Imagem 10	Editora na capa do livro “Curso de Enfermeiros” (1920)	60
Imagem 11	Título do livro “Curso de Enfermeiros” (1931)	60
Imagem 12	Autor do livro “Curso de Enfermeiros” (1931)	61
Imagem 13	Fragmento da capa do livro “Curso de Enfermeiros” (1931)	61
Imagem 14	Fragmento do texto de oferecimento de um exemplar da 2ª edição (1931) do livro “Curso de Enfermeiros” à Escola de Enfermagem Dr. Angelo da Fonseca (1973) e sua respectiva transcrição	63
Imagem 15	Destaque da editora da obra “Curso de Enfermeiros” (1931)	65
Imagem 16	“Curso de Enfermeiros” (1931)	66
Imagem 17	“Curso de Enfermeiros” (1936)	66
Imagem 18	Livro “Technica de Enfermagem” (1933)	66
Imagem 19	Capa do livro “Curso de Enfermeiros” (1948)	68
Imagem 20	Fragmento da capa do livro “Curso de Enfermeiros” (1948)	70
Imagem 21	Falsa folha de rosto do livro “Curso de Enfermeiros” (1936)	71
Imagem 22	Capa e folha de rosto do livro “Curso de Enfermeiros” (1920)	72
Imagens 23	Capa e folha de rosto do livro “Curso de Enfermeiros” (1936)	72
Imagem 24	Folha de rosto do livro “Curso de Enfermeiros” (1939)	73
Imagem 25	Folha de rosto do livro “Curso de Enfermeiros” (1942)	74
Imagem 26	Folha de rosto do livro “Curso de Enfermeiros” (1944)	74

Imagem 27	Capa e folha de rosto do livro “Curso de Enfermeiros” (1948)	75
Imagem 28	Dedicatória do livro “Curso de Enfermeiros” (1944)	76
Imagem 29	Sumário do livro “Curso de Enfermeiros” (1944)	77
Imagem 30	Prefácio da 1ª edição do livro “Curso de Enfermeiros” (1920)	79
Imagem 31	Prefácio da 2ª edição do livro “Curso de Enfermeiros” (1931)	82
Imagem 32	Prefácio da 3ª edição do livro “Curso de Enfermeiros” (1936)	83
Imagem 33	Prefácio da 4ª edição do livro “Curso de Enfermeiros” (1939) - Extraído da edição de 1942	86
Imagem 34	Prefácio da 5ª edição do livro “Curso de Enfermeiros” (1942)	87
Imagem 35	Prefácio da 6ª edição do livro “Curso de Enfermeiros” (1944)	89
Imagem 36	Prefácio da 7ª edição do livro “Curso de Enfermeiros” (1948)	90
Imagem 37	Fragmento do livro “Curso de Enfermeiros” (1936, p. 15)	92
Imagem 38	Trecho do livro “Curso de Enfermeiros” (1948, p. 13)	92
Imagem 39	Técnica de tomada de respiração (Curso de Enfermeiros, 1948)	95
Imagem 40	Técnica de segurar a criança para auscultação (Curso de Enfermeiros, 1948)	95
Imagem 41	Técnica da palpação direta – sem instrumentos (Curso de Enfermeiros, 1948)	96
Imagem 42	Demonstração da técnica de auscultação mediata ou por meio do estetoscópio (Curso de Enfermeiros, 1948)	97
Imagem 43	Enfermeiros no transporte de doentes (Curso de Enfermeiros, 1948)	97
Imagem 44	Demonstração de técnica e instrumental no livro “Curso de Enfermeiros” (1948)	98
Imagem 45	Bibliografia do livro “Curso de Enfermeiros” (1931)	99

LISTA DE ABREVIATURAS

AEC	Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro
BNP	Biblioteca Nacional de Portugal
CVB	Cruz Vermelha Brasileira
DGSP	Diretoria Geral de Saúde Pública
DNSP	Departamento Nacional de Saúde Pública
EAAAC	Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa
EEAN	Escola de Enfermagem Anna Nery
EEAP	Escola de Enfermagem Alfredo Pinto
EEUFBA	Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia
EEUFMG	Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais
EEUSP	Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo
EPE	Escola Paulista de Enfermagem
EPEAP	Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto
EPEE	Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras
ESEL	Escola Superior de Enfermagem de Lisboa
ESEnfC	Escola Superior de Enfermagem de Coimbra
ESEP	Escola Superior de Enfermagem do Porto
ESSE-UM	Escola Superior de Enfermagem de Calouste Gulbenkian da Universidade do Minho
FACENF/UERJ	Faculdade de Enfermagem da Universidade Estadual do Rio de Janeiro
FLUC	Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
FMUSP	Faculdade de Medicina da USP
FSPUSP	Faculdade de Saúde Pública da USP
HNA	Hospício Nacional de Alienados
IHB	Internacional Health Board
Lacenf	Laboratório de Abordagens Científicas na História da Enfermagem
Laphe	Laboratório de Pesquisa em História da Enfermagem
UFF	Universidade Federal Fluminense
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	Estado do Conhecimento	22
1.2	Contribuições do Estudo	26
2	ASPECTOS CONCEITUAIS: PERSPECTIVAS E PRESSUPOSTOS DA NOVA HISTÓRIA CULTURAL	29
3	OPERAÇÃO METODOLÓGICA	32
3.1	<i>Corpus</i> documental – A busca pelas edições da obra “Curso de Enfermeiros”.....	36
4	DA MENTE DO AUTOR ÀS MÃOS DO EDITOR – A ORIGEM DO LIVRO “CURSO DE ENFERMEIROS”	41
4.1	Do autor	41
4.2	A viagem à Europa	44
4.3	A obra “Curso de Enfermeiros” e suas editoras	46
5	AS REPRESENTAÇÕES DA ENFERMEIRA NA OBRA “CURSO DE ENFERMEIROS”	53
5.1	Representações de autoridade	53
5.2	Representações de <i>status</i> intelectual e competência	70
5.2.1	Falsa folha de rosto	71
5.2.2	Folha de rosto	71
5.2.3	Dedicatória	76
5.2.4	Sumário	77
5.2.5	Prefácio	78
5.3	Representações da enfermeira	91
5.4	Bibliografia	99
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
	REFERÊNCIAS	103
	APÊNDICE	110

SEÇÃO I

1. INTRODUÇÃO

No início do século XX, o Brasil enfrentava graves problemas sociais que inibiam o crescimento do país. O início do processo de industrialização aliado à migração interna e à chegada de grande número de imigrantes de diferentes nacionalidades, levou ao aumento desordenado da população, o qual evidenciou que os planejamentos urbano e regional estavam estanques à nova realidade. O resultado pôde ser percebido nas precárias e insalubres condições de vida e moradia da maioria dos habitantes, onde esses aglomeravam-se em cortiços nas áreas centrais das cidades e em construções irregulares nas periferias; e do mesmo modo, no desemprego e no predomínio dos baixos salários e condições inadequadas de trabalho (PONTE, LIMA e KROPF, 2010).

Esse período foi marcado, no domínio da saúde, pelo chamado movimento pelo saneamento do Brasil, onde médicos, cientistas, políticos e intelectuais discursavam sobre a ideia de que o principal obstáculo ao desenvolvimento social e econômico do país eram as endemias rurais, como ancilostomose, malária e doença de Chagas, que afetavam a produtividade do trabalho, diminuindo as exportações; e o descaso do Estado com as populações do interior do país (PONTE, LIMA e KROPF, 2010).

Ademais, as condições de vida e moradia a que o povo estava sujeito e as precárias condições de higiene das cidades favorecia o surgimento (e ressurgimento) de epidemias de doenças como a varíola, a peste, a febre amarela e a gripe espanhola, que juntas dizimaram milhares de pessoas e ainda, a tuberculose, que passou a ser reconhecida como doença transmissível e de caráter social, considerada a maior causa de morte na cidade do Rio de Janeiro, entre o final do século XIX e início do século XX (NASCIMENTO, 2005).

A saúde pública no início da Primeira República atuava segundo o modelo sanitário campanhista, baseado nas campanhas sanitárias de combate às epidemias, em que foram implementadas a vacinação obrigatória, a desinfecção dos espaços públicos e domiciliares, o isolamento dos doentes infectados em hospitais - quando faziam parte da camada menos favorecida da população - ou em suas residências - quando possuíam boas condições financeiras, entre outras ações de medicalização do espaço urbano, organizando-o com base nos discursos e práticas higienistas (PONTE, LIMA e KROPF, 2010).

Com a finalidade de instituir uma política nacional de saneamento, foi criada em 1918, pelo médico sanitarista Belisário Penna, a Liga Pró-Saneamento do Brasil. Penna e outros integrantes da Liga entendiam que era urgente a constituição de um órgão federal que coordenasse os serviços de saúde em todo o território nacional com o objetivo de preservar os programas de atenção à saúde das oscilações políticas que ocorriam frequentemente entre os estados (PONTE, LIMA e KROPF, 2010).

Entretanto, as ações sanitárias promovidas pelo governo central por meio da Diretoria Geral de Saúde Pública (DGSP) eram caracterizadas pelo seu caráter regional e fragmentado. A fragilidade dessas ações ficou evidente com a chegada da gripe espanhola no Brasil, que dizimou dois terços da população brasileira, dando início a uma crise sanitária, marcada por movimentos em prol de um serviço consistente e contínuo de saúde pública para a população (AYRES *et al*, 2012).

Com a intensificação do movimento sanitário, a reformulação dos serviços de saúde, higiene e saneamento da capital (Rio de Janeiro – DF) e do interior do Brasil sobrelevaram nos assuntos do governo federal. Assim, o sanitarista Carlos Chagas foi convidado pelo então presidente, Epitácio Pessoa (1919-1922), a assumir a liderança da Reforma Sanitária. Era a ascensão da elite médica sanitária ao processo decisório das questões de saúde pública no país. Defendia-se a criação de um ministério autônomo, mas tal proposta foi severamente refutada pelas oligarquias rurais que a consideravam como uma ameaça ao princípio da autonomia estadual, um dos alicerces da chamada República Velha (ou dos Governadores).

O resultado do jogo de forças entre os sanitaristas, o governo federal, os estados e o poder legislativo, foi a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), subordinado ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores, através dos Decretos nº 3.987, de 02 de janeiro de 1920, e nº 14.354, de 15 de setembro de 1920, que versam sobre sua criação e regulamentação (AYRES *et al*, 2012).

Em 1921, outra consequência da crítica ao modelo sanitário vigente, foi o início do programa de cooperação da Fundação Rockefeller, no Rio de Janeiro, então capital federal, modificando o conceito de saúde pública para um espaço de educação sanitária e organização dos serviços voltados à prevenção e às ações de saúde pública sob orientação dos serviços de saúde, e não mais de polícia sanitária (MOREIRA, 1999; SANTOS *et al*, 2011).

Nesse período (década de 1920), a saúde brasileira sofreu ações de prevenção e controle das situações através de uma política no setor, que caracterizou a presença do estado brasileiro na reorganização política de saúde (FREIRE; AMORIM, 2008).

Paralelamente, parte da enfermagem brasileira se inseria no campo da saúde pública e é possível afirmar que esse é um período de importante desenvolvimento no nível de formação, nos papéis desempenhados e nos estatutos dos enfermeiros (RODRIGUES, GOMES e ALMEIDA, 2008).

Até o momento, a historiografia da enfermagem brasileira aponta que a primeira iniciativa de profissionalização da enfermagem no Brasil se deu em 27 de setembro de 1890 com a criação da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (EPEE) anexa ao Hospício Nacional de Alienados (HNA), na cidade do Rio de Janeiro, onde a formação de enfermeiros se dava no campo da assistência psiquiátrica mas deveria atender não só os hospícios como também aos hospitais civis e militares. O pano de fundo foi a laicização da enfermagem nesse hospital. Enquanto a escola preparava os alunos, a assistência aos alienados era prestada por enfermeiras francesas, oriundas de um hospital público de Salpêtrière (MOREIRA e OGUISSO, 2005).

Batista e Barreira (1997) acreditam que por ter estado a EPEE ligada ao HNA e sob a égide da Diretoria de Assistência a Psicopatas, adotou o modelo de ensino em enfermagem utilizado no Hospital Salpêtrière, o qual era influenciado pelos avanços da psiquiatria na França e nos ideais da Revolução Francesa. Por outro lado, Débora Kirschbaum (1994), em sua tese de doutoramento, considera que a opção dos psiquiatras do HNA pelo modelo de ensino em enfermagem utilizado nos hospitais da França não foi casual, nem por desconhecimento de outros modelos educacionais, mas por ser a forma mais adequada de centralizar o poder nas mãos dos médicos e mais apropriado às condições que dispunham, uma vez que precisavam formar profissionais no menor tempo e ao menor custo.

A formação da primeira turma de enfermeiros da EPEE data de 1906. Concluíram o curso, cinco enfermeiros, dos quais, três homens e duas mulheres, conforme consta em um documento do Hospício Nacional de Alienados, assinado pelo Diretor, Dr. Júlio Afrânio Peixoto e encaminhado ao Ministro da Justiça e Negócios Interiores, Joaquim José Seabra¹. Em 1919, houve um desdobramento da EPEE em seção feminina, que passou a funcionar na Colônia do Engenho de Dentro (SILVA e PORTO, 2008).

Moreira e Oguisso (2005) e Porto e Amorim (2010) descrevem outras iniciativas de formação de enfermeiras nesse período: o Curso de Enfermeiras do Hospital Samaritano, na cidade de São Paulo, em 1894, criado por enfermeiras inglesas; o Curso de Enfermeiras voltado

¹ Documento nº 253, de 18/04/1906, lista de formados em 1906. Fonte: Arquivo Nacional, Ministério do Interior/Série Saúde.

para os cuidados obstétricos, da Maternidade de São Paulo (1908-1913); o funcionamento de 1912 a 1917 de uma Escola de Enfermeiras na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo; a fundação, em 1912, do Curso de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira (CVB), na cidade de São Paulo, que funcionou até 1916 e, depois, de forma intermitente, até 1940; no Rio de Janeiro, em 1914, foi instituído o Curso de Enfermeiras Voluntárias da CVB; em 1916, também na CVB, na cidade do Rio de Janeiro, foram criados o curso para formação de Enfermeiras Profissionais e a Escola Prática de Enfermeiras da CVB, e, em 1917, foi instituído o Curso de Enfermeiras da Policlínica de Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro, que até 1920, formou duas turmas de enfermeiros.

Apesar de todas essas iniciativas de profissionalização da enfermagem, podemos encontrar na literatura registros que a enfermagem, anterior à chamada Enfermagem Moderna, instituída pela Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, era exercida por pessoas despreparadas para exercer tal função, tal como mostra o registro noticioso da Revista Brazil-Medico, a Revista Semanal de Medicina e Cirurgia, fundada em 1887, e que durante muitos anos foi o principal periódico médico do país.

Ainda não nos capacitamos no Brazil de que o mister de enfermeiros exige uma certa cultura de espirito, indispensavel para a aquisição do preparo profissional. O enfermeiro precisa ser um auxiliar do medico, capaz de comprehender-lhe as prescripções e executal-as *conscientemente* e com plena responsabilidade.

Entre nós, sobretudo nos grandes hospitaes, além de desprovidos de preparo propriamente profissional, são os enfermeiros individuos bisonhos, incultos, na maioria dos casos quasi analphabetos (REVISTA BRAZIL-MEDICO, 1920, p. 312, grifo próprio)².

Em 1921, o diretor do DNSP, Carlos Chagas, solicitou apoio à Internacional Health Board (IHB)³ para a implementação do Serviço de Enfermeiras do Brasil. Assim, a Fundação

² Essa declaração, consta de um texto, sem assinatura, da seção intitulada “Editoriaes”, da Revista Brazil-Medico. Esse texto é iniciado por um comentário do autor a respeito de uma reportagem divulgada na mídia escrita, sobre um doente que ingeriu formol em vez de limonada purgativa, no HNA. O erro, segundo o autor do editorial, é atribuído ao descuido imperdoável, devido à ignorância e à incompetência dos enfermeiros. Vale ressaltar, que a revista tinha como diretor e redator principal, o ex-diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Dr. Azevedo Sodré e, como redator-secretário e redator-gerente, à época, Fábio Sodré e Luiz de Azevedo Sodré, respectivamente.

³ Em 1915, chegou ao Brasil a primeira Comissão da Fundação Rockefeller, a International Health Commission. Em 1916, essa comissão recebeu nova denominação, passando a se chamar International Health Board (IHB). Esta data também marcou a entrada da Missão Médica da Fundação Rockefeller no Rio de Janeiro, a pedido do governador do estado do Rio de Janeiro, Nilo Peçanha, com o intuito de diagnosticar, prevenir e combater as endemias. A IHB participou ativamente na condução das atividades da Fundação Rockefeller no Brasil, o que facilitou o estreitamento dos laços e a consequente entrada de médicos sanitaristas norte-americanos da Fundação Rockefeller no país (FREIRE e AMORIM, 2008).

Rockefeller criou a Missão de Cooperação Técnica para o Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil, posteriormente conhecida como Missão Parsons. Desta forma, ainda no mesmo ano, a enfermeira americana Ethel Parsons, à época enfermeira-chefe da Divisão de Higiene Infantil e Enfermagem de Saúde Pública do Texas, veio ao Brasil chefiando uma missão de enfermeiras norte-americanas para a criação de um serviço de enfermeiras do DNSP e uma escola de enfermeiras (SANTOS *et al*, 2011).

Ao chegar ao Brasil, Parsons iniciou um trabalho de avaliação e diagnóstico locais onde segundo Santos *et al* (2011), evidenciou a superlotação dos hospitais, verificou que as escolas de enfermagem existentes na capital federal não adotavam os padrões mínimos de enfermagem existentes nos países anglo-saxões e, além disso, afirmou que a enfermagem era exercida por pessoas de ambos os sexos e sem preparo profissional.

Sob outra perspectiva, ao analisar os aspectos históricos do Serviço de Enfermeiras do DNSP, redigido por Edith de Magalhães Fraenkel (FRAENKEL, 1997)⁴, pode-se verificar que o mesmo, primeiramente, nega a existência de enfermeiras preparadas para atuarem na saúde pública e escolas modernas (nos moldes das existentes nos Estados Unidos à época) voltadas para a formação dessas profissionais. Quando cita o despreparo profissional, refere-se ao corpo de enfermeiras visitadoras oriundo do curso de instrução de emergência, com formação a cargo dos médicos Plácido Barbosa (Inspetor de Profilaxia da Tuberculose) e J. P. Fontenelle, auxiliados por outros médicos da Inspetoria de Profilaxia da Tuberculose.

Posteriormente, na mesma publicação, com o subtítulo “Escola de Enfermeiras”, Fraenkel afirmou que não existia em todo o país, nem na América do Sul, uma escola capaz de preparar enfermeiras profissionais. Provavelmente, estava se referindo à colocação de Ethel Parsons, no artigo intitulado “A enfermagem moderna no Brasil”, onde afirmou que não havia no Brasil escolas de enfermagem com o preparo adequado para o trabalho no âmbito da saúde pública e que um projeto de uma escola de enfermeiras nunca fora experimentado na América Latina, com exceção de Cuba (PARSONS, 1997).

Por certo, essa enfermeira norte-americana desconhecia outras iniciativas de profissionalização da enfermagem sul-americana ou ignorava a relevância das escolas de enfermagem até então existentes no Brasil e em outros países da América do Sul⁵. Assim, por

⁴ O texto, em fac-símile, foi publicado pela Esc Anna Nery Rev de Enferm. em 1997 (setembro e dezembro), dividido em duas partes, devido ao volume de informações constantes na publicação original. Essa, é oriunda da revista Annaes de Enfermagem, 1932 a 1935 (informações constantes nas publicações de 1997).

⁵ A primeira escola de enfermagem da América do Sul, a Escola de Enfermeiras do Círculo Médico Argentino, foi fundada em 1886, pela médica Cecília Grierson, na Argentina. A criação da Escola, surgiu como resposta a uma necessidade da sociedade moderna, apontada por Grierson, em formar um corpo de auxiliares da medicina, por

meio da Missão Parsons, um modelo de formação de enfermeiras foi introduzido no Brasil pela Fundação Rockefeller, dando privilégio para o sexo feminino e com controle e treinamento exercidos por enfermeiras norte-americanas.

Foi inaugurada a Escola de Enfermeiras do DNSP, em fevereiro de 1923, anexa ao Hospital Geral de Assistência do Distrito Federal, posteriormente denominado Hospital São Francisco de Assis, com regime de internato, para favorecer o controle e a disciplina das alunas. Glete de Alcântara (1966), em sua tese de cátedra, afirmou que o objetivo inicial era atender às necessidades de mão de obra no campo da saúde pública e dar continuidade às atividades de educação sanitária até então desenvolvidas por médicos sanitaristas (MEDEIROS, TIPPLE e MUNARI, 1999). A formação da primeira turma de enfermeiras, composta por 15 mulheres, ocorreu em 1925, dando início a chamada enfermagem moderna no Brasil.

É nesse contexto que, em 1920, é publicado o livro “Curso de Enfermeiros”, redigido por Adolpho Possollo, médico, chefe do serviço de cirurgia do Ambulatório Rivadavia Corrêa, da Colônia do Engenho de Dentro e docente de clínica cirúrgica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

O objetivo de Possollo era contribuir na formação do enfermeiro e da enfermeira no que tange o aprimoramento do preparo técnico desta categoria por creditar a eficiência destes junto aos enfermos e médicos à sua habilidade técnica, como pode-se verificar em um trecho do prefácio da 1ª edição desta obra:

A enfermeira ou enfermeiro tem necessidade absoluta de conhecer a técnica de sua profissão. Precisam reunir toda uma série de conhecimentos teóricos e práticos, indispensáveis à sua nobre e indispensável função (POSSOLLO, 1920, prefácio).

O autor evidencia que a enfermeira ou enfermeiro devem conhecer a técnica, tomando-a como o ordenamento de um conjunto de ações que deve ser realizado por tal profissional para chegar a um determinado resultado. Anos mais tarde, pode-se ver a apropriação desse conceito de forma ampliada, como técnicas de enfermagem, por enfermeiras brasileiras que iniciaram a composição de manuais sobre a sistematização do saber e da prática de enfermagem, como podemos destacar o livro *Técnica de Enfermagem*, de Zaíra Cintra Vidal, publicado pela primeira vez em 1933 (FREIRE, 2014).

meio de instituições de ensino que seguissem o modelo inglês ou norte-americano (NASCIMENTO, AMORIM e ALMEIDA, 2009).

Adolpho Possollo afirmava ainda, que havia grande necessidade de formação de enfermeiros no país e defendia a criação de uma Escola de Enfermeiras, de ensino teórico e prático, com noções suficientes ao conhecimento do organismo humano e à assistência aos enfermos de todas as especialidades médicas e cirúrgicas. Possollo acreditava que a seção feminina da EPEE viesse a satisfazer as necessidades da classe médica brasileira no que tange à formação de pessoal habilitado para trabalhar nos hospitais e casas de saúde de todo o país (POSSOLLO, 1920, prefácio).

A inserção das enfermeiras no campo da saúde pública não interferiu na dominação masculina, na figura do médico, sobre o gênero feminino, representado pelas enfermeiras. Enquanto essas constituíam o corpo operacional da política de saúde pública vigente, os médicos sanitaristas assumiam as funções de comando, na elaboração e direcionamento dessa política. As enfermeiras de saúde pública, assim como as demais, eram subordinadas aos médicos, realizando tarefas vinculadas ao trabalho manual e por vezes não valorizadas pelos mesmos, ainda que indispensáveis para lograr os objetivos da política de saúde (MASCARENHAS, 2013).

A relação de subordinação médico/enfermeiro(a) tem presença marcante no livro “Curso de Enfermeiros”, onde em diversos trechos pode-se identificar inscrições como “auxiliar do médico”, “apenas os executores”, “prescrições ordenadas”, entre outras. Segundo o autor da obra, o enfermeiro e a enfermeira devem ter clareza de que não substituem o médico, devendo ser cumpridores do seu papel, executando as determinações médicas (POSSOLLO, 1920, p. 7).

No momento anterior à profissionalização da enfermagem, a representação da enfermeira estava ligada ao papel da mãe, à solidariedade, à prática empírica e desarticulada. Sampaio (2002), ao analisar imagens de enfermeiras veiculadas na mídia impressa e visual, verificou que a sociedade as representavam por meio de diferentes tipos de personagens morais, como a mãe, a irmã, a santa, o anjo e a mulher objeto. Kuhse (1997 *apud* BORGES *et al*, 2003) afirma que com o aumento do capital de conhecimento dos médicos acerca da prevenção, dos mecanismos de transmissão, tratamento e cura de muitas doenças, a partir da segunda metade do século XIX, eles sentiram necessidade de trabalhar com assistentes preparadas e capazes de seguir as orientações pertinentes ao tratamento dos doentes por meio das prescrições médicas.

As relações de poder entre médico e enfermeiro se traduziam no grau de autoridade e prestígio do primeiro em relação ao segundo. O médico como o possuidor do conhecimento para a cura do corpo doente e das decisões acerca dos procedimentos a serem executados pelo

enfermeiro e esse como cumpridor das ordens médicas. Verifica-se, desse modo, a enfermagem nascendo como profissão complementar ou subordinada à prática médica. Essa hierarquização fica evidenciada na construção de uma representação da profissão (BORGES *et al.*, 2003).

As representações do mundo social não traduzem a realidade protagonizada pela razão, mas são determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Da mesma maneira, pode-se afirmar que as percepções do social não são discursos neutros, produzem estratégias e práticas que possibilitem impor seus valores em detrimento de outros (CHARTIER, 1990).

Assim, considerando as circunstâncias de profissionalização da enfermagem à época e ainda, os aspectos da formação do enfermeiro nos primórdios da República, foi elaborada a seguinte questão norteadora: como foi dada a representação da enfermeira no livro “Curso de Enfermeiros”, na temporalidade das publicações de suas edições?

Roger Chartier, em sua obra *A ordem dos livros* (1994), afirma que os autores não escrevem livros, mas textos dotados de estratégias e intenções, que se tornam objetos escritos, manuscritos, gravados, impressos ou informatizados. Tais textos não existem em si mesmos, isolados da materialidade. Entendendo que as formas através das quais o texto atinge o seu leitor são indispensáveis para a sua compreensão, Chartier declara que os livros não são escritos mas fabricados por copistas e outros técnicos de acordo com as decisões dos editores ou com as limitações das oficinas impressoras. Desse modo, pode-se afirmar que todos esses profissionais fazem parte de uma comunidade de autores, onde cada um tem o seu papel e contribuição definidos.

Para Chartier (1990), em lugar de nos substituímos em imaginação aos sujeitos que estudamos e tentar fazê-los pensar como pensaríamos se estivéssemos no seu lugar, o que poderia conduzir a hipóteses falsas, devemos nos esforçar para descobrir os hábitos mentais desses sujeitos por meio da análise das suas representações coletivas e das conexões entre estas representações.

A adoção do livro “Curso de Enfermeiros” neste estudo torna-se relevante e imperiosa uma vez considerada a importância dessa obra para a época, devido à escassez de fontes direcionadas para a formação do enfermeiro (RODRIGUES, GOMES e ALMEIDA, 2008). No Brasil, anterior à obra de Possollo, é conhecido apenas o livro do médico Getúlio dos Santos, denominado “Livro do enfermeiro e da enfermeira- para uso das pessoas que se destinam à profissão de enfermeiro e das pessoas que cuidam de enfermos”, com sua primeira edição datada de 1916. Foram publicadas mais duas edições, nos anos de 1918 e 1928.

Segundo Roger Chartier (1994), as obras não possuem sentido estático, universal, fixo. Ou seja, elas são investidas de significações plurais e móveis, construídas no encontro de uma posição com uma recepção. Desse modo, definimos como objeto de estudo, as representações da enfermeira no livro intitulado “Curso de Enfermeiros” redigido por Adolpho Possollo.

Para operacionalizar o estudo, foram elencados os seguintes objetivos: caracterizar a materialidade e a estética do livro “Curso de Enfermeiros” e, analisar as representações da enfermeira na referida obra.

1.1. Estado do Conhecimento

Os livros, manuscritos ou impressos, são objetos cujas formas comandam os usos de que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis na medida em que os suportes nos quais eles se fazem ler, ouvir ou ver fazem parte da construção do sentido (CHARTIER, 1994).

No Brasil, ainda há carência de pesquisas capazes de emergir fontes de leituras que possam ser utilizadas como instrumento de compreensão histórica do livro. Entretanto, pode-se verificar a utilização do livro como documento-objeto em trabalhos de investigação de autores como Mott e Tsunehiro (2002) no artigo “Os cursos de enfermagem da Cruz Vermelha Brasileira e o início da enfermagem profissional do Brasil”, onde apesar de utilizar outras fontes, privilegiam a análise do primeiro manual conhecido para o ensino da enfermagem profissional no Brasil, o “Livro do Enfermeiro e da Enfermeira - para uso das pessoas que se destinam à profissão de enfermeiro e das pessoas que cuidam de enfermos”, escrito pelo médico Getúlio dos Santos, em 1916. As autoras justificam a escolha pelo livro didático ratificando o seu importante papel na propagação dos princípios considerados fundamentais para a formação do aluno, na uniformização do conhecimento e ainda, na criação de uma determinada tradição de ensino.

As autoras discutem a gênese da profissionalização da enfermagem brasileira, dissolvendo a tese de que a mesma se deu com a criação da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, em 1923, citando a inauguração da EPEE em 1890 e focando nos cursos de enfermagem da CVB, na década de 1910. Discorrem sobre o Curso de Enfermeiras Profissionais da CVB do Rio de Janeiro por meio do livro de Getúlio dos Santos, médico, professor e diretor da referida Escola por muitos anos e conclui que esse Curso não foi uma tentativa efêmera pois possuía um programa, currículo e manual para apoio de professores

e alunas, além de ter funcionado por várias décadas e formado um número expressivo de enfermeiras. Afirmam que há registros que essas enfermeiras lutaram pela melhoria do ensino, pelo reconhecimento da Escola e ainda, pela criação de um órgão de classe, contribuindo de forma efetiva para o processo de profissionalização da enfermagem brasileira (IDEM).

Cláudia Cruz da Silva (2015), em dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem – Mestrado, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, também utilizou livros como documentos-objetos da sua pesquisa. Foi realizado um estudo sobre a circularidade cultural das técnicas de bandagens na obra “Curso de Enfermeiros”, de Adolpho Possollo, analisada comparativamente com as imagens sobre essa técnica contidas nas obras de dois autores franceses, a saber “Les bandages et les appareils à fractures” (GUILLEMIN, 1875) e “Précis iconographique de bandages, passéments et appareills” (GOFFRES, 1838). Foi desenvolvido por meio da abordagem da micro-história, delimitada pelo conceito de circularidade cultural desenvolvida por Carlo Ginzburg. A autora aponta que Possollo, ao se apropriar das imagens do livro de Guillemin (cujas imagens foram inspiradas no livro de Goffres) e transmiti-las através do seu livro, o fez para construir um fazer baseado nas suas interpretações acerca do tema uma vez que não foi divulgado todo o conteúdo pertinente a que teve acesso. Além disso, o estudo revelou a circularidade das imagens contidas na obra de Possollo entre classes culturais (medicina/enfermagem) e geograficamente distintas (França/Brasil/Portugal).

Cellard (2008) afirma que o documento escrito é insubstituível quando se deseja reconstituir acontecimentos referentes a um passado relativamente distante uma vez que com frequência ele é considerado um dos mais fortes vestígios da atividade humana de uma dada época. Além disso, a sua análise permite a observação da maturação ou evolução de indivíduos, grupos, comportamentos, conceitos, práticas, entre outras.

A área de educação também aponta interesse para a investigação tomando por base o livro como objeto de pesquisa. Destaco dois trabalhos que ilustram essa afirmativa. O primeiro é o artigo de Almeida (2013), que trata da representação da mulher por meio da personagem Leonora do livro “El celoso extremeño” ou “O ciumento”, traduzindo para o português, de Miguel de Cervantes, publicado em 1613. Essa narrativa apresenta a figura da mulher tratada sob os moldes orientadores da conduta feminina nos séculos XVI e XVII. A autora destaca a representação de dominação e poder do homem em relação à mulher. Entretanto, enfatiza que apesar de ocorrer a submissão da dominada, está presente, ainda que de forma particular, o

poder de decisão da mulher, uma vez que mesmo cercada de normas cristalizantes, ela decide e consegue transpor as barreiras deixadas pelo seu marido para encontrar-se com outro homem.

O outro estudo é o livro de Ana Célia da Silva (2011), intitulado “A representação social do negro no livro didático: o que mudou? Por que mudou?”, que é resultado da sua tese de doutoramento defendida em 2001, na Universidade Federal da Bahia. O estudo identifica que na década de 1980, a presença do negro nos livros didáticos utilizados no ensino fundamental era marcada pela desumanização e estigma, com ilustrações mostrando as crianças brancas em atividades de lazer ou educação escolar e os negros trabalhando ou realizando atividades consideradas negativas. Já nos livros da década de 1990 analisados pela autora, os negros são representados humanizados, como integrantes de famílias, com nomes próprios, direitos de cidadania e sem estigmas ou estereótipos. Entretanto, a frequência das ilustrações dos negros em relação aos brancos ainda corrobora a raça/etnia como uma representação da minoria. Conclui o estudo, evidenciando que os livros continuam dando invisibilidade ao negro apesar das mudanças significativas concernentes à sua representação nos livros didáticos, essas atribuídas principalmente à atuação do Movimento Negro Brasileiro junto às instituições políticas e sindicais.

Faz-se necessário registrar a magnitude adquirida pelas lutas de representação no processo de longa duração, de erradicação e de monopolização da violência, onde o que está em questão é a hierarquização da própria estrutura social. Estudando as representações que os grupos constroem deles próprios ou dos outros, a história cultural pode regressar utilmente ao social, uma vez que a sua atenção está voltada para as estratégias que determinam posições e relações e ainda, para a atribuição de um “ser-apreendido” para a constituição da identidade de cada classe, grupo ou meio (CHARTIER, 1990).

No que diz respeito às representações na área da saúde, cabe destacar os estudos de dois autores enfermeiros: a tese de doutoramento de Luiz Henrique Chad Pellon (2013) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Biociências, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), onde utiliza a Revista Ceará Médico, publicada nos anos de 1930, para fazer uma interlocução entre a assistência à saúde e a eugenia nas representações veiculadas por esse periódico. Sob a perspectiva de Roger Chartier, compreendeu o “corpo” autoral do Ceará Médico como um conjunto de leitores que se apropriaram, criaram e ressignificaram os estatutos científicos da sua época, buscando garantir sua primazia hierárquica no campo em que se inseriam. Assim, a Revista Ceará Médico remontou a sua influência para a construção edificadora de um sentido de realidade na medida em que se

apropriou dos estatutos da ciência eugênica para representar a assistência à saúde nas páginas do periódico e, por meio delas, manter a autoridade de ordenar o campo sanitário cearense.

O segundo destaque é para a tese de doutoramento de Mary Ann Menezes Freire Morais (2014), também apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Biociências, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), que por meio da proposta metodológica alicerçada na abordagem da Nova História Cultural, tal como postulada por Roger Chartier, analisou as representações da técnica de enfermagem na obra “Técnica de Enfermagem”, de autoria de Zaíra Cintra Vidal, nas edições compreendidas entre os anos de 1933 e 1963. Além disso, discutiu as implicações dessas representações para o processo de desenvolvimento da enfermagem. Assim, pode compreender que a obra, investida de significações que construíram no encontro de uma proposição com uma recepção, evidenciou a presença de representações de poder, autoridade e institucionalização do saber tanto nos elementos pré-textuais quanto na organização textual interna do livro. Ademais, a autora afirma que a representação da técnica como arte de enfermagem transpassou a obra, o que possibilitou “um salto” nas concepções e, conseqüentemente, na evolução do saber de enfermagem.

A partir das últimas décadas do século XX houve um incremento das pesquisas com base na Nova História Cultural uma vez que essa abordagem proporcionou a expansão dos objetos historiográficos. A utilização do livro, suas representações e formas de apropriação despertou o interesse dos historiadores, contribuindo também para o aumento do número de linhas e grupos de pesquisa relacionados ao tema, como mostra Freire (2014) em sua tese de doutoramento, que em busca realizada com o termo “História Cultural”, encontrou 521 grupos de pesquisa cadastrados no CNPq.

Já Mecone e Freitas (2009), em artigo científico voltado para a reflexão acerca dos aspectos da representação da enfermagem face a americanização do Brasil durante o envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial, na revista “Cruz Vermelha Brasileira”, destacam a presença feminina nas reportagens ou propagandas da revista em favor de uma mobilização popular a fim de obter subsídios para os soldados no *front* de batalha. Revelaram que, por um lado, encontraram registros enaltecendo a dignidade da profissão com textos sobre a importância da enfermagem e, por outro lado, esses textos desvelam uma representação estereotipada, de enfermeira subserviente e dócil, como sendo atributos inerentes à profissão. Concluem que a mobilização civil tendo como modelo as enfermeiras e a enfermagem foi resultante da política de americanização do Brasil e que as representações da enfermagem de

guerra veiculadas nessa revista, giravam em torno da enfermeira como heroína, anjo cuidador, legionária e patriota.

Devido à diversidade de produções existentes, não é possível assim como não é o objetivo dessa investigação, listar todos os estudos pertinentes aos temas “estudo do livro” e “representações”. Entretanto, faz-se necessária a realização de um mapeamento acerca dos estudos já produzidos e inseridos na historiografia brasileira a fim de identificá-los e conhecê-los para assim, emergir as lacunas para a construção de novos produtos de pesquisa.

1.2. Contribuições do Estudo

O livro didático tem função primordial no processo de escolarização em nosso país uma vez que se constitui na principal fonte impressa de informação utilizada por docentes e discentes. Não obstante, somente nas últimas décadas foi possível evidenciar estudos acerca deste tema devido à contribuição da historiografia, sobretudo da História Nova ou História Cultural (LIMA, 2012).

Belo (2008) aponta o livro como uma das fontes mais ricas de que o historiador dispõe, pois nele encontram-se as ideias do seu autor, as marcas do lugar social de onde escreveu, os indícios da produção e da venda da obra, do trabalho de ilustração, de grafismo, além da materialidade e espiritualidade deste.

Na historiografia da enfermagem brasileira não foram encontrados registros de produções científicas que tenham pesquisado as representações da enfermagem na obra de Adolpho Possollo porém, muitos autores dedicaram-se ao estudo dessa obra nos seus mais variados aspectos, seja pela imersão no conteúdo ou pelo discurso do autor na construção de mapeamento da sistemática educacional da enfermagem do início do século XX.

Espírito Santo (2012), em sua tese de doutoramento apresentada à Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (USP), intitulada *Gênero e enfermagem: reafirmação de papéis sociais na seção feminina da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (1920-1921)* utilizou o livro, objeto desse estudo, como uma das fontes históricas da sua investigação para estabelecer uma relação de analogia entre esse e o currículo da Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto, a seção feminina da EPEE, assim como para delinear o papel social das enfermeiras na década de 1920 por meio dos discursos de gênero.

Silva e Silva Junior (2010), no artigo *Especialização e gênero: “a preferência pelas mulheres” para o curso de visitadoras sociais no Distrito Federal (1927-1943)*, também

corroboram a tese da predileção pelo sexo feminino no exercício da enfermagem ao longo das primeiras décadas do século XX e apontam características de enfermeiras inerentes às mulheres presentes ao longo do livro “Curso de Enfermeiros” e de outras fontes históricas.

Já Rodrigues e Moreira (2014) no trabalho intitulado *Manuais de enfermagem no Brasil: o cuidado de enfermagem no posicionamento cirúrgico*, apresentado no 16^o Congresso Brasileiro dos Conselhos de Enfermagem, abordam a história do cuidado de enfermagem nas pequenas cirurgias, principalmente no posicionamento cirúrgico, por meio de uma análise comparada dos livros de Adolpho Possollo, já citado, e Getúlio dos Santos, o “Livro do Enfermeiro e da Enfermeira - para uso das pessoas que se destinam à profissão de enfermeiro e das pessoas que cuidam de enfermos”.

O estudo do documento, assim como sua(s) definição(ões), técnicas de utilização, modos de interpretação, tipologia, entre outros fatores, oferecem ao pesquisador uma oportunidade singular de reflexão sobre a História. E, ao mesmo tempo, desvenda um caminho que leva ao aprendizado de um conjunto de operações técnicas, instrumentos e procedimentos necessários ao trabalho (SAMARA e TUPY, 2007).

Esse mesmo livro foi selecionado por Silva e Porto (2008) com o intuito de descrever a matéria de administração no curso de enfermagem da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, seção feminina, no artigo *A matéria de administração da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, seção feminina (1921-1926)*. Essa relação foi possível pois, assim como no livro de Getúlio dos Santos de 1916, onde os ensinamentos propostos estavam em consonância com o programa da Escola de Enfermagem da Cruz Vermelha Brasileira do Rio de Janeiro (MOTT e TSUNECHIRO, 2008), na apresentação do livro “Curso de Enfermeiros”, o autor afirma que o conteúdo segue o programa oficial estabelecido, referindo-se ao conteúdo do Decreto n^o 791/1890, que versa sobre os aspectos legais de criação da EPEE, estabelecendo assim uma relação entre o livro e à proposta de ensino do curso de enfermeiras da EPEE, logo, seção feminina (SILVA e PORTO, 2008).

Não há intenção de apresentar todas as investigações que se utilizaram da obra de Possollo para construir conhecimento acerca da temática história da enfermagem. Entretanto, devido a sua inquestionável importância para a história do ensino e da profissionalização da enfermagem, pode-se verificar a utilização dessa obra como referência bibliográfica de dissertações e teses, assim como de inúmeros artigos de história da enfermagem.

Nesse sentido, esse estudo ao tempo que contribui para preencher uma lacuna da história da enfermagem brasileira na abordagem de um tema pouco explorado por essa categoria,

valoriza a obra, indiscutivelmente relevante para a formação do enfermeiro e para o ensino e a pesquisa em história da enfermagem. Além disso, a realização de investigações acerca das representações da enfermagem pode ser considerada iniciativa indispensável para a compreensão da história da enfermagem e, de uma maneira mais ampla, da apropriação de discursos e comportamentos dos enfermeiros e para tentar decifrar as incompreensões da realidade do presente.

SEÇÃO II

2. ASPECTOS CONCEITUAIS: PERSPECTIVAS E PRESSUPOSTOS DA NOVA HISTÓRIA CULTURAL

O arcabouço intelectual que deu origem à Nova História Cultural surgiu no final da década de 1920, na França, como resultado de um movimento de renovação da historiografia, a Escola dos *Annales*⁶. Lucien Febvre e Marc Bloch, como historiadores da primeira fase desse movimento, iniciaram uma nova forma de se pensar as questões historiográficas em contraposição à história tradicional dos grandes homens e fatos e, buscaram o diálogo com as demais Ciências Humanas, a antropologia, a psicologia, a linguística, a geografia, a economia e, principalmente, a sociologia (LACERDA FILHO, 2006).

Cabe destacar, que esta seção não pretende esgotar todas as vertentes e correntes teóricas sobre o processo de construção e consolidação da Nova História Cultural nem atribuí-las graus de importância mas, será delineada na perspectiva do historiador Roger Chartier por meio da trajetória por ele percorrida para construir suas bases conceituais e metodológicas, e, especialmente, as noções teóricas da sua abordagem da Nova História Cultural.

A história cultural francesa, entre as décadas de 1960 e 1970, é entendida por Chartier (1990) como uma dupla vertente de história das mentalidades e de história serial e afirma que a compreensão dos seus traços só se dá na medida em que são relacionados com a crise da própria história enquanto disciplina à época. A história pertencia ao grupo das disciplinas dominantes nos campos universitário e intelectual, tanto pelo seu efetivo quanto pelo capital escolar dos seus mestres. Entretanto, essa configuração se modificou nos anos 1960, quando as ciências sociais apresentaram uma taxa de crescimento expressiva no número de professores,

⁶ Peter Burke (1992) sinaliza que talvez seja mais adequado referir-se a esse grupo de historiadores como um movimento dos *Annales* e não como uma “escola”. Apesar dessa denominação ter surgido para enfatizar o que possuem em comum, caracterizar esse movimento como um grupo monolítico, com história uniforme é estereotipá-los, ignorando as divergências individuais entre seus membros assim como seu desenvolvimento no tempo. Esse movimento pode ser dividido em três fases: a primeira (1920-1945) foi caracterizada por ter sido um movimento pequeno, radical e subversivo, que confrontou sobretudo a história tradicional; a segunda fase, após a Segunda Guerra Mundial, foi a que mais se aproximou de uma “escola”, com conceitos diferentes na estrutura e conjuntura e novos métodos; a terceira fase iniciou em 1968 e foi marcada pela fragmentação ou policentrismo do projeto dos *Annales*, uma vez que muitos historiadores transferiram-se da história socioeconômica para a sociocultural e redescobriram a história política e a narrativa. Burke enfatiza que esse foi um empreendimento coletivo, onde um número significativo de indivíduos contribuiu expressivamente para a construção dessa nova historiografia e alerta que o movimento tem sido frequentemente discutido como se pudesse ser atribuído a apenas um grupo restrito de três ou quatro de seus membros.

com currículos mais modestos, porém com forte capital social. Esse desafio lançado à história colocou em xeque os seus objetos e certezas metodológicas, desviando a atenção das hierarquias para as relações e das posições para a representação.

A tentativa das ciências sociais em converter a sua fragilidade institucional em hegemonia intelectual resultou numa resposta dupla dos historiadores: iniciaram uma estratégia de captação de novos objetos, por meio do estudo das relações entre indivíduos e entre o indivíduo e a cultura; e, retornaram ao estudo das utensilagens mentais, uma das inspirações fundadoras dos primeiros *Annales* dos anos de 1930, que podem ser entendidas como uma forma alternativa de entender a história onde, as utensilagens são os mecanismos culturais e intelectuais (pensamento, língua, linguagem científica e o sistema de percepções) pertencentes a cada civilização e, mais ainda, a cada época da mesma civilização (CHARTIER, 1990).

A História das Mentalidades tinha por objeto o coletivo, a confiança nos números e na quantificação, o gosto pela longa duração, por isso a utilização dos princípios de inteligibilidade e das práticas metodológicas já estabelecidas pela história econômico-social. Do mesmo modo, se detinha à investigação das práticas diversas, como cerimônias, rituais sociais, desde o nascimento até à morte, insistindo no estudo dos elementos inconscientes. Entretanto, essa história gerou uma série de críticas na produção historiográfica francesa por apresentar a ausência dos atores sociais (CHARTIER, 1990).

Pertencente a uma geração do declínio das *mentalidades*, Chartier estava insatisfeito com a maneira com que estavam fazendo a história na França, porém era contrário a um retorno absoluto dos atores sociais. Sugere, portanto, uma proposta historiográfica que reconhecesse a maneira com que os atores sociais investiam de sentido suas práticas e seus discursos, pensando nos sujeitos num limite entre os constrangimentos e a liberdade (VENÂNCIO, 2014). Desse modo, entre as décadas de 1980 e 1990, reavaliando criticamente, porém sem negar a tradição dos *Annales*, esse historiador se destacou no que hoje entendemos como Nova História Cultural, uma história que rejeitou a visão dicotômica entre cultura popular e cultura erudita e que tem como objeto principal o modo como uma realidade social é construída, pensada e lida em diferentes lugares e momentos. Este conceito está intimamente ligado às classificações, delimitações e divisões que estabelecem a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de apreciação do real (CHARTIER, 1990).

Segundo Roger Chartier (1990), as percepções do social são espaços de lutas de representação, onde se pode pensar em uma história cultural do social em que as representações do mundo social descrevem a sociedade como pensam que ela é ou como gostariam que fosse.

O autor também se dedicou a investigar os diferentes tipos de impressos, destinados aos leitores de diversas classes sociais e, os processos formais por meio dos quais são construídos sentidos e produzidas significações. Nessa perspectiva, três noções se tornam fundamentais: representação, prática e apropriação.

Nesse estudo, vou me ater ao conceito considerado por Chartier como pedra angular de uma abordagem segundo a história cultural: a representação, que em última análise, permite articular três modalidades da relação com o mundo social, por meio do trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; pelas práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo e significar simbolicamente um estatuto e uma posição; e finalmente, por intermédio das formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns “representantes” (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade.

Assim, considerando que as obras e os discursos estão investidos de significações plurais e móveis e que só existem quando se tornam realidades físicas e ainda, que os suportes nos quais eles se fazem ler, ouvir e ouvir tomam parte na construção do sentido, esse estudo pretende submeter a exame as representações emergidas de um livro didático voltado para a formação de enfermeiros em um período onde a profissionalização dessa classe de trabalhadores ainda se mostrava incipiente para, assim, compreender as práticas, complexas e múltiplas que lhes permitiram apreender o mundo.

SEÇÃO III

3. OPERAÇÃO METODOLÓGICA

O presente estudo está inserido na pesquisa institucional “História do cuidado nos aspectos micro e macromoleculares: práticas, saberes e instituições” e integra a linha de pesquisa intitulada “O Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil”, pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem – Mestrado, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Essa linha de pesquisa objetiva possibilitar a discussão do processo de profissionalização da enfermagem no Brasil, comparar o processo de construção da enfermagem brasileira com o de outros países e proporcionar discussões sobre gênero e profissionalização da enfermagem, nas práticas e saberes das instituições de educação e saúde.

Sua proposta metodológica está fundamentada na abordagem da Nova História Cultural, segundo os pressupostos do historiador francês Roger Chartier, que decodifica o modo como o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado a partir de esquemas intelectuais incorporados por meio da apreensão do mundo social, entendida como fundamental na percepção e apreciação do real, bem como pela compreensão que as variáveis produzidas por classes sociais ou meios intelectuais distintos dependem das disposições estáveis e partilhadas de cada grupo, de acordo com uma determinada realidade social.

A observação documental torna-se, portanto, essencial para a construção do sentido de realidade de uma obra. Neste estudo considera-se o livro como documento histórico e objeto cultural. De acordo com Silva Júnior (2011), documento é todo o vestígio do passado passível de análise histórica. Desta forma, entende-se o livro como ponto de partida para o conhecimento de um momento histórico e como uma forma de revisitar o passado e interpretá-lo sob uma nova perspectiva (FAVERO, 2009).

Aróstegui (2006), discorre sobre as técnicas de observação documental, caracterizando-as como aquelas aplicáveis ao estudo dos “documentos” em suas mais variadas formas e suportes, desde que forneçam uma observação mediata da realidade e, destaca que são os documentos escritos – de arquivo, publicações oficiais periódicas ou não, livros, folhetos, opúsculos diversos, imprensa, dentre outros – além dos documentos visuais ou sonoros, os seus tipos mais representativos.

Sob tal perspectiva, o documento-objeto dessa pesquisa é o livro intitulado “Curso de Enfermeiros” de Adolpho Possollo, destinado a contribuir para a formação do enfermeiro por meio da exposição de noções de higiene, anatomia e fisiologia e das práticas assistenciais aos

enfermos. A delimitação do estudo tem como marco inicial o ano de 1920, ano da publicação da primeira edição referido livro e como marco final, 1948, data da última publicação da obra.

Chartier (1994), afirma que o livro visa instaurar uma ordem e nessa ordem pode estar inserida a de sua decifração, a do interior da qual ele dever ser compreendido ou, aquela desejada pela autoridade que o encomendou ou autorizou sua publicação. Porém, esta ordem não possui o poder de anular a liberdade dos leitores. Assim, apesar de uma liberdade limitada pelas competências e convenções, essa liberdade encontra formas de se desviar e reformular as significações que a reduziram.

Cabe ressaltar que existem duas grafias para o sobrenome do autor, Possolo (com um “L”) e Possollo (com dois “L”). É possível visualizar as duas grafias no decorrer da história, quer em documentos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Inspetoria Geral de Higiene e jornais da época, quer em trabalhos científicos e livros acerca de Adolpho Possollo, sua obra ou genealogia. Em relação à obra “Curso de Enfermeiros”, nas seis primeiras edições visualiza-se o sobrenome do autor com a grafia “Possollo” e, na última edição (1948), “Possolo”. Para efeito desse estudo, foi considerada a grafia utilizada pelo próprio autor para compor a sua assinatura: “Possollo”, como pode-se observar em documento destinado ao diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 31 de março de 1886 e, em um autógrafo do autor datado de 1944 em um exemplar do livro “Curso de Enfermeiros”

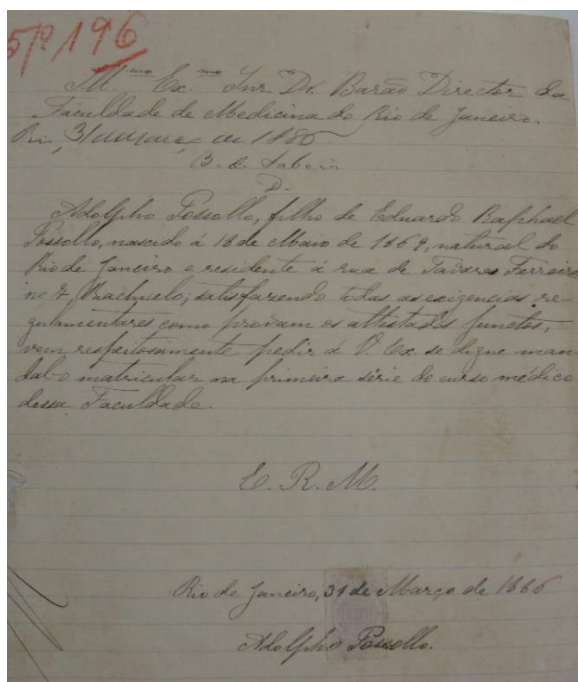



Imagem 1 – Assinatura de Adolpho Possollo em documento destinado ao diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 31 de março de 1886.

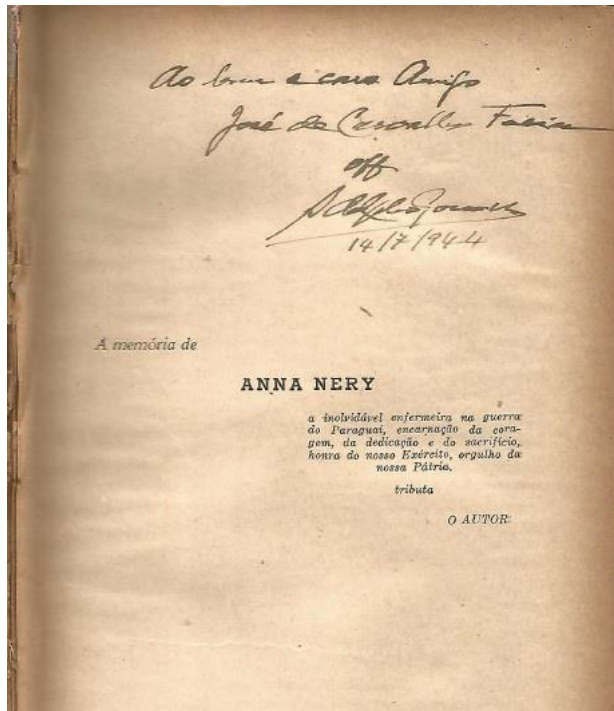


Imagem 2 – Autógrafo de Adolpho Possollo, datado de 1944, em um exemplar do livro “Curso de Enfermeiros”

O *corpus* documental foi composto pelas sete edições desta obra, publicadas nos anos: 1920, 1931, 1936, 1939, 1942, 1944 e 1948. Para tanto foram utilizados os acervos da Biblioteca Setorial da Enfermagem e Nutrição, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, Biblioteca Nacional de Portugal, Laboratório de Abordagens Científicas na História da Enfermagem (Lacenf) e livrarias de livros usados (sebos).

Para Droysen (2009, p. 53), todo trabalho histórico deve começar por uma crítica rigorosa das fontes, onde o resultado não culmina no “fato histórico propriamente dito” mas na constatação de que o material foi preparado de forma a permitir uma interpretação relativamente segura e correta e, afirma que “aqueles que recusam ir além da crítica se equivocam naquilo que abandonam à imaginação, em lugar de trabalhar com os resultados da crítica e buscar regras que assegurem sua exatidão também para continuar o trabalho subsequente”.

A primeira tarefa do pesquisador é a certificação de que o material que possui é realmente aquele que foi tomado como tal, ou seja, que se apresenta tal como o(s) autor(es) o redigira(m). Isso se revela na medida em que o material passa pelo crivo da crítica externa ou de autenticidade. É preciso reconhecer se é um documento original, uma cópia ou um documento falso. Para tanto, Salmon (1979), adota a crítica de proveniência, onde o pesquisador

procura resolver o problema da autenticidade por meio de respostas às perguntas sobre a identidade do autor do documento, a data, o lugar de origem e a forma do mesmo e ainda sobre as vias seguidas pelo documento até o pesquisador.

Nessa investigação, foram utilizados exemplares pertencentes aos acervos de instituições públicas onde pode-se verificar o carimbo das instituições de origem em algumas páginas e, adquiridos exemplares por meio de livrarias que compram, vendem e trocam livros usados, denominadas sebos, onde observam-se anotações particulares dos antigos donos. Foram consideradas as formas de crítica que atenderam as exigências de verificação do documento-objeto, assegurando a autenticidade dos originais ou cópias reprográficas.

A fase seguinte à crítica do documento, compreendeu a análise do documento-objeto à luz dos três princípios metodológicos propostos por Chartier (2011). O primeiro diz respeito à construção do sentido dos textos entre limites transgredidos e liberdades controladas. Contrário a uma definição semântica do texto, Chartier (1994) afirma que as formas produzem sentido e que um texto incorpora uma significação e um *status* inéditos na medida em que se modificam os dispositivos que convidam à sua interpretação. Para analisar a construção do sentido é importante que se compreenda as competências, as convenções, as apropriações dos produtos culturais próprios a cada grupo.

Complementarmente, fez-se necessário o estudo da materialidade e da estética na obra de Adolpho Possollo. Foi utilizado o conceito de editoração de Emanuel Araújo (2008), que segundo o qual, alia as técnicas de produção às técnicas editoriais, possibilitando a organização visual do texto e do suporte que o ampara sem, contudo, trair o pensamento do autor.

O segundo princípio metodológico toma como eixo a força das representações, sejam elas interiorizadas ou objetivadas, subvertendo a ideia de que as representações são simples imagens, verdadeiras ou falsas, de uma realidade que lhes seria externa, mas sustentando que possuem uma energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado é, efetivamente, o que dizem que é (CHARTIER, 2009).

A sua operacionalização foi realizada conforme a abordagem da Nova História Cultural, tal como postulada por Roger Chartier e, no estudo da produção textual conforme Guedes (2009), que afirma que os usos expressivos da língua são utilizados com a finalidade de produzir deliberados efeitos de sentido sobre determinados leitores.

No terceiro princípio Chartier (2011) propõe localizar e interpretar temporalmente o objeto de análise em um campo em que se entrecruzam duas linhas, uma vertical ou diacrônica, que estabelece a relação de um texto com as manifestações anteriores no mesmo ramo de

atividade cultural, e outra, horizontal ou sincrônica, que permite determinar a relação do objeto intelectual com obras contemporâneas em outros ramos ou aspectos de uma cultura.

Assim, foi utilizada literatura de apoio para contextualização, análise e interpretação/triangulação dos dados coletados, que consistiram de artigos, dissertações e teses concernentes à história cultural, da formação do enfermeiro e da enfermagem brasileira. Cabe ressaltar, que foi respeitada a grafia original dos textos quando realizada a citação direta dos mesmos, parcial ou integralmente. E ainda, somente o termo “enfermeira” quando isolado, foi utilizado sob a perspectiva de gênero. O termo “enfermeiro” foi empregado no sentido amplo e, particularmente na perspectiva de gênero, quando seguido do termo “enfermeira”.

Além disso, foi adotada a estratégia de fotografar as edições do livro “Curso de Enfermeiros”, não com o intuito de realizar um estudo aprofundado das imagens contidas na obra, mas para utilização da técnica iconográfica como ferramenta de comprovação documental. Foram utilizados um telefone celular da marca Samsung, modelo Galaxy S3, com câmera de 8 megapixels que permite a realização de fotografias com resolução de 3264x2448 pixels, e uma câmera fotográfica da marca Nikon, modelo Coolpix P510, com 16.1 megapixels e resolução de 4608x3456 pixels.

A utilização do conteúdo textual e iconográfico da obra aliado às fotografias produzidas pela pesquisadora foi importante para a construção das representações a partir da análise da sua materialidade. Para efeito desse estudo, essas fotografias e o conteúdo iconográfico da obra, foram denominadas como “imagem”, que segundo Araújo (2008), pode ser caracterizado como qualquer figura, desenho ou outra reprodução visível ao olho humano que, na medida do possível, procura retratar o original.

3.1. *Corpus* documental – A busca pelas edições da obra “Curso de Enfermeiros”

O *corpus* documental desse estudo é constituído pelas sete edições da obra “Curso de Enfermeiros”, de autoria de Adolpho Possollo, publicadas entre os anos de 1920 e 1948. A busca por esses vestígios do passado foi iniciada pelos laboratórios de história da enfermagem dos quais sou membro: o Laboratório de Pesquisa em História da Enfermagem (Laphe) e o Laboratório de Abordagens Científicas na História da Enfermagem (Lacenf), ambos da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (EEAP/ UNIRIO), onde não obtive sucesso na busca pelas edições mas recebi a valorosa informação que um exemplar da obra em pesquisa fazia parte do

acervo pessoal da Prof.^a Dr.^a Almerinda Moreira, membro fundador do Laphe e diretora da EEAP.

O contato presencial com a Dr.^a Almerinda Moreira se deu nas dependências do Laphe, durante o encontro semanal realizado pelos membros desse laboratório, quando foi verificado que se tratava da quarta edição da obra, datada de 1939, sob a forma de cópia reprográfica. A pesquisadora me indicou a sua orientanda do curso de graduação em enfermagem, Livia Caldi Rodrigues, que estava de posse do livro uma vez que a investigação *Manuais de enfermagem no Brasil: o cuidado de enfermagem no posicionamento cirúrgico*, estava em andamento. Assim, foi necessário que eu reproduzisse a cópia pertencente à Prof.^a Dr.^a Almerinda Moreira.

A busca seguiu para a Biblioteca da Escola de Enfermagem e Nutrição, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro onde não consegui sucesso por meio da pesquisa ao catálogo online da base de dados da biblioteca, que utiliza o *software* SophiA Biblioteca. Entretanto, com a ajuda da bibliotecária, Sra. Regina de Almeida, foi encontrada a primeira edição da obra, a de 1920, no acervo de obras raras da instituição.

Em pesquisa ao acervo de obras gerais da Fundação Biblioteca Nacional pelo catálogo online, que também se utiliza do SophiA Biblioteca, foi encontrado um exemplar sem identificação de data. Em visita a essa biblioteca, pude constatar que se tratava da terceira edição da obra. Tive acesso ao antigo catálogo online da instituição onde verifiquei a existência de mais uma edição disponível, a de 1948. Cabe ressaltar, que apenas a palavra-chave Possollo conseguiu apontar essa última edição, provavelmente, porque o nome do livro registrado no catálogo estava equivocado, a saber: “Curas de Enfermeiras, atualizada e acrescida de uma parte especial de enfermagem da criança”. Essa obra constava no catálogo antigo porém não foi encontrada no acervo pelos funcionários. O bibliotecário, Sr. Antônio, diante da dificuldade em localizar o livro, procurou nas fichas catalográficas mas a inscrição de localização era a mesma da edição de 1936, como se as duas edições do livro fossem o mesmo exemplar. Também foram consultados os acervos do Arquivo Nacional e da Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ, porém com resultados infrutíferos.

Nesse ínterim, o Prof. Dr. Wellington Mendonça de Amorim, adquiriu para ampliar o acervo do Lacenf, as edições de 1936, 1944 e 1948 da obra de Adolpho Possollo, por meio de um sítio de comércio eletrônico que reúne sebos e livreiros de todo o Brasil, denominado Estante Virtual. Esses exemplares foram franqueados pelo pesquisador e também constituíram o *corpus* documental dessa pesquisa.

Devido à dificuldade em encontrar as edições da obra “Curso de Enfermeiros” nas instituições e entendendo que a análise da obra poderia ser mais fidedigna se a fizesse de posse dos originais da mesma, resolvi iniciar uma busca através dos sebos por diferentes *sites* disponíveis para tal comércio. Obtive sucesso com a Estante Virtual em sebos distintos, onde encontrei cinco livros, de quatro edições da obra:

- 1920 (Sebo Progresso/RJ) – R\$ 69,90
- 1936 (Sebo Garimpo do Saber/SP) – R\$ 21,00
- 1942 – capa dura azul (Sebo Espaço Cultural 2/PR) – R\$ 25,00
- 1942 – capa dura vermelha (Sebo Barbacena/MG) – R\$ 22,00
- 1944 (Sebo do Bau/SP) – R\$ 19,90

A compra de livros da mesma edição se justificou pela compreensão que eles são diferentes na medida em que apresentam carimbos institucionais, nomes ou anotações pessoais que podem ser usados na identificação da origem dos mesmos.

A última edição a ser encontrada foi a segunda, de 1931. Durante a leitura de um artigo dos autores portugueses Rodrigues, Gomes e Almeida (2008) sobre a segunda edição da obra de Possollo, onde afirmavam que a obra utilizada para a investigação encontrava-se na Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, iniciei uma busca pelos acervos portugueses e tomei a decisão de entrar em contato com a Biblioteca Nacional de Portugal (BNP). Procedi a busca por meio do catálogo online da BNP, onde confirmei que possuía tal edição. Assim, mandei uma mensagem eletrônica (*e-mail*) para essa instituição a fim de solicitar a cópia reprográfica desse exemplar. Mediante solicitação em formulário próprio e pagamento da quantia estipulada em tabela, recebi a cópia na minha residência, por meio dos Correios.

Complementarmente, com o intuito de identificar a circularidade da obra, foi realizada uma busca por meio dos sistemas *online* das bibliotecas das escolas de enfermagem criadas no Brasil até a década de 1940. Foram selecionadas aquelas que pertenciam a universidades públicas. Cabe destacar, que nas escolas de enfermagem que não possuíam sistema de busca próprio, a pesquisa foi realizada por meio do sistema integrado das bibliotecas da universidade. Assim, foram pesquisadas: Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (EEUFMG), criada sob a denominação de Escola de Enfermagem Carlos Chagas, em 1933, Escola Paulista de Enfermagem, da Universidade Federal de São Paulo (EPE/UNIFESP), criada em 1939 com o nome Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo, Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP), fundada em 1942, Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa (EEAAC/UFF), criada em 1944, Faculdade de Enfermagem da Universidade

Estadual do Rio de Janeiro (FACENF/UERJ), fundada no mesmo ano, sob a denominação de Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo e, Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (EEUFBA), fundada em 1946.

Considerando que a segunda edição do livro foi encontrada somente em Portugal, continuei a pesquisa sobre a circularidade da obra de Possollo também nesse país. A seleção das escolas de enfermagem obedeceu ao seguinte critério: escolas de enfermagem em atividade no ano de publicação da segunda edição do livro “Curso de Enfermeiros”, 1931. Segundo Vieira (2007) *apud* Ferreira (2012), nessa data existiam quatro escolas de enfermagem em Portugal: Escola de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca, em Coimbra, Escola Superior de Enfermagem Artur Ravara, em Lisboa, Curso de Enfermeiros do Hospital Geral de Santo António, no Porto e Escola de Enfermagem do Hospital de São Marcos, em Braga. Atualmente, essas escolas recebem outras denominações: Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESENfC), Escola Superior de Enfermagem de Lisboa (ESEL), Escola Superior de Enfermagem do Porto (ESEP) e Escola Superior de Enfermagem de Calouste Gulbenkian da Universidade do Minho, respectivamente⁷.

Cabe ressaltar que na Universidade de Coimbra, foi promovida a busca por meio do catálogo integrado *online* de todas as bibliotecas da instituição, uma vez que durante leitura da dissertação de José Pedro dos Santos Costa (2012), apresentada ao Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa, cujo objetivo era o estudo do impacto do Curso de Complemento de Formação em Enfermagem à carreira dos enfermeiros, no sentido da promoção e progressão profissional, o mesmo indicou a presença de um exemplar do livro “Curso de Enfermeiros” na Faculdade de Letras dessa Universidade.

⁷ A Escola de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca (fundada em 1881) fundiu-se, em 2006, com a Escola Superior de Enfermagem de Bissaya Barreto (1971), originando a Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESENfC), de ensino público (ESENfC, 2015). A Escola Superior de Enfermagem Artur Ravara (1901), fundiu-se com outras três escolas superiores de enfermagem públicas de Lisboa, em 2004, a Escola Superior de Enfermagem de Calouste Gulbenkian, de Lisboa (1957), a Escola Superior de Enfermagem de Francisco Gentil (1940) e a Escola Superior de Enfermagem de Maria Fernanda Resende (1984), dando origem à Escola Superior de Enfermagem de Lisboa (ESEL) (ESEL, 2008). O Curso de Enfermeiros do Hospital Geral de Santo António (1896), passou a denominar-se Escola de Enfermeiros do Hospital Geral de Santo António (1935) e, em 1953, Escola de Enfermagem de D. Ana Guedes da Costa. Essa última fundiu-se com as Escolas Superiores de Enfermagem da Cidade do Porto e São João, gerando a Escola Superior de Enfermagem do Porto (ESEP), em 2007, também de ensino público (SILVA, 2010). Por fim, a Escola de Enfermagem do Hospital de São Marcos (1911), passou a chamar-se Escola de Enfermagem Dr. Henrique Telles (1948), em 1961, Escola de Enfermagem de Calouste Gulbenkian, depois, Escola Superior de Enfermagem de Calouste Gulbenkian (1988) e, finalmente, em 2005, Escola Superior de Enfermagem de Calouste Gulbenkian da Universidade do Minho, instituição pública de ensino (MACEDO, 2010).

Assim, as edições do livro “Curso de Enfermeiros” de Adolpho Possollo, consideradas para este estudo, foram:

- 1ª edição, 1920 – Original
- 2ª edição, 1931 – Cópia reprográfica
- 3ª edição, 1936 – Original
- 4ª edição, 1939 – Cópia reprográfica
- 5ª edição, 1942 – Original
- 6ª edição, 1944 – Original
- 7ª edição, 1948 – Original

Compreendendo que todas as obras foram encontradas e que seriam suficientes para contemplar o proposto pela investigação, deram-se por encerradas as buscas. Le Goff (1990), afirma que o documento é uma montagem consciente ou inconsciente da história, época ou sociedade que o produziu e das épocas posteriores durante as quais continuou existindo. Completa afirmando que os documentos não aparecem em diferentes lugares por acaso, sua presença ou ausência nos arquivos ou qualquer outro espaço dependem das causas humanas e ainda, que a intervenção do historiador na escolha dos documentos não é uma situação neutra e que deve ser considerada na crítica documental.

SEÇÃO IV

4. DA MENTE DO AUTOR ÀS MÃOS DO EDITOR – A ORIGEM DO LIVRO

A produção do sentido de um texto, tal como postulada pela Nova História Cultural, é recente. Chartier (1994), afirma que para o *new criticism*⁸ assim como para a *analytical bibliography*⁹, a produção do sentido é atribuída a um funcionamento automático e impessoal de um sistema de signos, onde o essencial é o processo de fabricação do livro, as edições editoriais, as práticas das oficinas e os hábitos da profissão. A maneira como a obra é lida, recebida, interpretada bem como as competências do autor não tem importância para essas abordagens.

Contudo, nas últimas décadas, assiste-se à volta do autor, rearticulando o texto ao próprio autor, as obras às vontades ou às posições de seu produtor. Entretanto, essa reaparição torna o autor, ao mesmo tempo, dependente e reprimido. Dependente, pois ele não é o mestre do sentido e suas intenções expressas na produção do texto não se impõem necessariamente aos produtores ou leitores do livro, além disso, o autor depende das regras (do patronato, do mecenato, do mercado) que definem a sua condição e das determinações não conhecidas que impregnam a obra e que a fazem com que seja concebível. Reprimido, pois ele se submete às múltiplas determinações que organizam o espaço social da produção literária ou delimitam as categorias e as experiências que são as próprias matrizes da escrita.

4.1. Do autor

Adolpho Possollo, natural do Rio de Janeiro, filho de Eduardo Raphael Possollo e Maria Emília Possollo, primos - o que justifica a presença de apenas um sobrenome - e descendentes de família portuguesa, nasceu em 18 de maio de 1869 (FARIA, 1906; BORGES, 2006).

⁸ O *new criticism* é uma abordagem minuciosa dos elementos técnicos ou formais do enunciado poético, defendida por William Empson e T. S. Eliot. Teve origem nos anos 1930, no Sul dos Estados Unidos e teve posição dominante nos estudos literários entre as décadas de 1940 e 1950, apesar de não ter se constituído em um movimento organizado. Nessa abordagem, a crítica literária não incorpora qualquer preocupação com os elementos biográficos, psicológicos ou históricos, sendo o texto literário compreendido como objeto independente, elaborado a partir do domínio da técnica de composição, produto de um trabalho com a linguagem (ELIOT, 1989; TEIXEIRA, 1998).

⁹ A *analytical bibliography* ou bibliografia analítica tem como pioneiros A. W. Pollard, R. B. McKerrow e W. Greg e iniciou como uma ferramenta para o estudo dos impressos de Shakespeare e de outros dramaturgos dos períodos Elizabetano (1558-1603) e Jacobino (1792-1794). É uma abordagem cujo foco principal está no modo pelo qual as formas físicas, essas por meio das quais os textos chegam aos seus leitores, afetam o processo de construção do sentido de um texto (SILVESTRE, 2007).

Graduado médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde iniciou os estudos aos 17 anos¹⁰, formou-se em 1892 (ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA, 1908). Foi interno do Hospital da Misericórdia e da segunda cadeira de clínica cirúrgica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Recebeu o título de Livre Docente pela mesma Faculdade, em 1914, com a tese “Medicação animal em cirurgia” (POSSOLLO, 1948).

Possollo tinha formação médica e patente militar. Foi capitão médico do Regimento Policial do Estado do Rio entre os anos de 1892 e 1893, cirurgião do Hospital da Misericórdia de Piracicaba (SP), cirurgião da Colônia de Psicopatas de Vargem Alegre, onde também exerceu o cargo de diretor por dois períodos. Além disso, na época da publicação da primeira edição do livro “Curso de Enfermeiros”, era chefe do Serviço de Cirurgia do Ambulatório Rivadavia Corrêa, na Colônia do Engenho de Dentro (POSSOLLO, 1920).

Médico influente, foi cirurgião efetivo da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro (AEC)¹¹ entre os anos de 1903 e 1910, período em que ministrou conferências e participou de congressos como representante da EAC. Estão listados na seção “PUBLICAÇÕES DO AUTOR” no livro “Curso de Enfermeiros” (POSSOLLO, 1948):

- Transporte de doentes, principalmente feridos – Memória apresentada ao 2º Congresso Científico Americano (1905);
- Da prostatite gonocócica – Memória apresentada ao 5º Congresso Brasileiro de Medicina, em São Paulo (1907);
- Uma viagem à Europa – Publicação de relatório apresentado à Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro (1907);
- Assistência privada – Conferência realizada na Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro (1909);

¹⁰ ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA. Prontuário Adolpho Possollo: matrícula da Faculdade de Medicina – Exercícios 1885 e 1886, 31 mar 1886.

¹¹ A Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro (AEC) foi criada em 1881 pelo negociante Victorino José de Carvalho e pelo caixeiro Antônio Mathias Pinto Júnior, tornando-se, portanto, uma organização interclassista, e considerada a mais antiga associação da classe comercial. Nos primórdios de sua criação, a AEC preocupava-se com o fechamento das portas mas, posteriormente, destacou-se pela sua beneficência. Em 1883, a associação contava com 2.053 sócios e, em 1912, a AEC possuía 13.748 membros. A entidade era eficiente na assistência social e beneficência aos sócios necessitados. Os médicos e advogados, sócios da AEC, eram quem prestavam os serviços de atendimento aos caixeiros. Esses serviços prestados aliados à biblioteca, segundo alguns membros da associação, eram os únicos benefícios dos quais usufruíam uma vez que a maior das suas expectativas ainda não tinha sido alcançada, a lei da regulamentação da carga horária de trabalho. Apesar de muitos dos seus associados terem sido políticos ou pessoas influentes, a diretoria era composta pela classe patronal (POPINIGIS, 1999).

- Assistência cirúrgica no Rio de Janeiro – Memória apresentada ao Congresso de Higiene e Assistência Pública (1910);
- A Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro e seu papel na Assistência privada - Memória apresentada ao Congresso de Higiene e Assistência Pública (1910).

Publicou ainda, outros textos, livros e artigos, tais como: “Inclusão intestinal” (Revista do Grêmio dos Internos – 1891), “Assassinato médico” (Revista Kosmos – 1904), “Sonofórmio” (Estudo clínico da anestesia - 1904), “Tumor do rim esquerdo” (1905), “Cirurgia dos acidentes” (Série de artigos sobre acidentes do trabalho, enviados de Paris – O País – 1904), “Mecanoterapia” (Revista Brasileira de Fisioterapia e Medicina Prática – 1913), “Pais, mestres e enfermeiros” (2ª edição – 1933), “O enfermeiro de psicopatas” (1939), entre outras publicações. Ademais, participou dos estudos e construção do primeiro automóvel ambulância do Rio de Janeiro (POSSOLLO, 1948).

Em 1908, Possollo se candidatou a uma vaga na Academia Nacional de Medicina para ocupar a cadeira de nº 39, Seção de Cirurgia, vaga após o falecimento do Prof. Ed. Chapot Prevost (REGO FILHO, 1908). Era o único candidato inscrito. O parecer datado de 21 de maio de 1908 e assinado pelos médicos Daniel de Almeida – presidente da seção de cirurgia, Álvaro Ramos e Alfredo Porto, foi favorável ao seu ingresso na Academia porém o seu conteúdo afirmava que Possollo foi pouco cuidadoso ao confeccionar a sua memória “Da ectopia do testículo”, inédita para a candidatura ao cargo. Os pareceristas apontavam para inadequações de alguns termos empregados durante a sua escrita, entretanto, é perceptível o tom jocoso utilizado nas suas considerações (ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA, 1908). Insatisfeito, Possollo não aceitou a investidura. José Pereira Rego Filho, médico acadêmico, ao tomar ciência do referido parecer, proferiu um discurso inflamado a favor de Possollo, segundo o mesmo, por amor à ética e à deontologia da profissão, caracterizando o parecer como ridículo, sem ciência e sem compostura, com a finalidade de ferir o prestígio clínico do candidato (REGO FILHO, 1908).

O presidente da Academia, Augusto César Diogo, absteve-se de comentar o caso e declarou aberta a vaga. Nesse mesmo ano, Adolpho Possollo se candidatou novamente à cadeira nº 39 da Academia, juntamente com os médicos Arnaldo Quintela e Augusto Paulino Soares de Souza. A comissão de pareceristas foi formada pelos acadêmicos Daniel de Almeida, José Antonio de Abreu Fialho e Álvaro Ramos. A resposta foi favorável ao Dr. Augusto Paulino,

com a memória “Da necessidade da localização das craniotomias”, provavelmente a primeira memória sobre neurocirurgia apresentada no Brasil (NETTO, 2009).

Após a Primeira Guerra Mundial, Possollo começou a sustentar a ideia de criação de um curso regular de enfermeiras, que permitisse que as profissionais formadas fossem capazes de atuar nas diversas especialidades médico-cirúrgicas. Porém, o desempenho das suas funções não estava ligado exclusivamente aos doentes, mas, às famílias dos mesmos e, principalmente, aos médicos, a quem deveriam servir com dedicação e obediência. Nos seus registros, a valorização dos atributos morais femininos ganha destaque sobre os aspectos técnicos ou intelectuais.

4.2. A viagem à Europa

A preocupação de Adolpho Possollo com a formação de enfermeiros não surgiu na década de 1920 mas, data dos primeiros anos do século XX, segundo a historiografia mais recente. Em um relatório de viagem apresentado à Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, em dezembro de 1904 e publicado em 1907, o autor apresenta uma descrição detalhada dos “centros mais adiantados em matéria de cirurgia do Velho Mundo”, as condições das suas instalações, os serviços oferecidos, o corpo médico e de enfermagem¹².

O intuito das visitas de Possollo (1907, s.p) foi observar como se dava a assistência nos hospitais da Europa a fim de agregar conhecimentos e “trazer coisas boas” ao seu meio. Já a publicação do livro referente ao relatório teve o objetivo de fornecer informações sobre os serviços europeus, desfazendo mitos propagados por aqueles que “pensam engrandecer-se amesquinhando os nossos homens e as nossas instituições” ou tecendo elogios exagerados acerca da assistência estrangeira.

No livro, os assuntos foram divididos em capítulos, nessa ordem: Cirurgia Geral, Hospitais Europeus, Mecanoterapia, Carros – Ambulâncias – Automóveis, Radiografia e Radioscopia, Congresso Francês de Cirurgia, Escola de Enfermeiras, Cursos de Prospectores da Faculdade (de Pariz), Vias urinárias, O Serviço de Prof. Guyon (de Vias Urinárias), Cursos de Necker (de Vias Urinárias) e O Serviço de Harthmann (Vias Urinárias).

¹² POSSOLLO, A. Uma Viagem à Europa. Rio de Janeiro: Typ. Rebello Braga, 1907. Consultado na Fundação Biblioteca Nacional, localização I-204, 7, 1, n. 1. Material: livro. Relatório entregue por Possollo em dezembro de 1904 à Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro e, publicado juntamente com os relatórios da diretoria dessa associação “em meados” de 1907. Em novembro de 1907, tal relatório foi publicado, em separado, sob a forma de livro.

Possollo inicia seus apontamentos sobre a enfermagem, destacando que o serviço hospitalar deve merecer atenção de todos aqueles que se interessam pela saúde pública e atribui a paralização dos hospitais do estado à insuficiência da direção clínica, a insuficiência dos recursos humanos e, principalmente à ausência completa de enfermeiros. Exemplifica seu apontamento dizendo que é fato notório e incontestável a procura da “melhor sociedade inglesa” pelos hospitais londrinos e afirma que isso se deve a três razões: à magnífica instalação hospitalar, à direção autônoma e profissional e às enfermeiras civis e habilitadas.

Nos hospitais de Berlim, Possollo (1907) observa a mesma tríade e os mesmos resultados. Destaca as instalações das enfermarias, onde havia ligação elétrica entre os leitos dos pacientes e o quarto da enfermeira chefe por meio de campainhas, permitindo o chamado quando necessário. Assim, conclui que esse deve ser o modelo para a prestação de serviços de elevada qualidade. Ressalta ainda, que o hospital deve possuir um corpo clínico satisfatório e, que esta condição está incluída no segundo pilar da qualidade da assistência.

Já nos hospitais franceses, cujas instalações o autor classifica como péssimas, as duas primeiras condições não são absolutamente preenchidas e, apesar de possuírem enfermeiras civis em alguns hospitais, essas não eram habilitadas e, em outros nosocômios, a assistência era prestada por religiosas, que ele veementemente condenava. Completa afirmando que as enfermeiras francesas se assemelhavam às serventes e que não estavam à altura dos cargos que ocupavam uma vez que não possuíam o conhecimento dos deveres da sua profissão.

Defendia a laicização da assistência e a habilitação das enfermeiras. Para isso, fazia-se indispensável a criação de escolas de enfermeiras. Porém, segundo Espírito Santo (2007), havia escolas de enfermagem na França, como as de Paris, anexas aos hospitais e dirigidas pelo médico Bourneville. Nessas instituições, as enfermeiras eram formadas para conhecer as técnicas da profissão assim como para obedecer às ordens médicas, como religiosas sem o hábito. De uma dessas instituições, a Escola de Enfermagem de Salpêtrière, saíram cerca de 40 enfermeiras formadas para trabalharem no Hospício Nacional de Alienados, no Rio de Janeiro, entre os anos de 1890 e 1895, influenciando diretamente na implantação da EPEE.

Possollo acreditava que a Associação dos Empregados no Comércio poderia iniciar e manter uma escola de enfermeiras pois tinha corpo médico numeroso e, que dentro de dois ou três anos, teria um núcleo de pessoal habilitado, apto, compreendedor dos seus deveres profissionais e morais, preparado para ocupar os hospitais, casas de saúde e até mesmo os domicílios.

Ressalta que era preciso que a enfermeira soubesse as suas atribuições, que deveria ser o auxiliar inteligente do médico, o executor fiel das suas prescrições e fazê-lo com inteligência, dedicação, firmeza, atenção e zelo. Cada profissional atuando na sua esfera de ação, com responsabilidades definidas.

Eleva o valor das enfermeiras quando comparadas aos enfermeiros no seu relatório, ressaltando que na profissão há “certos detalhes domésticos”, a abnegação no cumprimento de deveres e delicadeza que só poderiam ser exigidos de mulheres. Destaca que iniciativa como essa já teria sido concretizada em Londres e Berlim. Há uma representação de poder e hierarquia nesse discurso, na medida em que fica evidenciado que as relações sociais de gênero determinam a hierarquia das funções, onde o médico (homem) estabelece as prescrições e a enfermeira (mulher) as obedece (ESPÍRITO SANTO, 2012).

Finaliza dizendo que a criação da Escola de Enfermeiras no Rio de Janeiro é um fato que se impõe, mas que depende da boa vontade e esforço abundantes da Associação dos Empregados no Comércio. Esse curso deveria proporcionar o acesso aos conhecimentos técnicos, à noção completa dos deveres da enfermeira para com os doentes e os médicos, além de uma aprendizagem prática cuidadosa e suficiente. Assim, desde que admitidas pessoas de moralidade conhecida, daria os melhores resultados.

A observação das estruturas e modelos de organização das instituições hospitalares visitadas por Possollo, assim como das atividades desenvolvidas pelos enfermeiros e médicos, o permitiu delinear a sua referência de assistência ao doente e o seu ideal de enfermeira.

4.3. A obra “Curso de Enfermeiros” e suas editoras

O livro de Possollo foi publicado numa temporalidade de vinte e oito anos com registro de esgotamento de algumas edições, porém, não foi possível encontrar informações acerca das tiragens das mesmas. Sua primeira edição conta com 147 páginas e 345 imagens numeradas, entre fotografias e ilustrações. O elenco dos assuntos abordados seguiu a orientação do programa oficial estabelecido por meio do Decreto nº 791/1890, que versa sobre a criação da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, e era composto de 10 capítulos: Noções gerais de higiene, Noções gerais de fisiologia, Noções práticas de propedêutica clínica, Curativos e pequena cirurgia, Esterilizações especiais, Pequena cirurgia, Cuidados especiais a certa categoria de enfermos: balneoterapia, Administração interna e escrituração do serviço

sanitário e econômico das enfermarias, Material necessário às operações mais comuns e Notas sobre o serviço sanitário de campanha (breve descrição do serviço sanitário de guerra).

A Revista Brazil-Medico, de março de 1921, noticiou o lançamento do livro “Curso de Enfermeiros”, classificando-o como de “incontestável utilidade, ante o conteúdo que ela encerra” e, afirmou “a ausência entre nós de livros expressos para tal fim. Nela, encontrará o leitor os conhecimentos necessários aos misteres de enfermeiro”¹³, revelando seu caráter inédito e preponderante para a formação do enfermeiro.

A publicação da segunda edição ganhou destaque no jornal Correio da Manhã¹⁴, em 28 de junho de 1931¹⁵. O registro noticioso (Imagem 1) tece elogios ao livro e ao autor. Declara que é recente a publicação da segunda edição do livro “Curso de Enfermeiros”, faz um breve comentário sobre o conteúdo do mesmo, versando sobre os capítulos e, classifica o trabalho de Adolpho Possollo como uma preciosidade, pois conseguiu em pouco mais de trezentas páginas explicar minuciosamente “o vasto cabedal de conhecimentos técnicos necessários a um bom enfermeiro”.

¹³ BRAZIL-MEDICO. Curso de Enfermeiros. Revista Brazil-Medico, Rio de Janeiro. Ano XXXV, n. 16, p. 201. 26 mar. 1921.

¹⁴ Periódico de grande influência do Brasil, no século XX (1901-1974). O Correio da Manhã foi criado por Edmundo Bittencourt, em 1901, com o objetivo de combater as oligarquias que dominavam o país desde a sua proclamação. Com caráter independente e liberal, fazia oposição dura aos governos e privilegiava a divulgação de ideias novas (NEIVA e CAMPOS, 2015).

¹⁵ CORREIO DA MANHÃ (1930-1939). Livros Novos. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_04&pagfis=7534&pesq=&url=http://memoria.bn.br/docreader#. Acesso em: 24 nov. 2013.

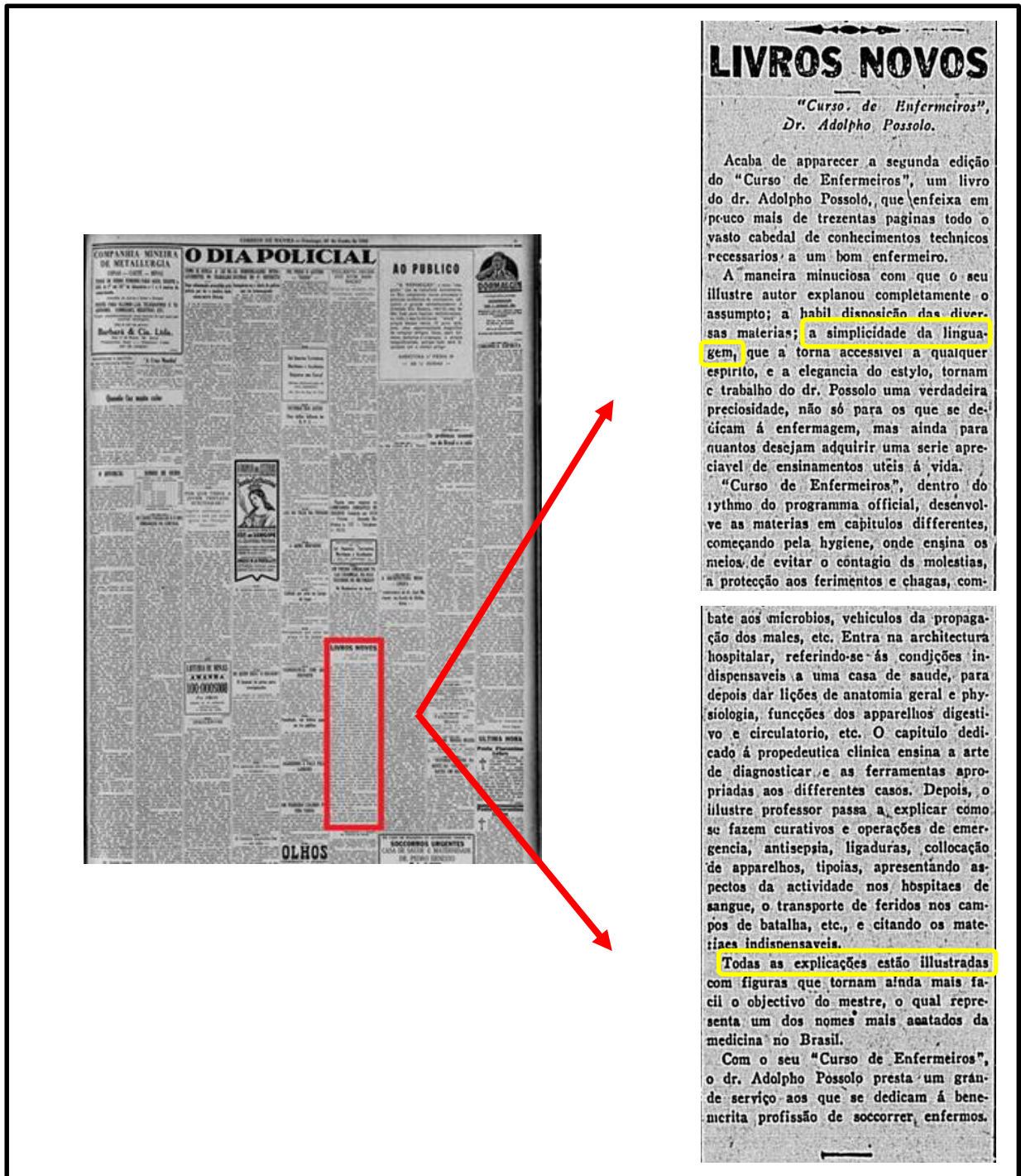


Imagem 3 – Correio da Manhã – 28/06/1931

O autor do registro noticioso¹⁶ resalta também a simplicidade da linguagem do texto, que a torna acessível a qualquer pessoa e, a presença de ilustrações associadas ao conteúdo do

¹⁶ Por não estar assinado, assim como a maioria das subseções desse periódico, não foi possível a identificação do autor do registro. À época, o jornal Correio da Manhã tinha como redator-chefe, Manoel Paulo Filho, promotor público, jornalista, político e escritor, filho de Manoel Paulo Teles de Mattos, um dos principais líderes abolicionistas da sua região (Cachoeira – BA) (RAMOS, 2011). Disponível em:

livro. Chartier (2003) afirma que os possíveis usos e interpretações de um texto dependem da forma, do suporte, da estrutura de transmissão e da recepção do escrito. Dispositivos como títulos, ilustrações, parágrafos curtos e linguagem objetiva, evidenciam uma modalidade de produção voltada ao público menos letrado, ou leitores mais “populares”.

Na terceira edição, Possollo aponta para a necessidade de completar os conhecimentos do enfermeiro por meio de noções especializadas de cada ramo da medicina, com destaque para a psiquiatria, a pediatria e a obstetrícia (POSSOLLO, 1936, prefácio). No entanto, apenas a partir da quarta edição da obra (1939), pode-se verificar a introdução de instruções sobre a assistência à criança.

O livro, então, é dividido em duas partes, sendo a primeira intitulada “Curso de Enfermeiros”, cujo conteúdo corresponde ao citado anteriormente e, a segunda parte com o título “Noções especiais da enfermagem de crianças”, com os capítulos: Caracteres físicos da criança, Cuidados aos recém-nascidos, Modo de segurar a criança, Hospitalização da criança e Doenças do recém-nascido. Na quinta edição (1942), foi acrescentado o capítulo: Higiene mental da criança, na segunda parte do livro. Essa última configuração perdurou até a última edição conhecida, a sétima, de 1948.

A quase totalidade das edições foi publicada por uma única editora: Livraria Editora Leite Ribeiro & Maurillo, que a posteriori passou a se chamar Livraria Editora Freitas Bastos. Por motivo desconhecido até o momento, a segunda edição, de 1931, foi publicada pela Livraria Azevedo - Editora Erbas de Almeida. A única informação encontrada sobre essa livraria/editora é que estava situada à Rua Uruguaiana, nº 29, Centro, Rio de Janeiro¹⁷.

A Editora Leite Ribeiro surgiu no cenário editorial brasileiro em 1917, especificamente no Rio de Janeiro, com sede à Rua Santo Antônio (hoje, Rua Bitencourt da Silva), num imponente edifício circular, na época suplantando até as principais livrarias da cidade, como a Francisco Alves e a Garnier. Posteriormente, passou a se chamar Leite Ribeiro & Maurillo.

Seu sócio principal, o Coronel Carlos Leite Ribeiro, maneira pela qual era referido, iniciou na vida política mas migrou para o mundo dos livros (MORAIS, 2007). Já Maurillo de

<http://vapordecachoeira.blogspot.com.br/2011/06/manoel-paulo-filho-um-talentoso-e.html>. Acesso em: 24 ago. 2015.

¹⁷ ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DO RIO DE JANEIRO (1891-1940). Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=313394&pagfis=108585&pesq=&esrc=s&url=http://memoria.bn.br/docreader#>. Acesso em: 24 nov. 2013.

Mello, era médico, otorrinolaringologista, com três anos de prática nos hospitais da Europa e, integrou o corpo instrutivo da Escola de Enfermeiras D. Ana Neri, no ano de 1926^{18,19}.

Segundo Morais (2007), em novembro de 1922, o nome de Maurillo não mais configurava o nome da editora na revista *Mundo Literário*, periódico de publicação semanal da Editora Leite Ribeiro.

Ribeiro possuía influências da segunda metade do século XIX, que no seu contexto em favor da abolição e da República, contribuía para um ambiente favorável em relação à ampliação do público leitor. Com a chegada das novas tecnologias de impressão, a entrada de imigrantes e o aumento de consumidores em potencial, associado aos progressos da alfabetização nos novos tempos republicanos, o comércio livreiro adquiriu outra dinâmica e, quem identificasse as novas demandas, poderia progredir na carreira editorial (MORAIS, 2007).

Segundo Linhares (1977) e Pinto (2007) *apud* Espírito Santo (2012), no início do século XX, especificamente entre os anos de 1914 e 1923, o custo de vida aumentou 189%, em contrapartida, o salário registrou aumento de apenas 71%. Essa discrepância trouxe consequências principalmente à classe operária, que vivenciou uma queda expressiva no poder de compra, contínuo aumento do custo de vida, preços excessivos dos gêneros alimentícios e instabilidade do emprego. O salário de um trabalhador industrial, em São Paulo, girava em torno de 4\$000 (quatro mil reis) para uma jornada de trabalho mínima de 10h por dia, durante 6 dias por semana.

Durante um discurso proferido em 1922, o editor afirmou que a leitura no Brasil já se mostrava expressiva, porém insuficiente. Elencou quatro razões para tal situação: a extensão do país, dificultando a chegada da produção às periferias; a concorrência estrangeira, que prejudicava a venda e a adesão aos livros nativos; a indiferença dos poderes públicos diante de tal questão e, ao preço da venda do livro, que afetava diretamente o consumo. Enfatizou que o número reduzido de edições de uma obra era uma das consequências da concorrência com os livros estrangeiros e, que esta redução configurou uma estratégia para evitar prejuízos por parte do editor. Em relação aos livros didáticos, Leite Ribeiro ressaltou que no Brasil não havia

¹⁸ Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública. Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Online. Capturado em: 05 nov. 2013. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/escenfan.htm>.

¹⁹ CORREIO DA MANHÃ (1930-1939). Dr. Maurillo de Mello. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_04&pasta=ano_193&pesq=Maurillo. Acesso em: 24 nov. 2013.

incentivo das instituições públicas que os recomendavam, diferente do que ocorria em outros países (MORAIS, 2007).

Muitas vezes, o reconhecimento intelectual dos autores não correspondia ao financeiro. Euclides da Cunha é um exemplo dessa constatação ao afirmar que vendeu o direito definitivo da sua obra máxima por um valor irrisório. Disse ainda, que não raro os “homens letrados” se submetiam a contratos que não satisfaziam seus interesses materiais, principalmente com importantes editoras, e recebiam somente, em alguns casos, um “lucro de ordem moral” (MORAIS, 2007).

Em relação ao preço do livro “Curso de Enfermeiros”, foram encontrados dois registros: um na última página do livro “Apendice Anthologico”, uma coleção de prosas e poesias, publicado pela editora em questão, com a inscrição 10\$000 (Imagem 2)²⁰ e outro em um dos exemplares do livro de Possollo, 6ª edição (1944), com preço de CR\$ 41,80 (Imagem 3), manuscrito. Não se pode afirmar que esse era o valor de venda original da obra ou o preço praticado pelo sebo cujo carimbo aparece na mesma página.

MEDICINA	
Annuaire da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro	WERNECK MACHADO
1º vol. 1927, br. 15\$000, enc.	Ligões de Clinica Dermatographica, br. 12\$000, enc.
2º vol. 1918, br. 15\$000, enc.	FERNANDO MAGALHÃES
3º vol. 1919, br. 15\$000, enc.	A Obstetria no Brazil, br. enc.
4º vol. 1920, br. 15\$000, enc.	Discursos, 2ª serie, br.
5º vol. 1922, br. 25\$000, enc. (x)	TEIXEIRA MENDES
7º vol. 1923, br. 12\$000, enc. (x)	Elementos de Neurologia, enc.
ADAMASTOR BARBOSA	CARMONA DA SILVA OLIVEIRA
Regimens e Doenças, br. 195, enc.	Therapeutics (Noções de), br. 7\$000
TEIXEIRA BRANDÃO	OSWALDO DE OLIVEIRA
Psychiatria Clinica (Elementos fundamentais de), br. 5\$000, enc.	Cardiologia Clinica, br.
FRANCISCO DE CASTRO	ADOLFO POSSOLO
Clinica Propedeutica, br.	Curso de Enfermeiros, br.
FONTENELLE	LEONIDIO RIBEIRO
Higiene, enc.	A Dor em Medicina Legal, br. 4\$000, enc.
SARMENTO LEITE	OLAVO RACHA
Encephalite Lethargica, br. 6\$000	Expectoração, br.
SOUZA LIMA	Da Tosse, br.
Medicina Legal, 4ª edição, br. 3\$000, enc.	Arteriosclerose, br.
RENATO DE SOUZA	VIEIRA SOUTO
Doenças Funcionaes do Estomago, br. 7\$000, enc.	Infeção Puerperal, enc.
Pharmacodynamica dos Alcoolicos, br. 5\$000, enc.	BARBOSA VIANNA
	Higiene para todos, br.
	CARLOS WERNECK
	Diagnostico Cirurgico, 2 vols. enc. em 1.

Impresso nas officinas graphicas da Livraria Editora Leite Ribeiro.

Imagem 4 – Preço do livro “Curso de Enfermeiros” (Apendice Anthologico - 1923)

²⁰ FRADIQUE, M. Apendice anthologico. Gramática portuguesa pelo método confuso. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1923.

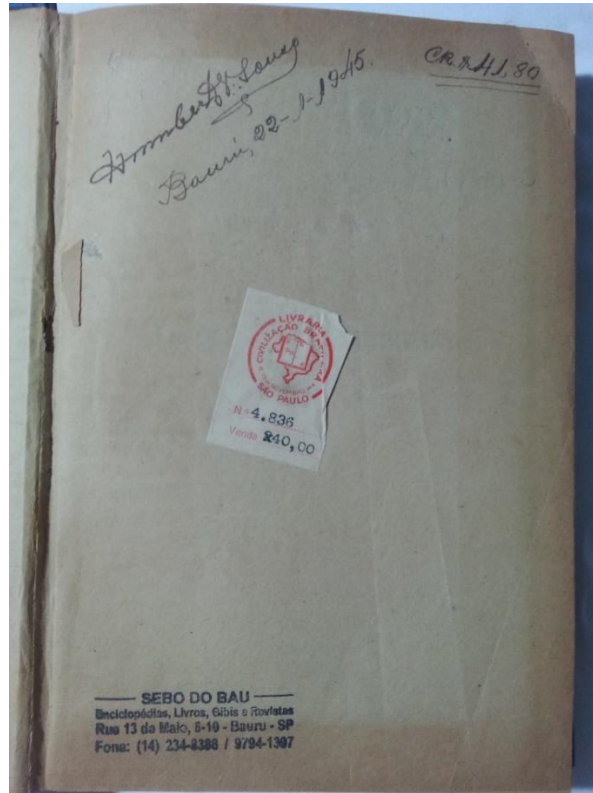


Imagem 5 – Valor afixado no livro “Curso de Enfermeiros” (1944)

Em 1925, a editora foi acometida por uma mudança de editores e de nome. José Freitas Bastos assume a liderança da editora, que passa a se chamar Editora Freitas Bastos. Presidente do Sindicatos dos Lojistas do Rio de Janeiro, antigo advogado da Capital, Freitas Bastos também acumulava o título de ex-secretário geral do estado do Amazonas.

José Freitas Bastos, nesse mesmo ano, em entrevista à revista *Mundo Literário*, da qual era o novo editor, destacou que não acreditava na crise do livro brasileiro pois os números das editoras contrastavam com tal panorama. Somente a sua livraria/editora, em sete anos, havia lançado no mercado do país 348 edições de autores nacionais e de assuntos variados. Compreendiam todo tipo de publicação: científicas e didáticas, literatura, romance, poesia, novela, entre outras. Para ele, o que havia era falta de propaganda instrutiva e sistematizada, realizada conjuntamente pelos editores brasileiros (MORAIS, 2007).

Entretanto, a despeito das crises e mudanças no mercado editorial, a obra “Curso de Enfermeiros” continuou a ser editada. Idealizado para auxiliar na formação e qualificação de profissionais para exercer a enfermagem, a obra se mostrou como instrumento para o desenvolvimento de uma carreira entre as mulheres, assim como, um modo de delimitação dos seus comportamentos e conhecimentos, determinados pelos médicos.

SEÇÃO V

5. AS REPRESENTAÇÕES DA ENFERMAGEM NA OBRA “CURSO DE ENFERMEIROS”

Chartier (1994) corrobora a tese de que é fundamental a percepção que o sentido do texto assim como a sua compreensão depende das formas pelas quais ela atinge o seu leitor, essas formas decifradas a partir dos esquemas mentais e afetivos que constituem a cultura dos grupos que as recebem e, entender as razões e os efeitos dessas materialidades remete necessariamente ao controle que editores ou autores exercem sobre essas formas que, tem como finalidade, exprimir uma intenção, governar a recepção e reprimir a interpretação.

Cabe ressaltar, que o “efeito produzido” não depende em absoluto dessas formas materiais mas contribuem largamente para modelar as expectativas do leitor e incitar novos usos. Assim, toda criação inscreve nas suas formas e temas, uma relação na maneira pela qual são organizados o modo de exercício do poder, as configurações sociais ou a economia da personalidade, em um determinado momento e lugar (CHARTIER, 1994).

Imprimir normalização rigorosa à obra é de responsabilidade do editor, tanto no que concerne ao texto, por meio dos aspectos particulares de ortografia, abreviaturas, notas, etc., quanto na sua organização visual, sob orientação coerente. Já ao diagramador, compete ordenar os elementos gráficos dispersos, como títulos, fotos, tabelas, massas de textos, áreas brancas, entre outros, em uma sequência de páginas segundo cânones estabelecidos ou determinado esquema construtivo. A essa dinâmica, que confere equilíbrio e harmonia ao impresso, tornando-o eficaz, é o que Euniciano Martín²¹ chama de arquitetura gráfica. Independente do esquema construtivo adotado, há uma sequência determinada na disposição dos elementos constitutivos do livro a ser seguida pelo diagramador, que compreende: pré-textual, textual e pós textual, além dos elementos extratextuais (ARAÚJO, 2008).

5.1. Representações de autoridade

O início da análise se deu pelos elementos extratextuais, uma vez que constituem o revestimento do livro, por meio do qual o leitor tem o primeiro contato com o livro: a capa.

²¹ MARTÍN, E. La composición en artes gráficas. v. 2. Barcelona: Don Bosco, 1970-1974.

Segundo Carvalho (2008), a capa surgiu com a finalidade de proteger o miolo do livro, entretanto, ao longo da história adquiriu outros propósitos. Assumiu papel informativo quando foram incluídos o título da obra e o nome do autor na sua estrutura, ao mesmo tempo, a decoração do espaço disponível constituiu uma forma de identificação e distinção. O papel privilegiado de comunicação com o público se deu na medida em que é a face visível do livro, portanto, constitui um veículo eficaz de promoção comercial.

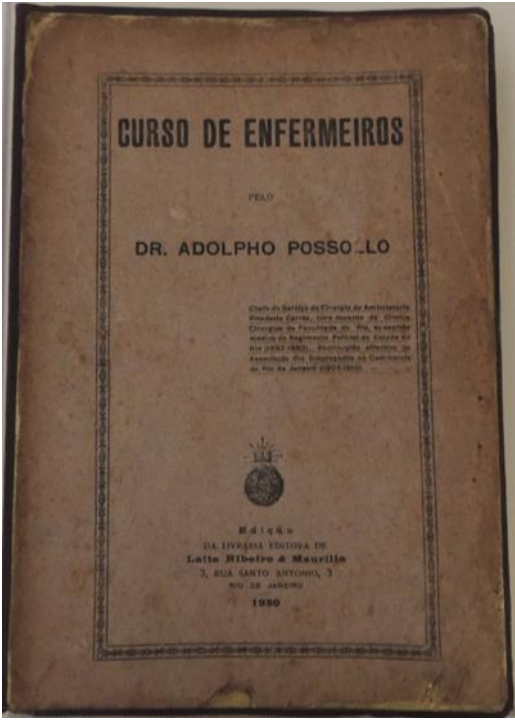
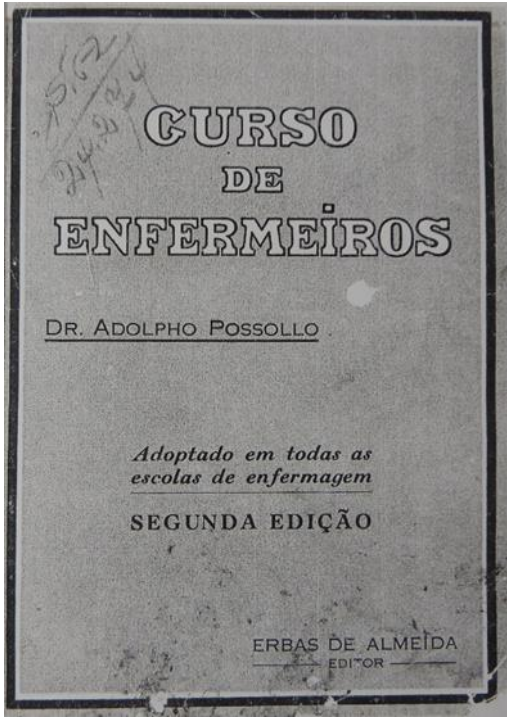
A capa da brochura é constituída dos seguintes elementos: primeira capa, necessariamente destinada à área impressa ou de grafismo; segunda e terceira capas, não destinadas à impressão; quarta capa, opcionalmente área impressa ou de grafismo; primeira e segunda orelhas; sobrecapa e lombada. Dentre esses elementos, o que merece destaque é a primeira capa, dada a sua função publicitária (ARAÚJO, 2008). Assim, a análise dos elementos extratextuais se restringirá a essa linha.

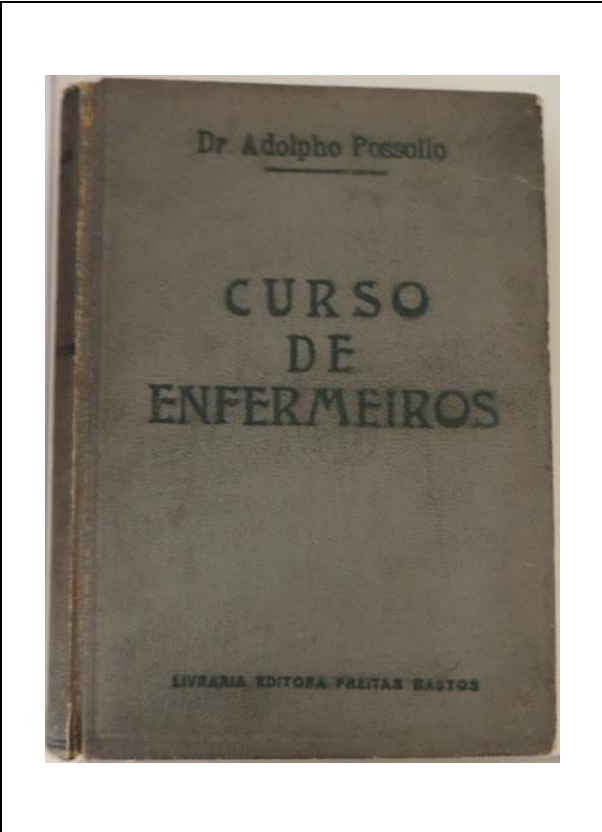
Em relação às capas do livro “Curso de Enfermeiros”, foi possível a identificação de três capas distintas (1920, 1931 e 1948). As demais edições, dos exemplares analisados, estavam encadernadas com papel imitando couro. Apesar de ter menos durabilidade que os outros materiais de encadernação (tecido e fibra sintética), o papel é o material mais utilizado para esse fim por ser o mais barato revestimento de capas duras. Além da imitação do couro, é possível a imitação de linho, peles e outros, dada a boa variedade de papéis disponíveis (ARAÚJO, 2008).

O acabamento da primeira edição do livro (1920), foi realizada por brochagem, que segundo Araújo (2008), é a operação de fazer aderir um conjunto de cadernos que constitui o exemplar de um livro à uma capa flexível (“capa mole”). A união dos cadernos pode ser realizada por grampeação, por espiral, por colagem ou por costura. Em todas as edições da obra, foi utilizada a costura, que permite uma capacidade de manuseio mais segura e durável. É processada de modo industrial e automático em equipamentos que trabalham a uma velocidade média de cerca de 6500 (seis mil e quinhentos) exemplares por hora.

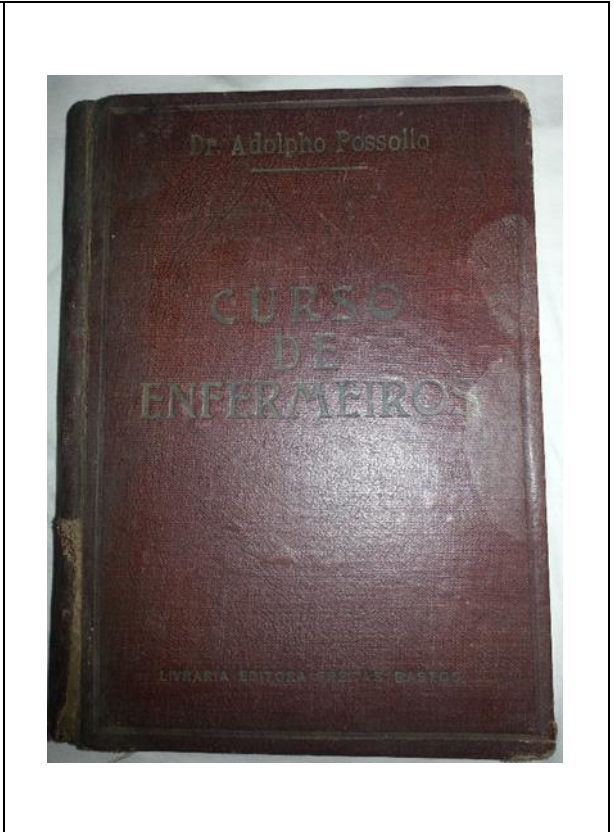
A brochagem também foi utilizada no acabamento da sétima edição (1948), entretanto, esse exemplar difere dos demais por duas razões: a utilização de papel em seu interior com qualidade superior à empregada nas demais edições e, a adição de uma figura à capa. Carvalho (2008), afirma que o período compreendido entre os anos de 1940 e 1960 foi fundamental para o campo editorial posto que reuniu uma série de condições favoráveis ao desenvolvimento da capa de livro. Verificou-se, nesse período, a consolidação do campo editorial no mercado, com a formação das grandes estruturas editoriais e a implementação de estratégias de marketing.

A eleição do material utilizado, reduzindo o custo do livro e aumentando a velocidade de produção, deve-se provavelmente, à representação das enfermeiras em formação que iriam fazer uso do livro durante o curso regular: mulheres sem instrução e de baixo poder aquisitivo, como já discorria Possollo à época da viagem ao “Velho Mundo” e registrou em relatório, que o curso de enfermagem deveria proporcionar às mulheres analfabetas e ignorantes o acesso aos conhecimentos técnicos e às noções dos deveres da enfermeira. Já o potencial de grande produção de exemplares pode representar uma aspiração do autor à apropriação da sua obra pelas escolas de enfermagem já existentes e por aquelas que ainda viriam a iniciar os seus cursos de formação de enfermeiros. Chartier (1994, p. 20), afirma que “as obras impressas para um maior número de leitores apostam no pré-conhecimento desses leitores”.

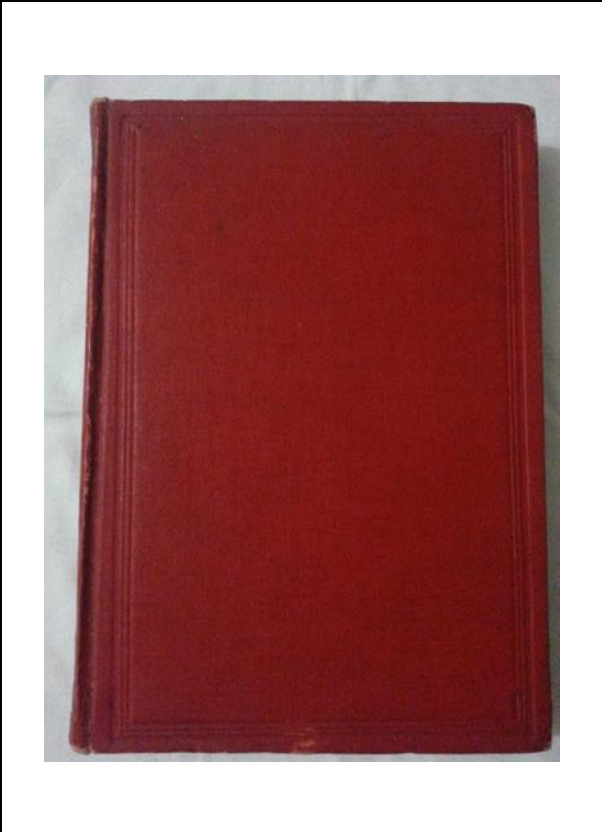
	
Curso de Enfermeiros 1920 - 1ª edição	Curso de Enfermeiros 1931 – 2ª edição



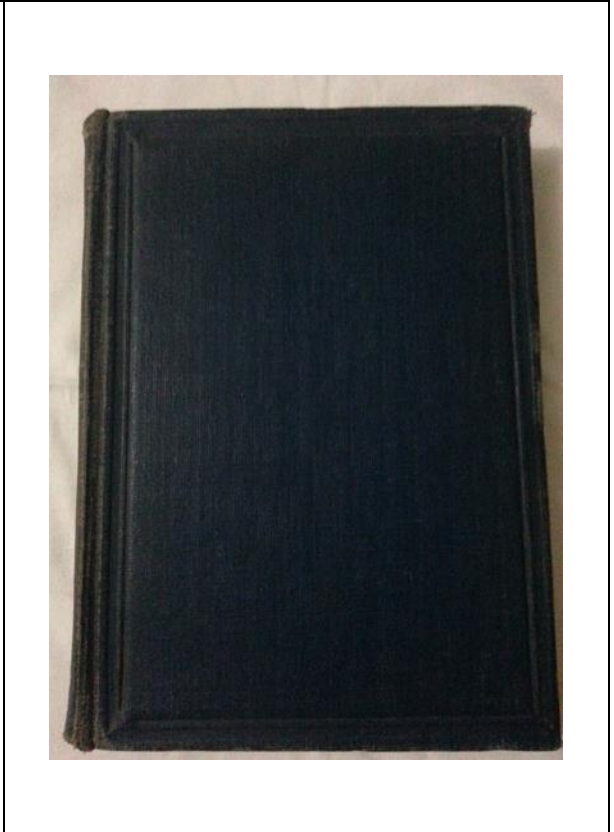
Curso de Enfermeiros 1936 (1) – 3ª edição



Curso de Enfermeiros 1936 (2) – 3ª edição



Curso de Enfermeiros 1942 (1) - 5ª edição



Curso de Enfermeiros 1942 (2) - 5ª edição

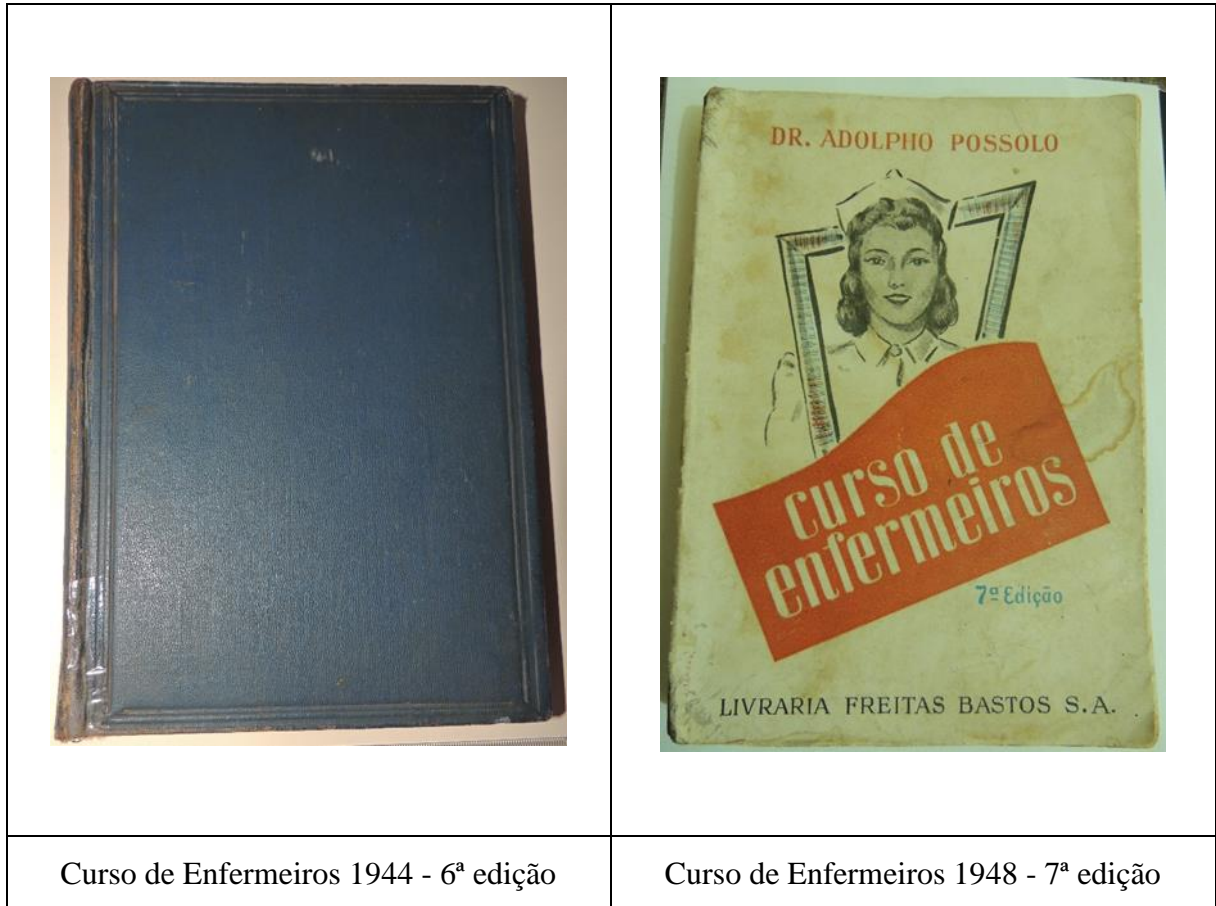


Imagem 6 – Mosaico de imagens das capas do livro “Curso de Enfermeiros”

As imagens do mosaico acima retratado, correspondem às capas dos exemplares que compõem o *corpus* documental dessa pesquisa. Não foi apresentada a capa da edição de 1939 (4ª edição) uma vez que o exemplar referente a essa edição, que constitui o *corpus* documental, está na forma de cópia reprográfica, com supressão da capa, provavelmente, porque deveria se tratar de uma encadernação, não justificando a sua cópia. Como apresentadas nas imagens, as edições de 1936 e 1942, apresentam duas encadernações com cores distintas.

Em todas as edições, o formato utilizado foi o retangular vertical, que proporciona o equilíbrio da proporcionalidade entre os lados e permite a distribuição harmônica de elementos internos, tais como a quantidade de colunas, o comprimento das linhas, o tamanho e a força do tipo e as chamadas marginais, dentre outros. Esse formato é o denominado francês. O papel empregado foi o da linha não branca, considerada mais natural e confortável para a visão.

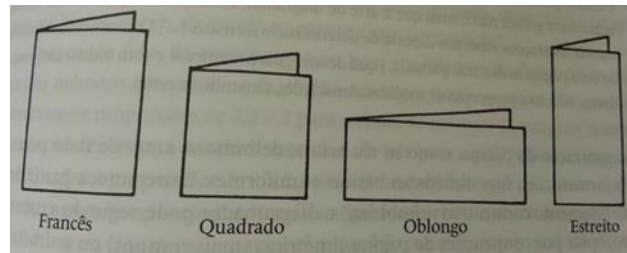


Imagem 7 – Formatos de livros (ARAÚJO, 2008)

Araújo (2008) afirma que já se sustentou a tese de que o formato retangular era o ideal para a transmissão da palavra escrita uma vez que havia certa semelhança com a proporção física do corpo humano, porém, atualmente, acredita-se que as soluções práticas, de melhor acomodação de linhas mais regulares, foram o verdadeiro motivo da eleição de tal formato.

Entretanto, qualquer que seja a orientação visual, sempre prevalecerá o princípio da legibilidade, que trata-se de uma disposição harmônica dos elementos graficamente acomodados nos suportes da escrita, cuja distribuição no espaço sempre considerou o formato dos mesmos, o equilíbrio entre o formato e a simetria interna da página, a proporção entre texto e ornamentos, entre outros, além de considerar o ordenamento das partes que compõem a obra (ARAÚJO, 2008).

A capa da primeira edição da obra, de 1920, exibe o título do livro e, logo abaixo, o nome do autor, escritos em caixa alta, o que propicia maior destaque desses dois elementos assim como inscreve robustez à obra, apesar de os tamanhos das fontes transmitirem a ideia de equilíbrio entre os elementos do frontispício, que segundo Ginzburg (2004), caracteriza-se como o conjunto dos elementos formadores da capa de um livro.

Cabe ressaltar, que apesar do título da obra fazer referência a ambos os gêneros, representado pela palavra “enfermeiros”, tal representação não reflete os princípios norteadores de Possollo para o melhor desempenho da profissão, visto que era nítida a sua preferência por mulheres na execução da maioria das atividades pertinentes ao ofício.

Foi utilizada tipografia sem serifa (pequenos traços e prolongamentos que ocorrem no fim das hastes das letras), também chamada de *sans-serifa*. O uso de fontes dessa natureza agrega ao texto as ideias de limpeza, clareza e organização, por isso, são consideradas fontes primordiais para atrair o visitante à leitura (DAMASCENO, 2003).

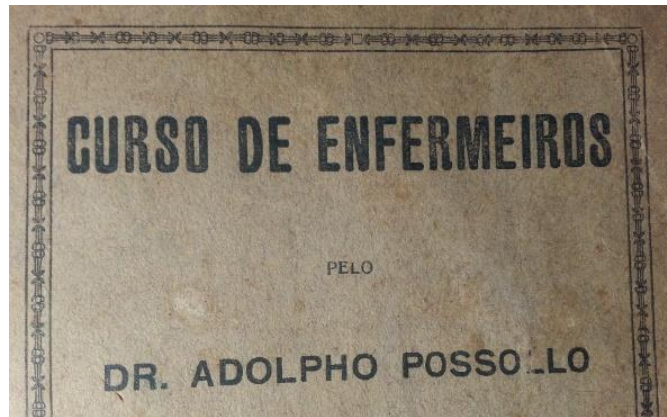


Imagem 8 – Fragmento da capa do livro “Curso de Enfermeiros” (1920)

A tipografia, do grego *typos* (forma) e *graphein* (escrita), não é somente o desenho das formas das letras mas a sua organização no espaço (PERROTA, 2005). A escolha dessa tipografia depende de fatores como o público-alvo, local e modo como será empregada e ainda, dos objetivos pretendidos. Em consonância com o presente estudo, essas fontes são utilizadas em textos curtos e quando se pretende evitar fontes com muitos detalhes que podem gerar confusões de “decodificação”, como no caso de textos destinados aos leitores em fase de alfabetização (FUNK e SANTOS, 2008).

O elemento que aparece a seguir é a apresentação pessoal. Escrito em caixas alta e baixa, favorece a leitura, e o recurso *sublinhar*, exprime destaque, levando os olhos ao texto ao percorrer a capa. Segundo Guedes (2009), todo leitor deseja ver o autor através do texto que ele escreve e, por conseguinte, o autor quer ver a si mesmo engrandecido pelos olhos desse leitor. Essa estratégia foi utilizada na tentativa de fixar uma imagem positiva do autor e, considerando a apresentação de titulações diversas, produzir uma representação de autoridade, caracterizando o seu texto como um discurso autorizado, portanto, investido de significação comercial.

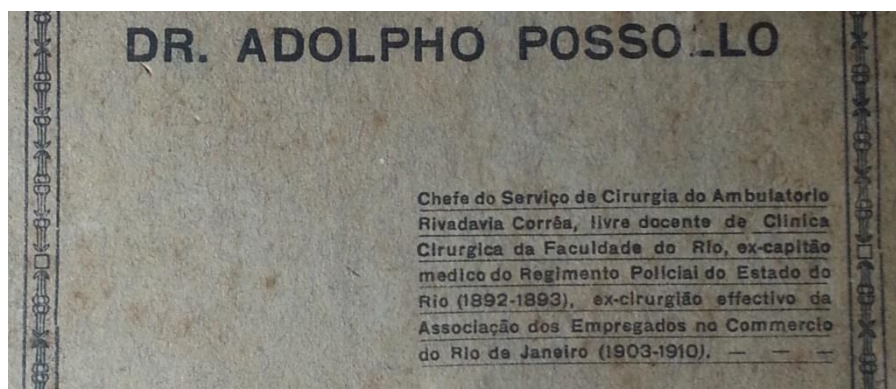


Imagem 9 – Apresentação pessoal no livro “Curso de Enfermeiros” (1920)

As inscrições que finalizam a referida capa são a imagem e o nome da livraria editora e, o ano de publicação da obra. A imagem aparece centralizada logo acima da identificação da editora, endereço e local de publicação. O nome da mesma assim como o ano de publicação da obra, em negrito, para destacar tais informações. Todos esses elementos são envolvidos por uma borda, na capa, que favorece a restrição do campo de visão do leitor, focando nas informações contidas na mesma.

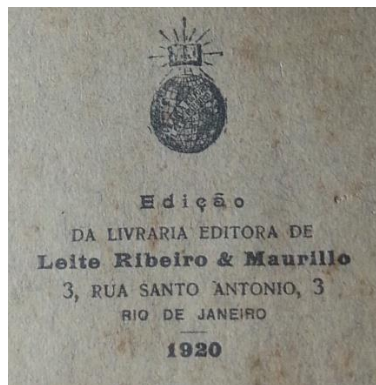


Imagem 10 – Editora na capa do livro “Curso de Enfermeiros” (1920)

Há uma mudança significativa na capa da edição de 1931. O título assume proporções maiores, ocupando mais de dois terços da capa. Segundo Arnold (1965) e Araújo (2008), esse elemento identifica, resume e serve como legenda deste meio de comunicação.

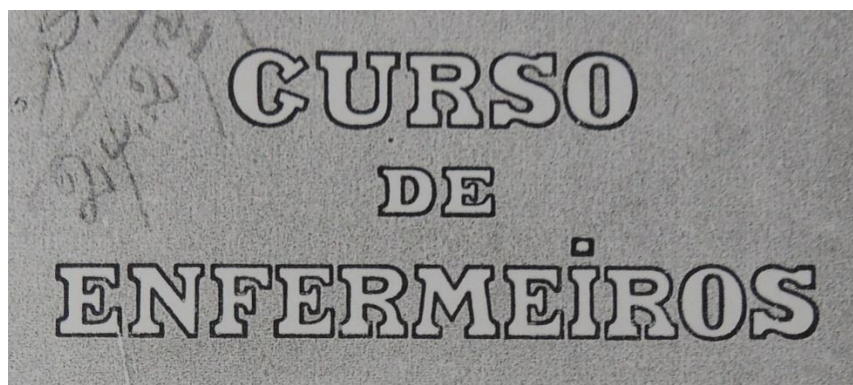


Imagem 11 – Título do livro “Curso de Enfermeiros” (1931)

O tipo escolhido para compor o título da segunda edição da obra foi o egípcio, com serifas quadradas, com fonte em caixa alta, na cor clara e presença de contorno preto, aumentando o contraste com o fundo escuro da capa, expressando uniformidade e destaque ao

título. Nota-se também a quebra do título em linhas, o que induz o leitor à realização de uma leitura mais pausada, a qual atribuía ênfase às palavras “curso” e “enfermeiros”.

A apresentação pessoal foi suprimida na capa dessa edição, entretanto, o nome do autor aparece com fonte em caixa alta e iniciais em dimensões maiores, sem serifas e sublinhado, fatores que agregam peso e transmitem a ideia de maior espaçamento entre as palavras, destacando-as.

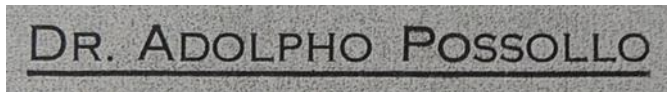


Imagem 12 – Autor do livro “Curso de Enfermeiros” (1931)

Dois novos elementos aparecem para compor o frontispício. O primeiro é a afirmativa que o livro foi adotado em todas as escolas de enfermagem. Essa estratégia visa tornar o livro um discurso autorizado uma vez que dizendo que o mesmo foi utilizado pelas escolas de enfermagem, significa que ele foi aceito pelas instituições, indicado pelos professores e estudado por uma gama de alunos.

Foi escrito com caixas alta e baixa, o que facilita a leitura. O segundo elemento é o número da edição, escrito em caixa alta, com serifas e espaçamento aumentado entre as letras. As serifas conferem continuidade na escrita, o espaçamento denota sobriedade e a caixa alta, destaque. Esses dois elementos estão emoldurados pelos espaços brancos da capa o que favorece a transmissão da mensagem anunciada.

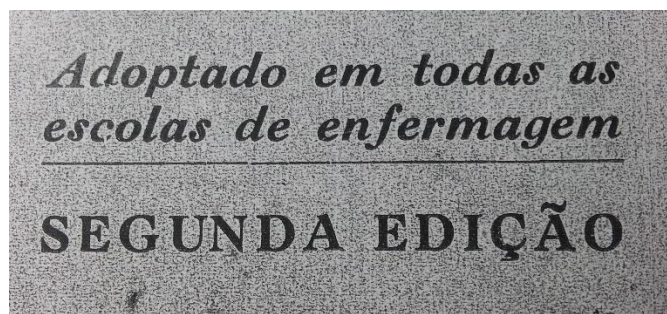


Imagem 13 – Fragmento da capa do livro “Curso de Enfermeiros” (1931)

Cabe ressaltar, que a única evidência de utilização dessa obra por uma escola de enfermagem brasileira até a presente historiografia, é a sua apropriação pela seção feminina da

EPEE, a Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto (EPEAP), fato último defendido por Espírito Santo (2012) na sua tese de doutoramento. Entretanto, fica clara a intenção da afirmativa em produzir efeitos no possível leitor, efeitos no estatuto dado à obra, nas maneiras de ler e considerá-la.

Por outro lado, o número de edições que essa obra alcançou no seu período de circulação demonstra que a mesma era consumida. Tal fato não seria possível caso a primeira edição ou mesmo a segunda estivessem permanecido no estoque das suas editoras, pois tanto as leis do mercado editorial, como a economia do período entre guerras não comportava desperdícios.

Fora do âmbito nacional, há um indício que a obra foi adotada como modelo para o ensino da profissão nas escolas de enfermagem de Portugal. Rodrigues, Gomes e Almeida (2008), no artigo “História e memória: documento *ad usum et beneficium* Curso de Enfermeiros”, revelam um texto manuscrito redigido por um enfermeiro, em 1973, nas primeiras páginas de um exemplar da segunda edição (1931) do livro “Curso de Enfermeiros”, quando da sua doação para a então Escola de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca, atual Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. O artigo, expõe uma imagem apenas da segunda parte do manuscrito, mas cita que o enfermeiro Artur F. Pinto Júnior oferece o livro à Escola “não pelo valor que tenha científico ou de estudo para a Enfermagem actual. Só tem o valor de demonstrar o ensino em 1931 nas escolas portuguesas e brasileiras (RODRIGUES, GOMES e ALMEIDA, 2008, p. 87)”.

tem o VALÔR de demonstrar
o ensino - em 1931 - nas esco-
las Portugêsas e Brasileiras.
Seria interessante angariar
o compendio de ensino - o Manu-
el de L'Infirmière-Hospitalière
- 1927 - da escola Francêza,
- que era semelhante ás escolas
Portugêsas, assim como de
outras escolas de Espanha,
etc..

E, os estudiosos fazêrem
um estudo como era o ensino
de Enfermagem nos diversos Paí-
ses.
Portugal não ficava .
atrás.

Coimbra, 21 de Maio 1973
Artur F. Pinto Júnior
ENFERMEIRO

“tem o VALÔR de demonstrar
o ensino em 1931 nas esco-
las Portugêsas e Brasileiras.
Seria interessante angariar
o compendio de ensino - o Manu-
el de L'Infirmière Hospitalière
- 1927 - da escola Francêza,
que era semelhante ás escolas
Portugêsas, assim como de
outras escolas de Espanha,
etc..

E, os estudiosos fazêrem
um estudo como era o ensino
de Enfermagem nos diversos Paí-
ses.

Portugal não ficava .
atrás.

Coimbra, 21 de Maio 1973

Artur F. Pinto Júnior
ENFERMEIRO”

Imagem 14 – Fragmento do texto de oferecimento de um exemplar da 2ª edição (1931) do livro “Curso de Enfermeiros” à Escola de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca (1973) e sua respectiva transcrição.

Se por um lado, não se tem documento comprobatório da utilização dessa obra pelas escolas de enfermagem, por outro, há vestígios de utilização da mesma nos dois países citados, dados os indícios encontrados e à pertença de exemplares do livro aos acervos instituições de ensino voltadas à formação de enfermeiros, com datas de funcionamento contemporâneas ao período de publicação da obra (Quadros 1 e 2). Nessa perspectiva, apesar da presença da obra em um acervo bibliotecário não caracterizar a leitura propriamente dita, a sua disponibilização para consulta promove o acesso ao conhecimento por meio de uma demanda espontânea ou indicada.

Ademais, há a possibilidade do acesso ao livro impresso ter se dado por meio da apresentação oral do professor durante as aulas e, seu conteúdo apreendido pelos alunos. Para Chartier (1990; 1994) é preciso observar as sociabilidades das leituras, contraponto fundamental da privatização do ler, por meio da propriedade particular do livro ou da leitura solitária em uma biblioteca. Subsistem as leituras em voz alta, onde a aproximação do texto se

dá entre letrados e não letrados, por meio da relação entre textualidade e oralidade. A leitura aqui é a audição da palavra leitora.

Outro indício de circularidade da obra no território brasileiro, é o fato de tê-la sido encontrada nos dias atuais em livrarias de livros usados de diferentes estados brasileiros, como Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Paraná, que contemplam os três primeiros *locus* de criação das escolas de enfermagem modelares criadas até a década de 1930, as quais disputavam o direito de impor a imagem da enfermeira brasileira²².

Quadro 1: Distribuição da obra “Curso de Enfermeiros” pelas instituições brasileiras pesquisadas, ano de fundação das escolas e localização da obra nos acervos.

ESCOLA	ANO	LOCALIZAÇÃO
Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (EEAP) – DF/RJ	1890	Curso de Enfermeiros (1920) Obras Raras
Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN) – DF/RJ	1923	Não encontrada
Escola de Enfermagem da UFMG (EEUFMG) – MG	1933	Não encontrada
Escola Paulista de Enfermagem (EPE) – SP	1939	Não encontrada
Escola de Enfermagem da USP (EEUSP) – SP	1942	Curso de Enfermeiros (1948) EEUSP. Número de chamada: 610.731 P856c 7.ed
Faculdade de Medicina da USP (FMUSP) – SP	1912	Curso de Enfermeiros (1920) Faculdade de Medicina da USP. Número de chamada: 610.73 P845c 1920
Faculdade de Saúde Pública da USP (FSPUSP) – SP	1918	Curso de Enfermeiros (1920) Faculdade de Saúde Pública da USP. Número de chamada: DP610.7307 12
Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa (EEAAC) – RJ	1944	Não encontrada
Faculdade de Enfermagem da UERJ (FACENF) – RJ	1944	Não encontrada

²² Para aprofundamento do tema, ver estudos do Prof. Dr. Fernando Porto, como: PORTO, F. Os ritos institucionais e a imagem pública da enfermeira brasileira na imprensa ilustrada: o poder simbólico no click fotográfico (1919-1925). Tese (Doutorado) - Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007; e, PORTO, F; NETO, M. Enfermeira na imprensa ilustrada brasileira (1890-1925): assinatura imagética. Patrimônio e Memória, v. 10, n. 1, p. 199-221, jan./jun. 2014.

Escola de Enfermagem da UFBA (EEUFBA) – BA	1946	Não encontrada
---	------	----------------

Fonte: Páginas institucionais (sítio eletrônico) das instituições e sistemas de busca de bibliotecas UNIRIO, UFRJ, UFMG, UNIFESP, USP, UFF, UERJ, UFBA.

Quadro 2: Distribuição da obra “Curso de Enfermeiros” pelas instituições lusitanas pesquisadas, ano de fundação das escolas e localização da obra nos acervos.

ESCOLA	ANO	LOCALIZAÇÃO
Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESEnfC)	1881	Curso de Enfermeiros (1931) ES. Enfermagem de Coimbra – Polo A Cota: POS CUR
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC)	1911	Curso de Enfermeiros (1939) UCFL I.E. Brasileiros Cota: Dep. 2-1-13
Escola Superior de Enfermagem do Porto (ESEP)	1896	Não encontrada
Escola Superior de Enfermagem de Lisboa (ESEL)	1901	Não encontrada
Escola Superior de Enfermagem de Calouste Gulbenkian da Universidade do Minho (ESSE-UM)	1911	Não encontrada

Fonte: Páginas institucionais (sítio eletrônico) e sistemas de busca de bibliotecas ESEnfC, FLUC, ESEP, ESEL, ESSE-UM.

O último elemento presente na capa é a indicação da editora do livro. Inscrito no canto direito da capa, destacado, com letras em caixa alta. Note-se que a evidência foi dada à figura do editor apesar da editora comungar o mesmo nome.

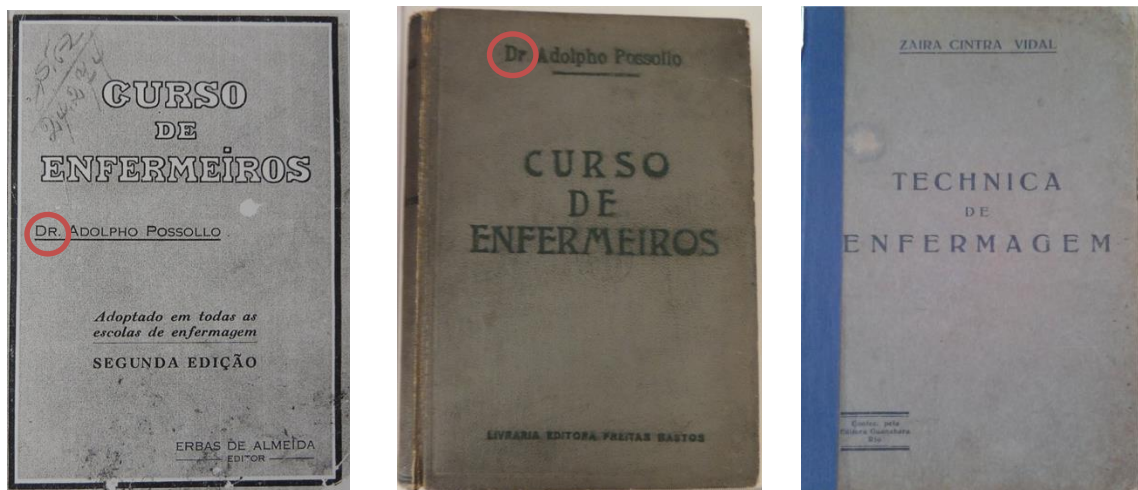


Imagem 15 – Destaque da editora da obra “Curso de Enfermeiros” (1931)

A ausência de figuras ou representações objetivas ligadas à profissão nas duas primeiras edições da obra indica a pretensão do editor de construir um sentido baseado no horizonte de

expectativas do leitor e nos elementos representativos da autoridade médica, que anunciam o autor do texto como um representante autorizado a ensinar cientificamente as condutas e técnicas referentes à prática dos enfermeiros. Assim, os elementos figurativos poderiam desviar a atenção do leitor.

Comparativamente, consultando a primeira edição do livro de Zaíra Cintra Vidal, publicado na década de 1930, nota-se que também não foram utilizadas figuras para compor o frontispício da sua obra. Segundo Freire (2014), houve a pretensão de incutir no inconsciente do leitor que o livro “Técnica de Enfermagem” era o enunciador científico dos fundamentos da prática do cuidado de enfermagem.



Imagens 16 (“Curso de Enfermeiros” – 1931), 17 (“Curso de Enfermeiros” – 1936) e 18 (Livro “Technica de Enfermagem” – 1933) – Comparação entre as capas (grifo meu)

Ao analisar conjuntamente os três frontispícios apresentados, pelo plano da materialidade, podemos verificar que há similaridade na composição dos títulos. São apresentados de forma a tornar a leitura desacelerada, por meio da quebra dos mesmos em três linhas: substantivo-preposição-substantivo. Nas obras de Possollo, a partir da edição de 1936, de Zaíra Cintra Vidal, edição de 1933, pode-se observar que a diagramação na parte mais alta das capas, ou folhas de rosto, destacou a figura da autoridade maior da obra.

Cabe lembrar, que essas datas são posteriores ao Decreto nº 20.109, de 15 de junho de 1931, que regula o exercício da enfermagem no Brasil e fixa as condições para a equiparação das escolas de enfermagem. Tal decreto elevou a Escola de Enfermagem Anna Nery à escola oficial padrão, dessa forma, um dos requisitos para a equiparação era que as escolas candidatas

deveriam dispor de uma organização moldada na escola padrão²³. A direção era exercida por uma enfermeira diplomada e o ensino também era confiado às enfermeiras.

Além disso, destaca-se nas capas dos livros de Adolpho Possollo, a titulação “Dr.”, não utilizada na obra de Zaíra Cintra Vidal. No Brasil do início do século XX, esse termo era tradicionalmente usado para referir-se a médicos e advogados. No caso dos primeiros, a adoção do termo é herdada do século XIX, dos países de língua inglesa, onde designa-se o médico como *physician* e, em linguagem popular, *doctor*. A palavra doutor provém do latim *docere* que, por sua vez, é derivada da palavra *doctoris*, que significa mestre, aquele que entende, o que ensina (CHAGAS, 2009).

Assim, a disposição da autoria no alto da capa seguido ou não de elemento identificador de categoria profissional, no caso o “Dr.”, denota a luta da categoria médica e de enfermagem pela autoridade e competência técnica para o ensino da enfermagem no Brasil e, revela o desejo do editor em fazer crer que a titulação “Dr.” designava uma representação de autoridade e competência, elevando o status da obra, uma vez que significava aprender a ser enfermeiro com “quem entende”, com aquele que é autorizado a ensinar.

Na edição de 1948, o primeiro elemento da capa é o nome do autor, não mais o título da obra. Como nas outras edições, aparece com letras em caixa alta, porém dessa vez fazendo uso das serifas e na cor vermelha. Não há apresentação pessoal nesse frontispício, provavelmente porque na sétima edição da obra, vinte e oito anos após a primeira publicação, o seu nome já estaria consagrado.

Há um equilíbrio entre o nome do autor, a imagem, o título do livro, o número da edição e o nome da editora na composição da capa, entretanto, o ponto central é a imagem que está contida nela, que surge com um caráter decorativo e apelativo. Segundo Araújo (2008), não existem regras hierárquicas de composição entre imagem e texto, a única regra a ser obedecida é que o estilo da capa tenha relação com a matéria e o estilo gráfico do livro.

²³ BRASIL. Decreto nº 20.109, de 15 de junho de 1931. Regula o exercício da enfermagem no Brasil e fixa, as condições para a equiparação das escolas de enfermagem. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D20109.htm. Acesso em: 12 mar. 2015.

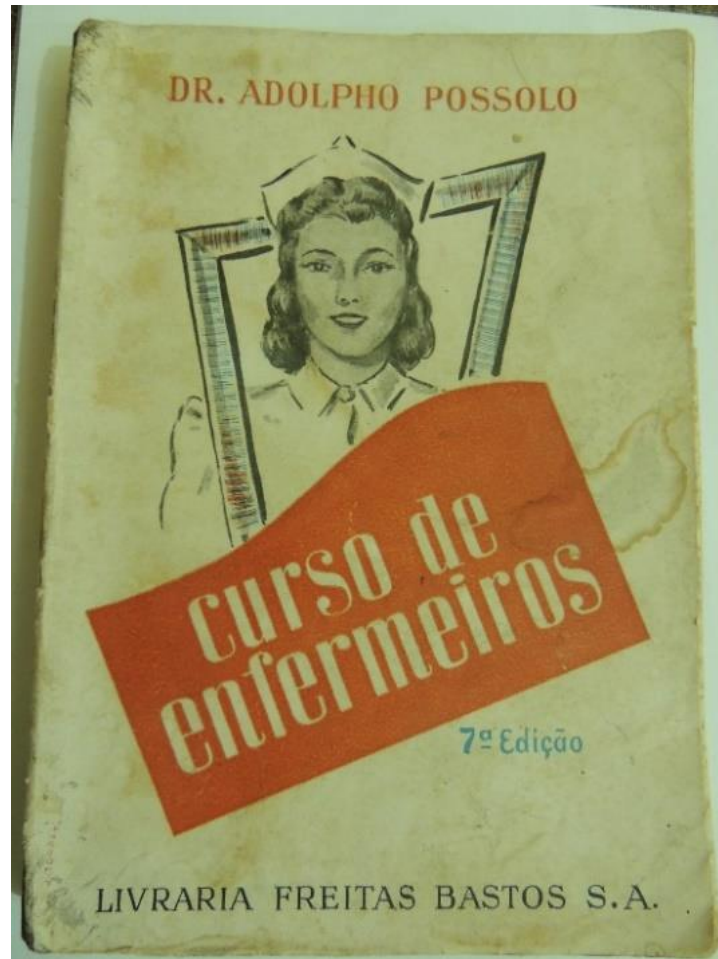


Imagem 19 – Capa do livro “Curso de Enfermeiros” (1948)

Na capa da sétima edição (1948), a imagem retrata uma mulher com atributos de enfermeira, envolta por uma moldura, como se saísse de um quadro. A moldura remonta ao enquadramento da enfermeira, entendido como o perímetro de atuação da mesma, onde há demarcação absoluta dos deveres da profissão pelo autor da obra, assim como dos comportamentos moral e social, fazendo emergir as representações de competência e comportamentos esperados.

Em contrapartida, a imagem da enfermeira extrapola as balizas, fazendo referência nesse caso, possivelmente à diferenciação das enfermeiras que conhecem a técnica da sua profissão e são, portanto, habilitadas ao mister ao qual se propõem, e, que se distanciam do lugar comum, de pertencerem a um corpo de enfermeiras leigas, sem conhecimento da enfermagem.

Os elementos figurativos fazem alusão a um “retrato ideal” de enfermeira a ser alcançado por meio do curso formal, representado pelo título do livro, escrito na cor branca em

um fundo vermelho, cores comumente relacionadas à assistência a enfermos. Tal ideia é ratificada na medida em que se analisam os atributos ostentados na imagem.

A mulher está com uma vestimenta de cor clara e uma touca, representando o uniforme utilizado pelas enfermeiras diplomadas à época. No primeiro capítulo do livro “Curso de Enfermeiros”, intitulado “Noções gerais de Higiene”, Possollo afirma que o enfermeiro ou enfermeira, em serviço, devem usar uniforme, que deverá ser composto por uma túnica, uma touca ou gorro e de sapatos brancos. A cor preferida para o uniforme dos enfermeiros também é a branca, e a escolha, segundo o autor, é proposital para ser melhor observado o asseio dos profissionais.

Porto e Santos (2009) afirmam que os emblemas touca, símbolo da cruz (ausente nessa imagem) e o uniforme são considerados representações objetais uma vez que esses signos constroem imagens próprias de quem os ostentam. As vestimentas de cor clara demonstram virtude e altruísmo, além de significar uma representação de *status*. Ademais, transmitem a ideia de limpeza, pureza, inocência e feminilidade (PORTO, 2007).

Porto e Neto (2014), compreendem a touca como uma assinatura imagética das instituições de ensino que participaram do processo de formação de enfermeiros, onde cada curso/escola identificava sua instituição de origem por meio de uma representação simbólica. A Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto utilizava o gorro com símbolo da cruz na cor azul, a Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira era representada pelo véu e a cruz na cor vermelha, já a Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, utilizava a touca como representação simbólica, tal como a mulher da imagem da capa da sétima edição do livro “Curso de Enfermeiros”.

A imagem é de uma mulher de cabelos de comprimento médio, olhar marcante e direcionado ao leitor, e sorriso amigável, o que reflete os ensinamentos de Possollo no capítulo de noções gerais de higiene, onde afirma que a enfermeira deve evitar os cabelos demasiadamente compridos a fim de cumprir os preceitos de higiene, deve ser observadora por excelência e ainda, deve mostrar ao doente uma fisionomia alegre sem exagero. A gola fechada, faz alusão às representações de disciplina e obediência.

Segundo Chartier (1990), a leitura das capas dos livros e de sua organização está recoberta de intenções. A imagem contida na capa do livro de Possollo reproduz o seu ideal de enfermeira, com clara preferência pelo sexo feminino, já retratado no relatório redigido pelo autor quando do retorno à sua viagem para a Europa e, traduz uma possível aspiração do autor de que sua obra pudesse ser agregada ao material de ensino de outros cursos/escolas de

enfermagem, mas contraditoriamente ao seu objetivo declarado, a imagem da mulher aproxima-se, mesmo que plegoricamente, de atributos que não caracterizam a seção feminina da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras.

A capa ilustrada é assinada por J. Tongel, o que pode ser visualizado no canto inferior esquerdo da capa.

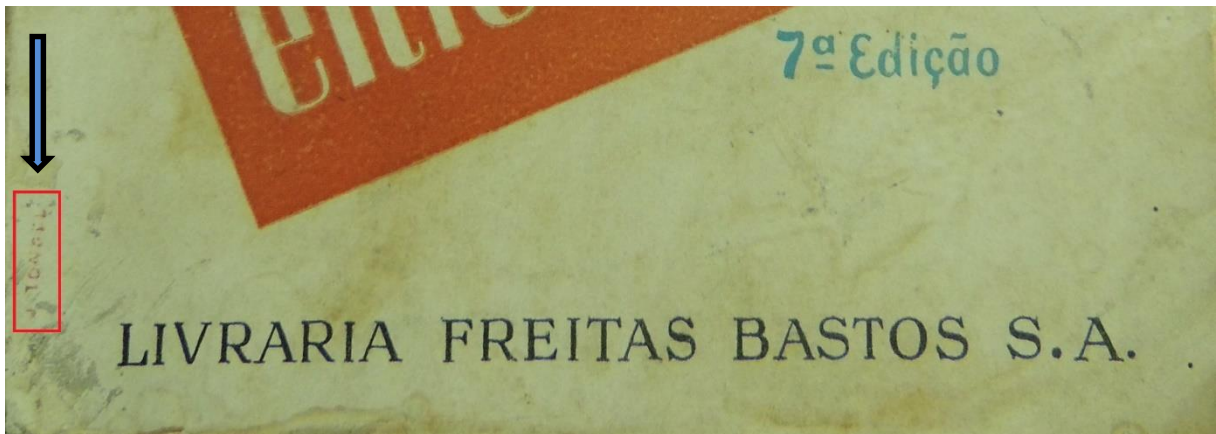


Imagem 20 – Fragmento da capa do livro “Curso de Enfermeiros” (1948)

Jaime Tongel foi ilustrador da Livraria e Editora Globo (Porto Alegre), onde os livros ilustrados, dentre contos, vinhetas, logotipos e anúncios publicitários, constituíam a parcela mais expressiva dos trabalhos desses profissionais. J. Tongel também foi membro da Associação Rio-Grandense de Artes Plásticas Francisco Lisboa, ou simplesmente, Chico Lisboa. O grupo formado pelos artistas dessa Associação era opositor à arte moderna, pois acreditava que a mesma ameaçava a moral e rompia com o ideal de beleza clássica, sinônimo da ordem e da ausência de conflitos (RAMOS, 2007).

Assim, o estudo da capa do livro “Curso de Enfermeiros”, por meio dos textos e dispositivos materiais e estéticos utilizados, fez emergir tanto as representações do próprio livro através da figura do autor, como as de autoridade, status intelectual e competência, quanto aquelas relacionadas ao público leitor, os enfermeiros, como as de ignorância, pobreza, comportamentos moral e social, disciplina e obediência.

5.2. Representações de *status* intelectual e competência

Das partes que constituem o livro, a ocupada pelos elementos pré-textuais é a que contém o maior número de elementos e a mais suscetível a variações em sua disposição

(ARAÚJO, 2008). O livro em análise nesse estudo, apresenta na sua construção os elementos pré-textuais: falsa folha de rosto, folha de rosto, dedicatória, sumário e prefácio.

5.2.1. Falsa folha de rosto

Segundo Araújo (2008), é também chamada de anterrosto. Deve exibir somente o título da obra, excluindo-se, portanto, os subtítulos ou qualquer outro esclarecimento. É composto por um corpo menor que o do rosto e deve ocupar o centro óptico da página, valorizando a área de contragrafismo.

Esse elemento está presente no livro “Curso de Enfermeiros”, apenas nas edições de 1936, 1942, 1944 e 1948 e, absolutamente iguais. Considerando que os exemplares de 1931 e 1939 analisados são cópias reprográficas, não é possível afirmar que a ausência da falsa folha de rosto é verdadeira ou resultou da intencionalidade de quem produziu a cópia.

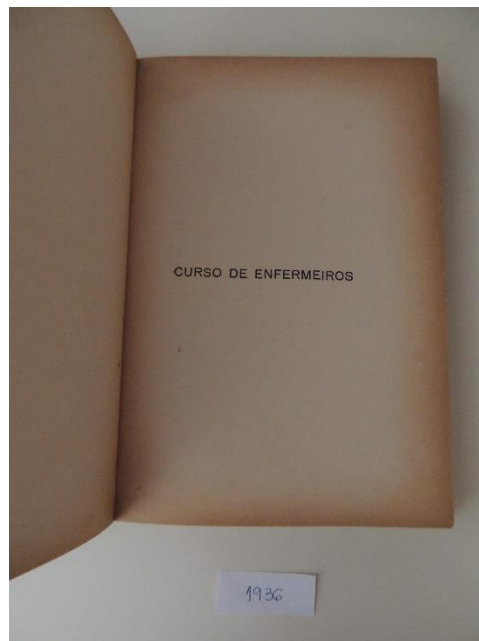


Imagem 21 – Falsa folha de rosto do livro “Curso de Enfermeiros” (1936)

5.2.2. Folha de rosto

Também chamada de rosto, possui a finalidade de apresentar o livro. Assim, seu elemento principal é o título da obra, que aparece em destaque, na maioria das vezes, em negrito e caixa alta (ARAÚJO, 2008), como em todas as edições estudadas do livro de Possollo.

A cópia reprográfica da edição de 1931, não apresentou tal elemento.

Na primeira edição do livro (1920), a folha de rosto apresenta-se similar à primeira capa em relação aos elementos constitutivos. Apresenta o título em caixa alta, seguido do nome do autor, texto de apresentação e editora.

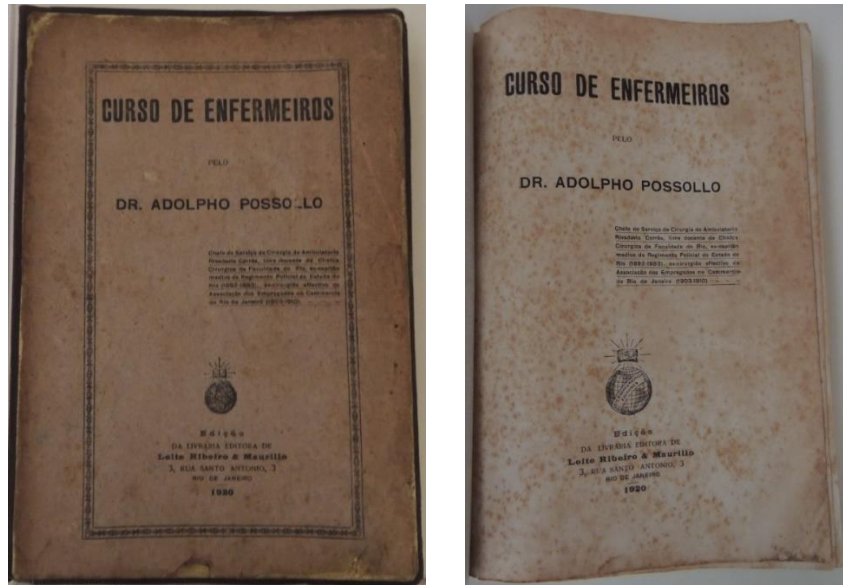


Imagem 22 – Capa e folha de rosto do livro “Curso de Enfermeiros” (1920)

Já na edição de 1936, pode-se identificar claramente a folha de rosto, visto que a edição encadernada não mostra a capa original da obra. Isso também acontece nas edições de 1942 e 1944.

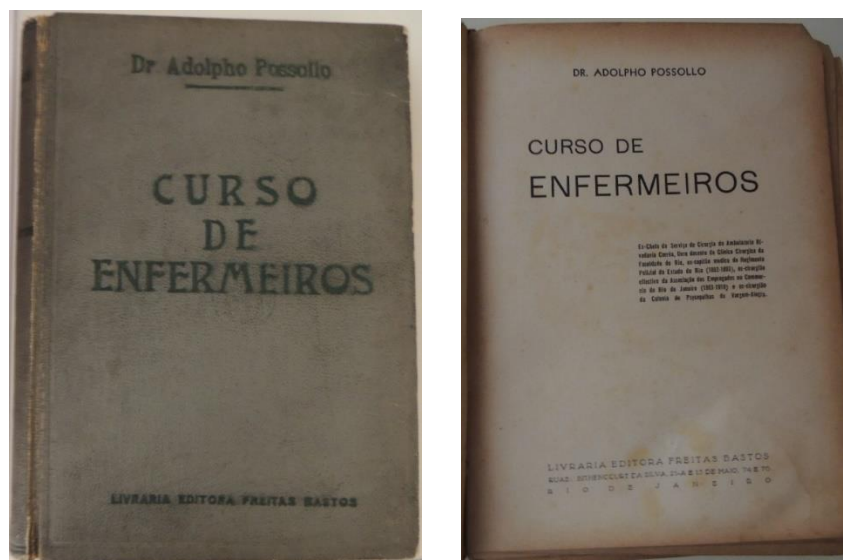


Imagem 23 – Capa e folha de rosto do livro “Curso de Enfermeiros” (1936)

A ordem dos elementos da folha de rosto da edição de 1936, é a mesma adotada pela encadernação (certamente, com influência da primeira para a segunda). No alto da folha, o nome do autor figura em caixa alta, porém aparece menos destacado que na versão encadernada, dada o tamanho maior da fonte e o uso do recurso *sublinhar* nessa última. O título mostra-se em caixa-alta, sem serifas, de fácil leitura. A apresentação do autor é escrita em caixa alta e baixa, em negrito, o que confere destaque apesar da fonte ser de tamanho pequeno. Nota-se que não há o ano de publicação nem o número da edição, assim, só é possível identificar o ano de publicação da obra por meio da leitura do prefácio. Por fim, a identificação da Livraria Editora, que apesar de não estar em negrito, apresenta-se alargada de modo que atravessa quase todo o final da folha, o que reflete a intenção de deixá-la em evidência.

A quarta edição da obra “Curso de Enfermeiros” (1939) é publicada com ampliação do seu conteúdo, é acrescentada uma parte de enfermagem na atenção à criança. Essa alteração consta na folha de rosto da sua edição, logo abaixo do título do livro, escrita em negrito. Considerando o ineditismo do conteúdo voltado para os enfermeiros, esse é um elemento de forte representação de competência da obra, elevando o *status* da mesma e, conseqüentemente, seu valor comercial.

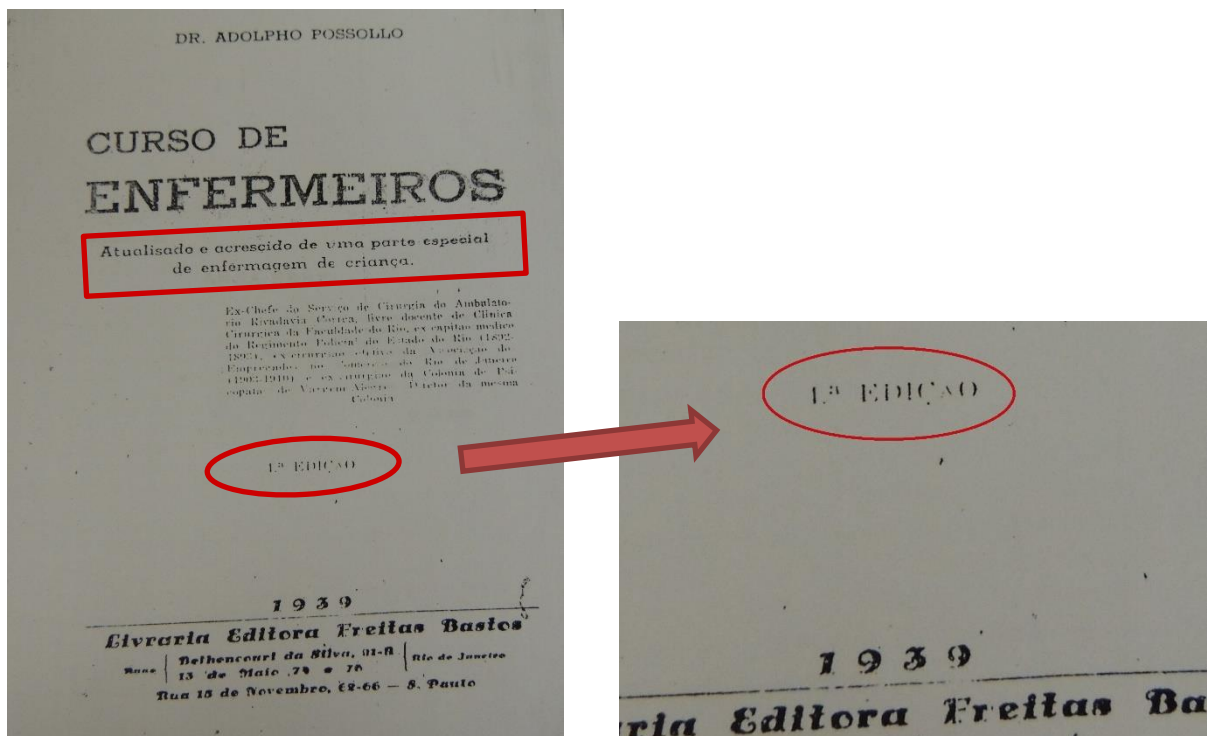


Imagem 24 – Folha de rosto do livro “Curso de Enfermeiros” (1939)

Na folha de rosto dessa edição, é mencionado o ano de publicação do livro, em negrito e, logo abaixo, com o mesmo destaque, figura o nome da Livraria Editora responsável pela sua edição e distribuição. Após a apresentação do autor, o número da edição da obra: 1ª edição. Isso se deve, provavelmente, por ser a primeira edição a conter o capítulo específico de assistência à criança.

As folhas de rosto das edições de 1942 (5ª edição) e 1944 (6ª edição) são semelhantes na sua forma, organização e conteúdo. A numeração da edição segue a ordenação original e não a sequência da quarta edição (1939). O elemento que chama atenção é a apresentação do autor na sexta edição, em que são acrescentados títulos em relação à anterior, o que reflete a intenção de aumentar o grau de autoridade do autor e, por consequência, a sua representação.

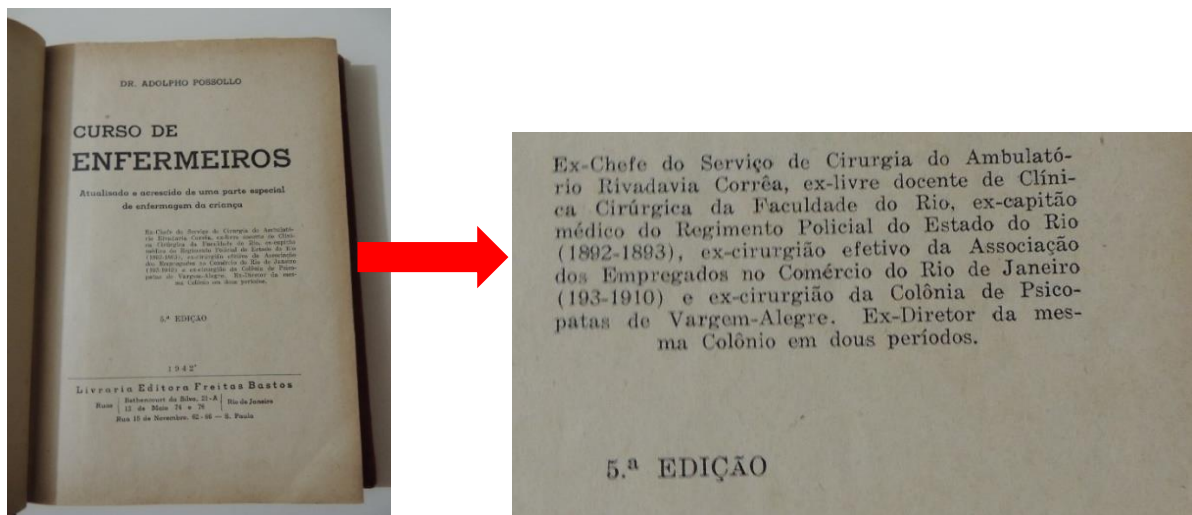


Imagem 25 – Folha de rosto do livro “Curso de Enfermeiros” (1942)

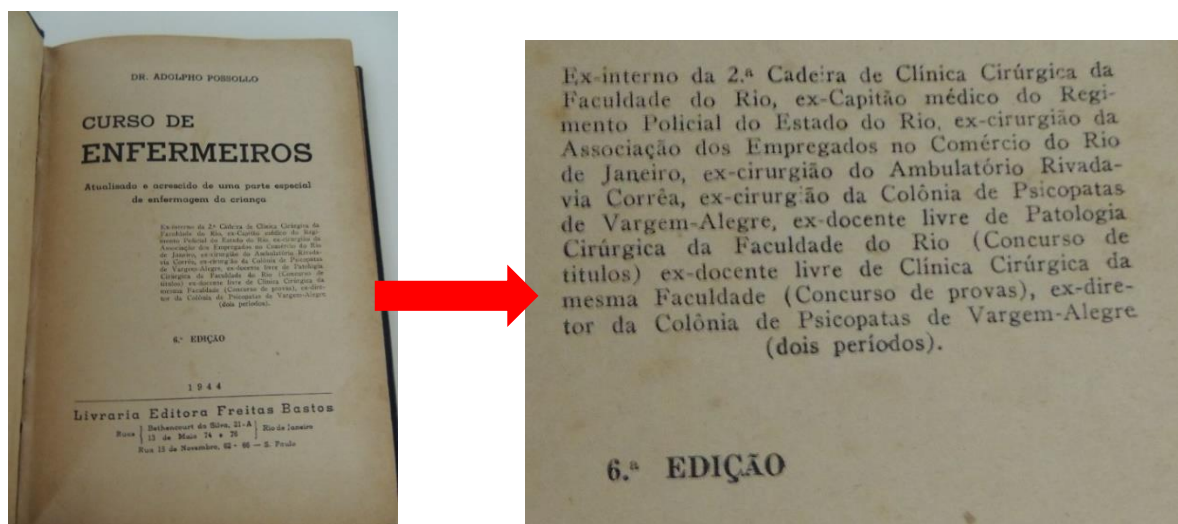


Imagem 26 – Folha de rosto do livro “Curso de Enfermeiros” (1944)

A folha de rosto da sétima edição (1948) do livro “Curso de Enfermeiros” é a que mais se difere da capa pela utilização do recurso iconográfico nessa última, no entanto, contém os elementos principais das edições anteriores: nome e apresentação do autor, título da obra, edição, ano de publicação e editora e, desempenha com maestria o seu papel de identificar a obra e o autor do texto. Cumpre notar, que a caracterização dos títulos de Possollo apareceu com ordem modificada em relação às folhas de rosto das edições antecessoras, dessa vez, adjacente ao nome do autor, o que denota urgência em definir as qualidades acadêmicas e cargos ocupados pelo autor da obra.

A definição pormenorizada dos atributos intelectuais e das atividades exercidas por Possollo representa-o como um retrato da sua trajetória. Chartier (1994) afirma, que a representação do autor, dos seus atributos reais ou simbólicos e ainda, a sua heroificação, possui a função de constituir o texto escrito como expressão de uma individualidade que fundamenta a autenticidade da obra. E, mais do que isso, a manifestação da presença do autor no livro indica o controle exercido pelo escritor sobre as formas de edição do seu texto.

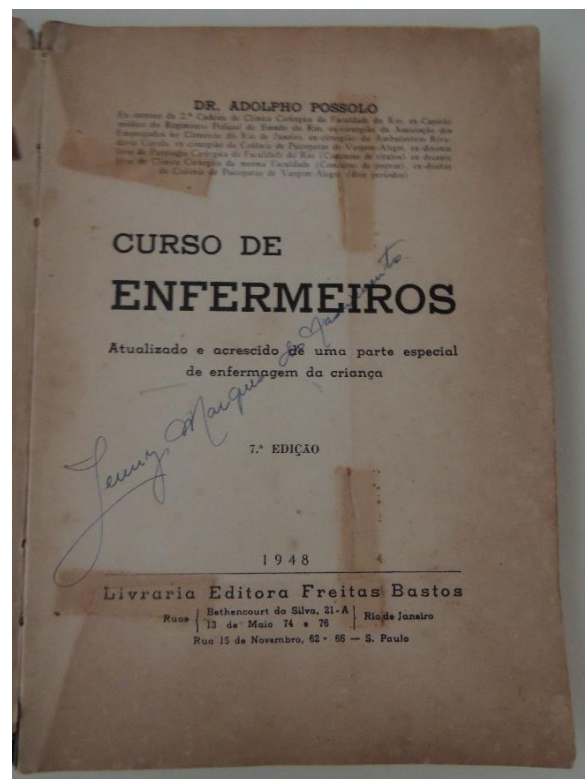


Imagem 27 – Capa e folha de rosto do livro “Curso de Enfermeiros” (1948)

5.2.3. Dedicatória

Esse elemento pré-textual é disposto em página ímpar, onde nada se imprime no verso. É localizada defronte do verso da folha de rosto (ARAÚJO, 2008). A dedicatória do livro “Curso de Enfermeiros” é concisa, destinada à memória de um ícone da enfermagem brasileira: Anna Nery.

Vale ressaltar, que não houve modificação desse elemento ao longo das edições publicadas.

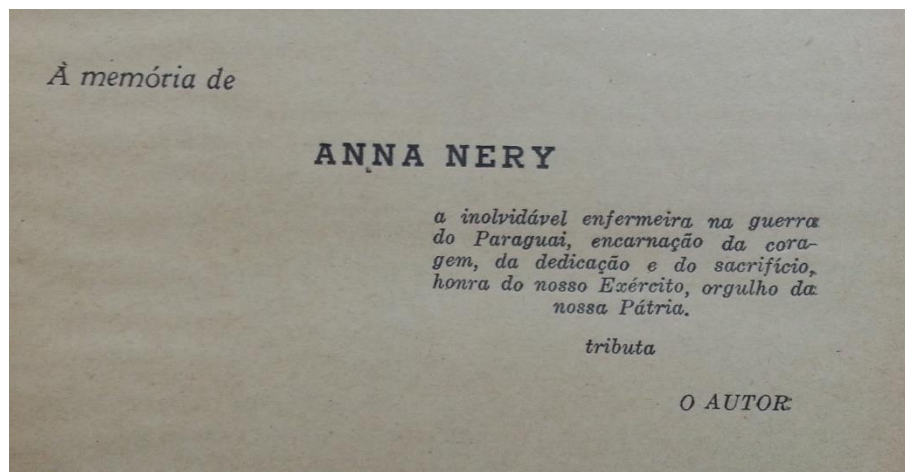


Imagem 28 – Dedicatória do livro “Curso de Enfermeiros” (1944)

Adolpho Possollo enaltece a figura de Anna Nery com atributos que considera indispensáveis à uma boa enfermeira: dedicação e sacrifício. Para Guedes (2009), caminhar do conhecido ao desconhecido é uma forma de orientar o leitor assim como impressioná-lo. Dessa maneira, a intenção de dedicar à obra a essa personalidade, detentora de nobres atributos, pode ter atendido a duas vertentes: a primeira, diz respeito à caracterização inicial do modelo de enfermeira esperado pelo autor do livro, com foco no sexo feminino, seus atributos e representações almejadas e, a segunda, significa fazer crer que com o empenho dos alunos por meio do estudo da técnica da sua profissão contidas no livro “Curso de Enfermeiros”, poderiam se aproximar daquela que foi a enfermeira de maior vulto da enfermagem brasileira.

Ademais, Chartier (1994), afirma que uma obra pertence tanto àquele que a escreveu quanto àquele a quem a obra é dedicada. Nessa perspectiva, sobressaem-se as representações de autoridade e competência, o status da obra é elevado, bem como seu poder de comercialização.

Destaca-se também, a influência do patriotismo na dedicatória da obra. Comum nas primeiras décadas do século XX, a valorização do espírito nacionalista estava muitas vezes atrelado ao militarismo. Segundo Abreu Júnior e Carvalho (2012), o cultivo do patriotismo era o componente fundamental para o pleno exercício da educação no Brasil.

5.2.4. Sumário

Constitui uma ordenação sistemática da estrutura do livro, reproduzindo com fidelidade o enunciado da organização do mesmo, ou seja, suas partes, seções, capítulos, entre outros. Sua função é, sobretudo, remissiva, portanto, os números de página (os fólhos) devem ser ligados aos títulos de maneira direita e cômoda para o leitor, respeitando o princípio da inteligibilidade, de preferência, permitindo um esquema construtivo de página agradável (ARAÚJO, 2008).

Vale ressaltar, que em todas as sete edições pesquisadas da obra, o sumário apresentou-se após a bibliografia, ao término do corpo do texto principal, no final do livro, o que dificulta a localização do mesmo pelo leitor e, com o título de índice. Segundo Araújo (2008), há distinção entre sumário e índice, enquanto o primeiro diz respeito à organização temática do conteúdo de acordo com a sequência do livro, o índice é caracterizado como uma listagem alfabética da matéria abordada.

ÍNDICE	
Dedicatória	5
Apresentação	7
Prefácio da 2. ^a edição	11
Prefácio da 3. ^a edição	13
Prefácio da 4. ^a edição	15
Prefácio da 5. ^a edição	17
Prefácio da 6. ^a edição	19
1. ^a PARTE — CURSO DE ENFERMEIROS	
NOÇÕES GERAIS DE HIGIENE	
Higiene moral	23
Higiene pessoal	25
Higiene mental	26
Responsabilidade dos enfermeiros	35
Higiene hospitalar	36
NOÇÕES GERAIS DE ANATOMIA	
Anatomia descritiva	55
Tegumento	55
Sistema ósseo	57
Sistema articular	77
Sistema muscular	78
Aparelho circulatório	80
Sistema nervoso	84
Aparelho respiratório	85
Aparelho digestivo	87
Aparelho urinário	91
Aparelho genital do homem	91
Aparelho genital da mulher	92
Anatomia topográfica	95
NOÇÕES GERAIS DE FISIOLOGIA	
Generalidades	97
Digestão	100
Defecação	104
Absorção	105
Circulação	105
Respiração	109
	— 25

Imagem 29 – Sumário do livro “Curso de Enfermeiros” (1944)

Os sumários são produzidos com linhas pontilhadas que ligam os títulos dos assuntos aos fólhos correspondentes. Embora tradicionalmente empregado, o efeito visual não é satisfatório por sobrecarregar a área de grafismo da página. Em contrapartida, é um modelo eficaz por facilitar o leitor a associação rápida do conteúdo aos fólhos (ARAÚJO, 2008).

5.2.5. Prefácio

Também chamado de prólogo, apresentação, preâmbulo e outros nomes, define-se como uma apresentação da obra, escrita pelo próprio autor ou por outra pessoa, assim como esclarecimento, justificação ou comentário da mesma. Deve estar ou iniciar em página ímpar e, geralmente, apresenta o mesmo tratamento gráfico do corpo do texto (ARAÚJO, 2008).

Os prefácios do livro “Curso de Enfermeiros” são em número de sete, correspondendo ao número de edições da obra. A cada edição lançada, os prefácios anteriores foram reproduzidos juntamente com o de lançamento, com exceção da sétima edição, onde somente o prefácio dessa foi apresentado.

Para a análise dos mesmos, serão apresentadas as imagens dos prefácios originais de cada edição, salvo a quarta (1939), que por ser uma cópia reprográfica de baixa qualidade, não se mostrou nítida para esse efeito.

O prefácio da 1ª edição do livro “Curso de Enfermeiros” (1920) foi denominado “Apresentação”. O título foi escrito com letras em caixa alta e baixa, em negrito e com tamanho da fonte maior que o do texto que se segue, o que exprime a intenção de ressaltá-lo. O texto é emoldurado por margens de aproximadamente 3cm nas suas laterais, o que segundo Araújo (2008), tem a finalidade de proporcionar legibilidade ao texto e induzir o leitor a focar na área de grafismo ao centro, além disso, favorece seu manuseio ao impedir que o polegar cubra o impresso.

O texto é longo e com tamanho da fonte menor que o utilizado no texto principal do livro, tais características dificultam a leitura. Em contrapartida, foi utilizado o tipo serifado, especificamente, a serifada antiga, a qual está incluída na categoria de tipos elegantes, sérios e clássicos. São indicados a textos longos uma vez que são mais confortáveis, facilitando a leitura (Araújo, 2008). Ademais, a utilização dos espaços brancos em torno do texto, propiciou a construção de linhas com até quinze palavras, o que constitui um fator colaborador para a legibilidade e favorece o aumento da velocidade da leitura. Outra estratégia, foi a utilização de

parágrafos curtos, coerentes e de linguagem simples, que permitiu a transmissão das mensagens com clareza.

Esses dispositivos de escrita, segundo Chartier (2003), são recursos utilizados para tornar o texto acessível a qualquer público, dando oportunidade de usos, interpretações e apropriação do mesmo aos leitores populares.

O prefácio da edição de 1920 é mais do que a apresentação da obra visto que o autor usa grande parte do mesmo para explanar a conjuntura da profissionalização da enfermagem à época, principalmente no que concerne à seção feminina da EPEE, a Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto (EPEAP), e os motivos que o levaram a escrever um livro destinado à formação de enfermeiros.

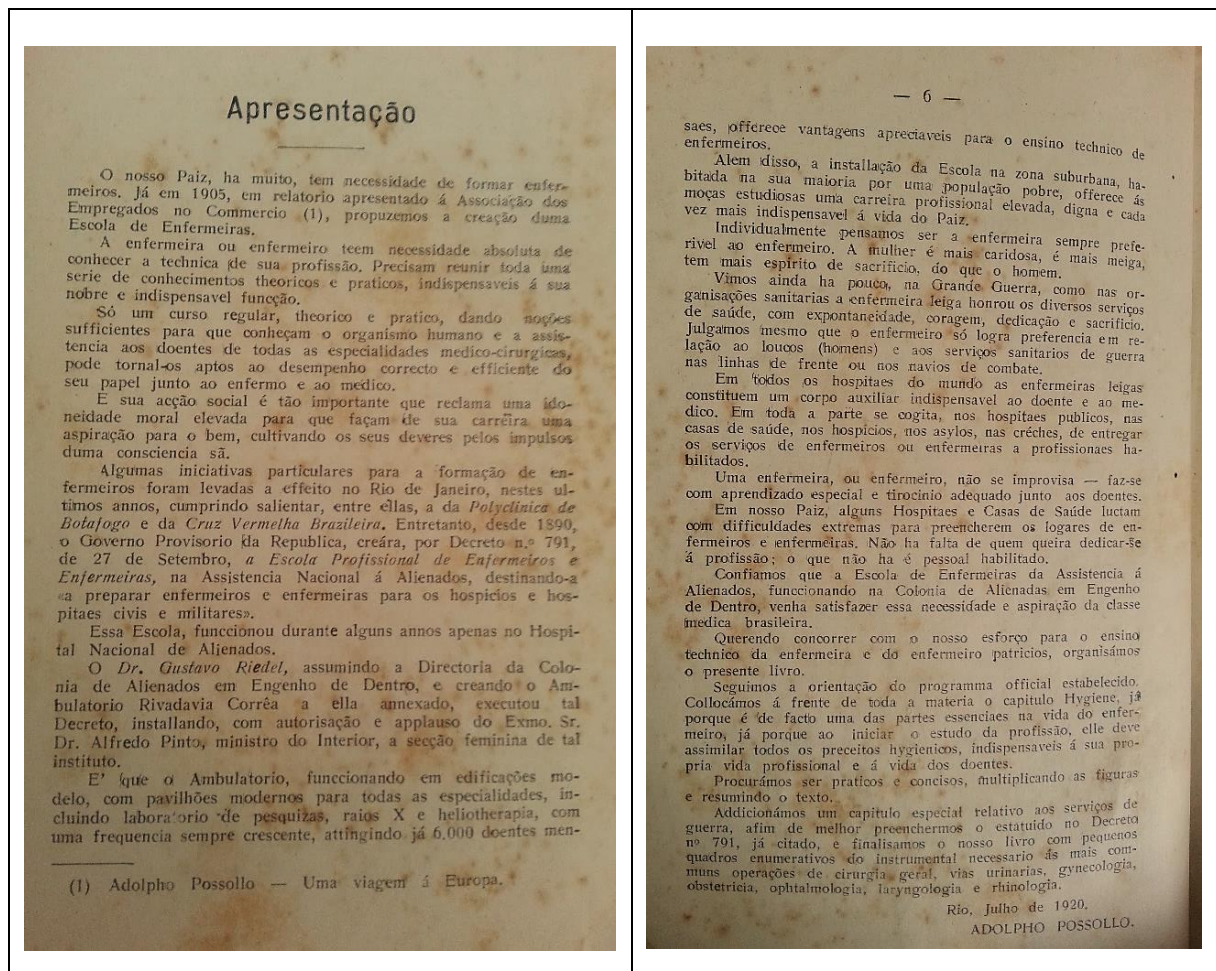


Imagem 30 – Prefácio da 1ª edição do livro “Curso de Enfermeiros” (1920)

Possollo inicia a sua apresentação do livro enfatizando a necessidade premente do Brasil de formar enfermeiros e, para tornar possível a formação de profissionais habilitados, com desempenho correto e eficiente junto aos médicos e enfermos, era preciso que reunissem uma

série de conhecimentos teóricos e práticos. Para tal, tornava-se indispensável a preparação dos mesmos por meio de um curso regular.

Segundo o autor, foi para contribuir para a formação desses profissionais, que surgiu o livro “Curso de Enfermeiros”. Possollo, durante a redação do prefácio, utiliza-se de verbos na primeira pessoa do plural, como pode-se verificar com as palavras “pensamos”, “seguimos”, “organizámos”, entre outras, que configura o entendimento de Possollo que a autoria da obra não é individual, tal como postulado por Roger Chartier (1994).

A referência aos profissionais “enfermeiro” e “enfermeira” e a apresentação do conteúdo do livro baseado no programa oficial estabelecido, por meio do decreto de criação da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, denota que o livro foi escrito para ser utilizado no curso de formação de enfermeiras da EPEAP, criada em 1921, na Colônia de Alienadas do Engenho de Dentro (ESPIRITO SANTO, 2012).

Arelado a isso, está o modo de escrita que Possollo desenvolve ao longo do texto, utilizando-se de linguagem simples, direta, e parágrafos pequenos, característico de textos destinados a pessoas com pouca instrução que, provavelmente, constituía a maior parte do alunado dessa Escola uma vez que os requisitos para a matrícula na instituição, consistia em ter idade mínima de 14 anos de idade, saber ler e escrever corretamente e conhecer aritmética elementar, ser vacinado e não sofrer de doença contagiosa e, apresentar atestado de bons costumes²⁴.

Em um trecho do prefácio, Possollo (1920) afirma: “Procurámos ser práticos e concisos, multiplicando as figuras e resumindo o texto”, o que corrobora a ideia da destinação do livro às pessoas de baixo grau de instrução.

O autor declara que a localização da EPEAP, na zona suburbana do Rio de Janeiro, representa um aspecto positivo na medida em que poderia proporcionar às moças pobres e estudiosas, uma carreira profissional elevada e digna.

Possollo confiava que a EPEAP viesse a satisfazer a necessidade dos hospitais e casas de saúde de preencher o seu quadro de profissionais com enfermeiros habilitados e, inclusive, a aspiração da classe médica brasileira de possuírem um corpo de auxiliares eficientes, referindo-se às enfermeiras.

A despeito da referência a ambos os gêneros, enfermeiro e enfermeira, Possollo (1920, prefácio) enfatiza a sua preferência pelo sexo feminino, como podemos verificar no trecho

²⁴ BRASIL. Regimento interno da Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto. In: Relatório do Ministério da Justiça e Negócios Interiores. p. 185-6. 1922.

“Individualmente pensamos ser a enfermeira sempre preferível ao enfermeiro. A mulher é mais caridosa, é mais meiga, tem mais espírito de sacrifício, do que o homem”. No livro “Uma viagem à Europa” (1907), Adolpho Possollo justifica essa preferência por enfermeiras, por haver qualidades essenciais à profissão que só poderiam ser exigidas de mulheres, como a docilidade e abnegação no cumprimento de deveres. Possivelmente, está oculto o fato de homens serem mais dificilmente dominados. Seu discurso faz com que a representação da enfermeira e das práticas de enfermagem do início do século XX esteja atrelada à representação da mulher por meio do modelo patriarcal ou doméstico-burguês da sociedade à época.

A representação de mulher-enfermeira retratada nesse prólogo, é aquela de origem pobre, com baixo grau de instrução porém dedicada ao estudo e à sua profissão, meiga, caridosa, com espírito de sacrifício e de boa reputação.

Pode-se observar ao longo do texto do prefácio, que Possollo menciona em diversos trechos o deficit de profissionais habilitados ao exercício da profissão enfermeiro e ainda, a necessidade dos enfermeiros de possuírem o conhecimento técnico para a plena execução das suas atividades. A repetição de palavras ou ideias é uma estratégia para fixá-las no inconsciente do leitor, afirma Chartier(1990).

O prefácio da 2ª edição da obra (1931) é conciso e retrata o consumo da obra por meio de três representações: o esgotamento da primeira edição do livro, a crescente demanda pelo seu texto e o esforço de editores em produzir a segunda edição da obra . Além disso, o consumo em larga escala significa que o produto foi aprovado e eleito pelo público leitor.

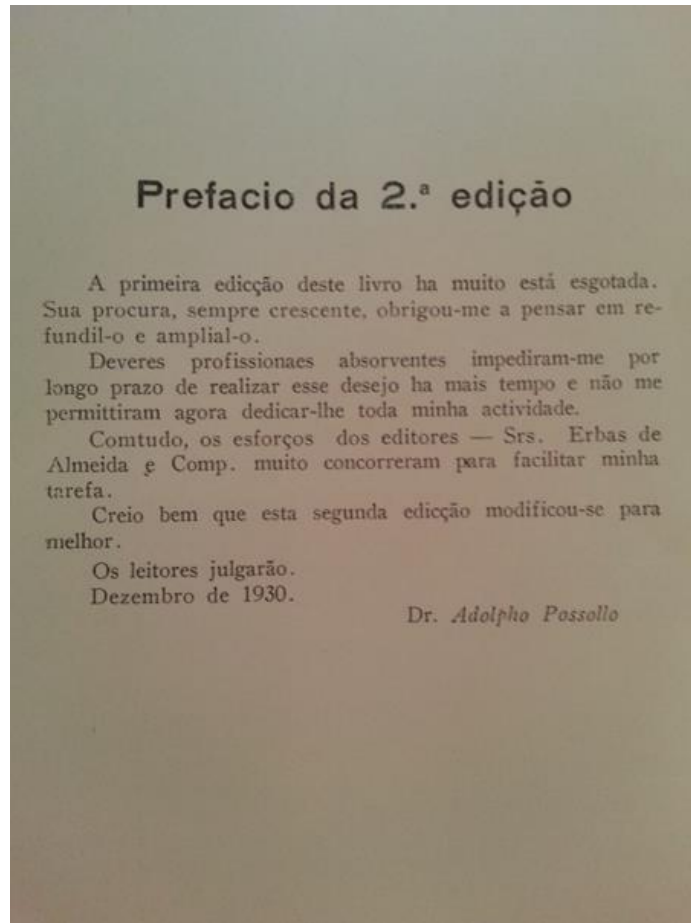


Imagem 31 – Prefácio da 2ª edição do livro “Curso de Enfermeiros” (1931)

Possollo refere mudanças no livro em relação à edição anterior. Essas mudanças referem-se à quantidade e disposição das imagens ao longo da obra. Na primeira, há 345 imagens dispostas, geralmente, de forma agrupada no interior dos capítulos, enquanto que na segunda edição, as 391 imagens são distribuídas ao longo de todo o texto principal. Esse, permaneceu o mesmo.

No prefácio da 3ª edição do livro “Curso de Enfermeiros” (1936), Possollo relata que o anseio revelado no relatório “Uma viagem à Europa”, de formar enfermeiros habilitados, foi concretizado com a criação de numerosas escolas de enfermagem, porém ainda não em número suficiente comparado às necessidades do país.

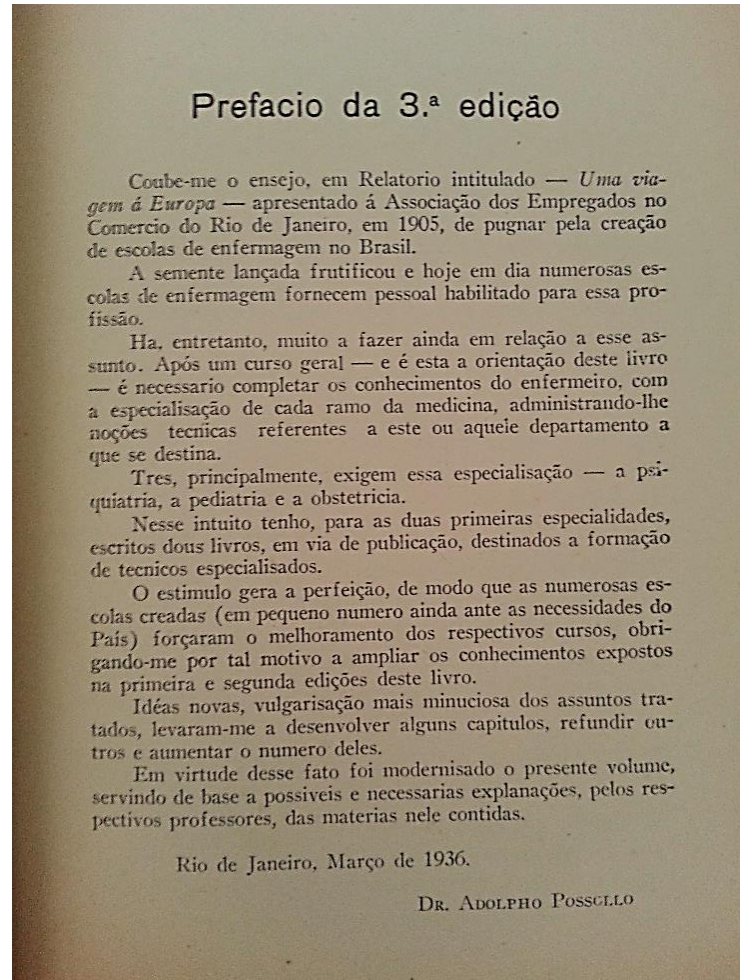


Imagem 32 – Prefácio da 3ª edição do livro “Curso de Enfermeiros” (1936)

Possollo aponta para a necessidade de complementação do curso geral para enfermeiros por meio da especialização em cada campo da medicina, em especial a psiquiatria, a pediatria e a obstetrícia e, relata que há no prelo, livros destinados à formação de técnicos especializados nos dois primeiros ramos mencionados. Para o primeiro domínio, Possollo publicou o livro “O enfermeiro de psicopatas”, em 1939, pela Irmãos Pongetti Editores. Em relação à pediatria, não foram encontrados indícios de publicação posteriores a essa data.

A concepção de formar enfermeiros especialistas vai ao encontro da preocupação demonstrada pela enfermagem internacional, na década de 1930, com a organização curricular das enfermeiras, destacando as áreas de saúde pública, psiquiatria, obstetrícia, pediatria e dietética, como aquelas que deveriam ofertar tanto o ensino teórico quanto o prático (AMORIM, BAPTISTA e GOMES, 2005).

Cabe ressaltar, que essa necessidade sentida ainda na década de 1930, foi oficializada apenas no final da década seguinte, por meio do Decreto nº 27.426, de 14 de novembro de 1949,

que contemplava no seu artigo 3º, que “ Além dos dois cursos ordinários, podem ser criados outras de pós-graduação, destinados a ampliar conhecimentos especializados de enfermagem ou de administração”²⁵. Assim, a gênese do ensino de pós-graduação (*lato sensu*) em enfermagem, data da década de 1950, com cursos de especialização oferecidos na Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo (atual Faculdade de Enfermagem da UERJ), inicialmente os cursos de pós-graduação em Pedagogia e Didática aplicada à Enfermagem e Administração de Unidade de Enfermagem, com ajuda da Fundação Kellogg²⁶ e, na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, os mesmos cursos foram criados (OGUISSO e TSUNECHIRO, 2005 e CARLOS *et al*, 2013).

Possollo, no prefácio dessa edição, cita que devido à melhoria dos cursos de enfermagem à época, tornou-se indispensável a ampliação do conteúdo da sua obra. Enquanto que nas duas primeiras edições, as mudanças ocorreram basicamente no número e disposição das imagens contidas no livro, na terceira edição, houve modernização no vocabulário, porém as alterações mais importantes são verificadas no conteúdo do texto principal.

O número de páginas da segunda (1931) para a terceira edição (1936) diminuiu de 343 para 335, isso se deve ao fato de que o comprimento da segunda edição, publicada pela Livraria Azevedo- Editora Erbas de Almeida, ser comparativamente menor que o das edições de 1920 e 1936, ambos publicados pela mesma editora, ainda que com denominações diferentes (Leite Ribeiro & Maurillo e Livraria Editora Freitas Bastos). Somado a isso, há a questão da apresentação do conteúdo, com tamanho de fonte menor na terceira do que na segunda edição, assim como acontece com o tamanho das imagens.

Em relação à ampliação dos assuntos abordados, ao analisar as edições de 1931 e 1936, pode-se verificar acréscimo de conteúdo em cinco dos dez capítulos:

- Noções gerais de higiene – Ampliação relativa às qualidades exigidas às enfermeiras, como discrição, observação, subserviência à figura do médico e à administração do hospital em que trabalham. Em menor escala, nota-se o acréscimo de aspectos da higiene pessoal a serem observadas pelas profissionais

²⁵ BRASIL. Decreto nº 27.426, de 14 de novembro de 1949. Aprova o Regulamento básico para os cursos de enfermagem e de auxiliar de enfermagem. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D27426.htm. Acesso em: 04 mai 2015.

²⁶ A Fundação W. K. Kellogg, pioneira na indústria de cereais, foi criada em 1930 por W. K. Kellogg e tinha como objetivo principal ajudar as pessoas a se ajudarem. A sua atuação na América Latina teve início da década de 1940, quando o desenvolvimento das profissões de saúde tornou-se uma de suas prioridades programáticas. A contribuição para o desenvolvimento da enfermagem, se deu por meio de programas de bolsas de estudo, o que possibilitou a capacitação de grande número de enfermeiros, e apoio direto às escolas de enfermagem da região (KISIL, 1993).

e a citação de doenças transmissíveis ao homem por meio de parasitas. Além disso, Possollo mostrou conhecimento acerca das características de instalações modernas em salas de operação, condizentes à época.

- Noções gerais de fisiologia – A grande mudança ocorreu nesse capítulo, iniciando pelo título, que passou a se chamar “Noções de fisiologia”, apesar de no sumário ter permanecido com o título anterior. Foram incluídos assuntos como fisiologia celular, aspectos do sistema nervoso, classificação de alimentos e fecundação.
- Noções práticas de propedêutica clínica – Acrescentados assuntos como temperatura e uso dos termômetros e, citação dos valores normais de pulsação e respiração, por idade do indivíduo.
- Curativos e pequena cirurgia – Foi incluído o assunto “transporte aéreo de feridos”, dentro do subitem “Transporte de feridos”.
- Cuidados especiais a certa categoria de enfermos: balneoterapia – O alargamento do conteúdo nesse capítulo consistiu na abordagem de assuntos como recepção do doente na hospitalização e o papel do enfermeiro na admissão do mesmo e no preparo para procedimentos cirúrgicos.

Além da ampliação dos capítulos já existentes, houve a criação de dois outros capítulos:

- Administração de alimentos e medicamentos – Cumpre salientar, que nesse capítulo, são citadas as vias de administração de medicamentos, porém, as técnicas são apresentadas apenas no capítulo de pequena cirurgia.
- Primeiros socorros, muitas vezes ao alcance do enfermeiro – Esse capítulo é fruto de versão ampliada do subitem “Socorro urgente”, que na edição anterior constituía o capítulo de pequena cirurgia.

O prefácio da edição de 1939, evidencia com dados expressivos a grande procura pela obra. O intervalo de tempo entre a publicação e o esgotamento da terceira edição, é cinco vezes menor que o da primeira edição e três vezes menor que o da segunda. De certo, essa é uma forte evidência de consumo do livro e um estímulo para a produção da quarta edição da obra.

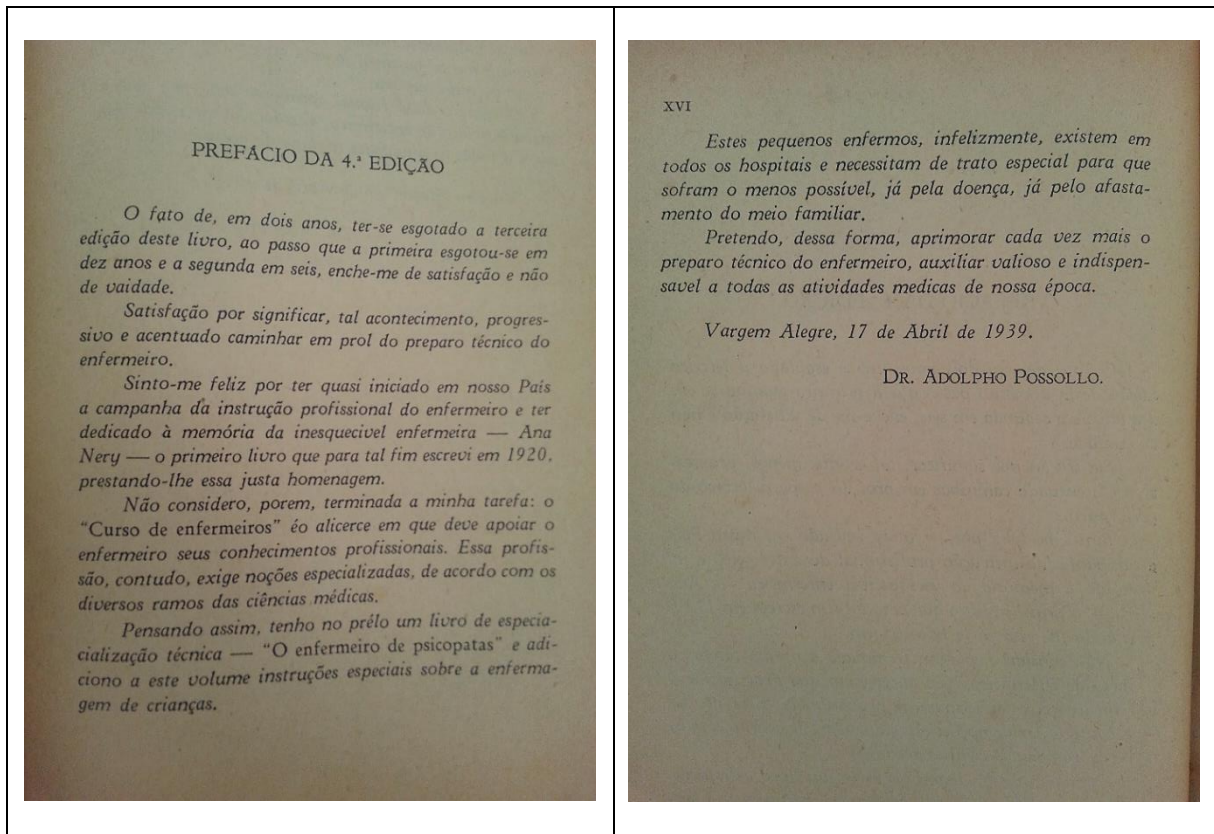


Imagem 33 – Prefácio da 4ª edição do livro “Curso de Enfermeiros” (1939) – Extraído da edição de 1942.

Possollo volta a mencionar a questão da especialização técnica do enfermeiro nos diferentes ramos da medicina, abordada no prefácio da 3ª edição da obra, porém, é somente na edição atual (1939), que o autor concretiza a sua aspiração de oferecer noções especializadas ao enfermeiro. Além da citação do livro “O enfermeiro de psicopatas”, ainda no prelo, mas que seria publicado no mesmo ano da 4ª edição do livro “Curso de Enfermeiros”, ele anuncia a inclusão de instruções especiais sobre a enfermagem de crianças, dividindo o livro em duas partes: Curso de Enfermeiros e Noções especiais da enfermagem de crianças.

Segundo Oliveira (2000), o cuidado à criança na década de 1930 era influenciado pelo modelo curativo do movimento trabalhista, apesar da predominância das ações preventivas nesse período. A criação de hospitais especializados no atendimento à criança, entre as décadas de 1930 e 1950, impulsionou a busca pelo desenvolvimento da enfermagem no âmbito da assistência pediátrica, no intuito de acompanhar as especialidades médicas nessa área. Esse aperfeiçoamento era majoritariamente efetivado na experiência prática, uma vez que os cursos de especialização em enfermagem pediátrica surgiram somente na década de 1970.

No final do texto, o autor apresenta o intuito principal da capacitação dos enfermeiros nas especialidades: formar enfermeiros capacitados para serem auxiliares valiosos do médico, atrelando novamente a profissão enfermeiro como profissão auxiliar à prática médica.

O prefácio da 5ª edição da obra (1942), reforça o entendimento de que a despeito da existência de iniciativas que facilitem o aprendizado de noções especializadas nos diversos ramos da medicina, por meio de livros ou cursos, e do aumento do campo de atuação da profissão, faz-se condição indispensável para a eficiência do serviço de enfermagem, a formação de enfermeiros por meio de um curso regular, com abordagem teórica e prática.

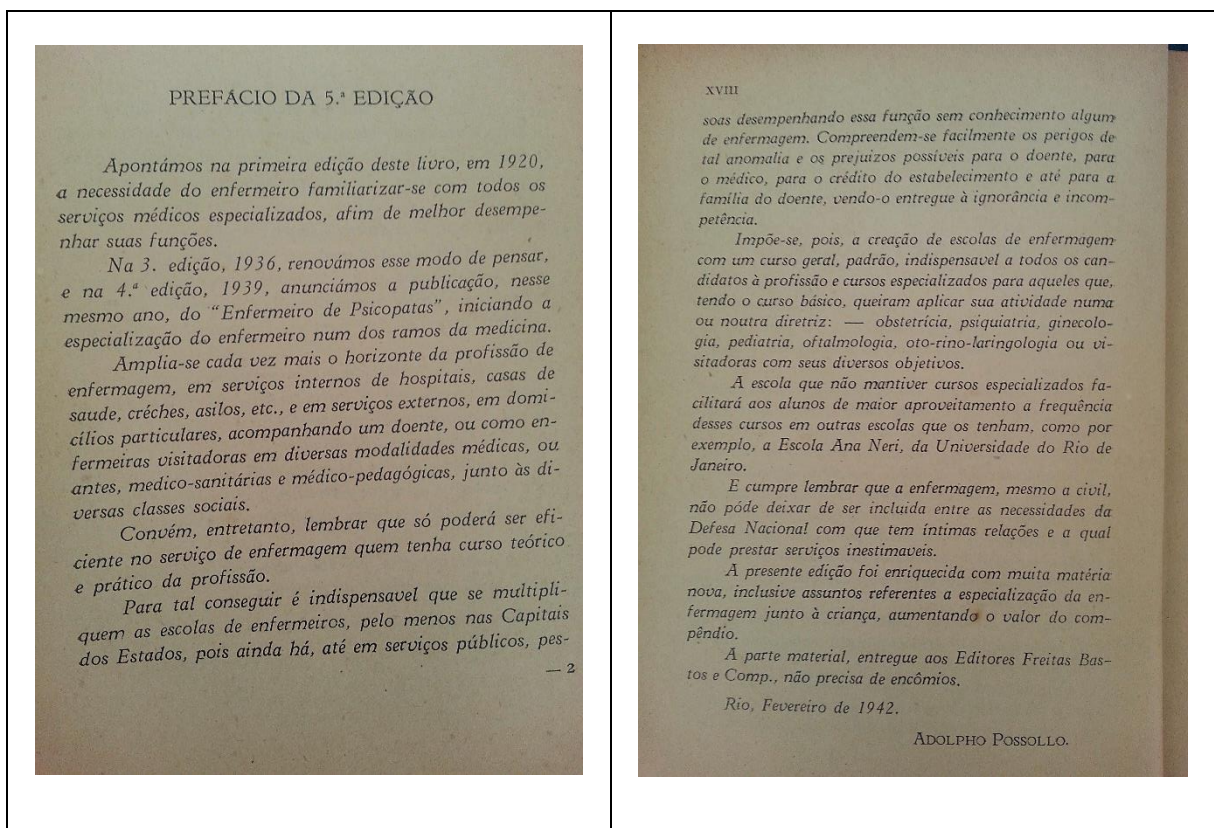


Imagem 34 – Prefácio da 5ª edição do livro “Curso de Enfermeiros” (1942)

Possollo enfatiza que se torna imperativa a criação de escolas de enfermagem com curso geral e cursos especializados e, ainda, que as escolas que não oferecessem esses últimos, deveriam facilitar o ingresso dos alunos com maior aproveitamento do curso geral nos cursos especializados de outras instituições, como a Escola Ana Neri. Segundo Tyrrell e Santos (2007), o oferecimento do primeiro curso denominado “post-graduado” pela Escola de Enfermagem Anna Nery, é anterior ao Decreto nº 27.426, de 14 de novembro de 1949, mas ocorreu somente em 1947, quando a Escola promoveu o curso post-graduado para a formação de professores e,

em 1948, iniciou o ensino de especialidades como obstetrícia e saúde pública, já com a denominação em especialização.

Na Escola de Enfermeiros Alfredo Pinto²⁷, a promoção do curso de especialização em serviços psiquiátricos para enfermeiros diplomados, foi possível por meio do Decreto-Lei nº 4.725, de 22 de setembro de 1942²⁸. Esse curso passou a vigorar em 1943, ano de ascensão da enfermeira diplomada Maria de Castro Pamphiro ao cargo de diretora da Escola (BESSA e AMORIM, 2006) e de encerramento do curso de especialização em Visitadoras Sociais, criado em 1927, para as enfermeiras que apresentassem os melhores desempenhos durante o curso de formação geral dessa Escola (CAVALCANTI e SILVA JUNIOR, 2010).

Conclui o prefácio informando que o conteúdo foi ampliado com novos assuntos. Possollo se refere aos subitens acrescentados ao capítulo de noções gerais de higiene: “Higiene mental”, onde afirma que os enfermeiros devem zelar pela sua própria higiene mental; “Responsabilidades dos enfermeiros”, nesse caso, junto aos doentes; e “Visitas”, onde refere que o enfermeiro tem responsabilidade acerca das visitas aos enfermos sob seus cuidados e tem o poder de intervir, caso haja necessidade; à abordagem sobre terapêutica e farmacologia no capítulo de noções práticas de propedêutica clínica e, à inclusão do capítulo “Higiene mental da criança”, na segunda parte do livro. Nesse momento, somam 414 as imagens presentes na obra.

O texto do prefácio da edição de 1944 é longo, porém serifado, distribuído em parágrafos curtos e com tamanho da fonte maior que a utilizada no corpo do texto principal da obra, características que aumentam a legibilidade da escrita e a velocidade da leitura.

A essência do mesmo, consiste na representação dos profissionais enfermeiros, que deveriam ter qualidades devocionais, paciência, abnegação, dedicação, honestidade e caridade. O enfermeiro, segundo Possollo, deveria ser carinhoso, altruísta e, sobretudo, conhecedor das suas responsabilidades e cumpridor das determinações médicas. E, compreende ainda, na reprovação de pessoas ou instituições que admitem profissionais sem preparo técnico ou qualidades morais indispensáveis ao exercício da profissão, mostrando preocupação com o charlatanismo, prática combatida pelos médicos desde o século XVIII, no Brasil (NASCIMENTO, AMORIM E ALMEIDA, 2009).

²⁷ O Decreto-Lei nº 4.725, de 22 de setembro de 1942, no seu artigo 1º, decreta que a Escola Profissional de Enfermeiros, criada pelo Decreto nº 791, de 27 de setembro de 1890, passe a denominar Escola de Enfermeiros Alfredo Pinto (EEAP).

²⁸ BRASIL. Decreto-Lei nº 4.725, de 22 de setembro de 1942. Reorganiza a Escola Profissional de Enfermeiros criada pelo decreto n. 791, de 27 de setembro de 1890, e dá outras providências. Disponível em: http://planalto.gov.br/CCiViL_03/Decreto-Lei/1937-1946/Del4725.htm. Acesso em: 26 mai 2015.

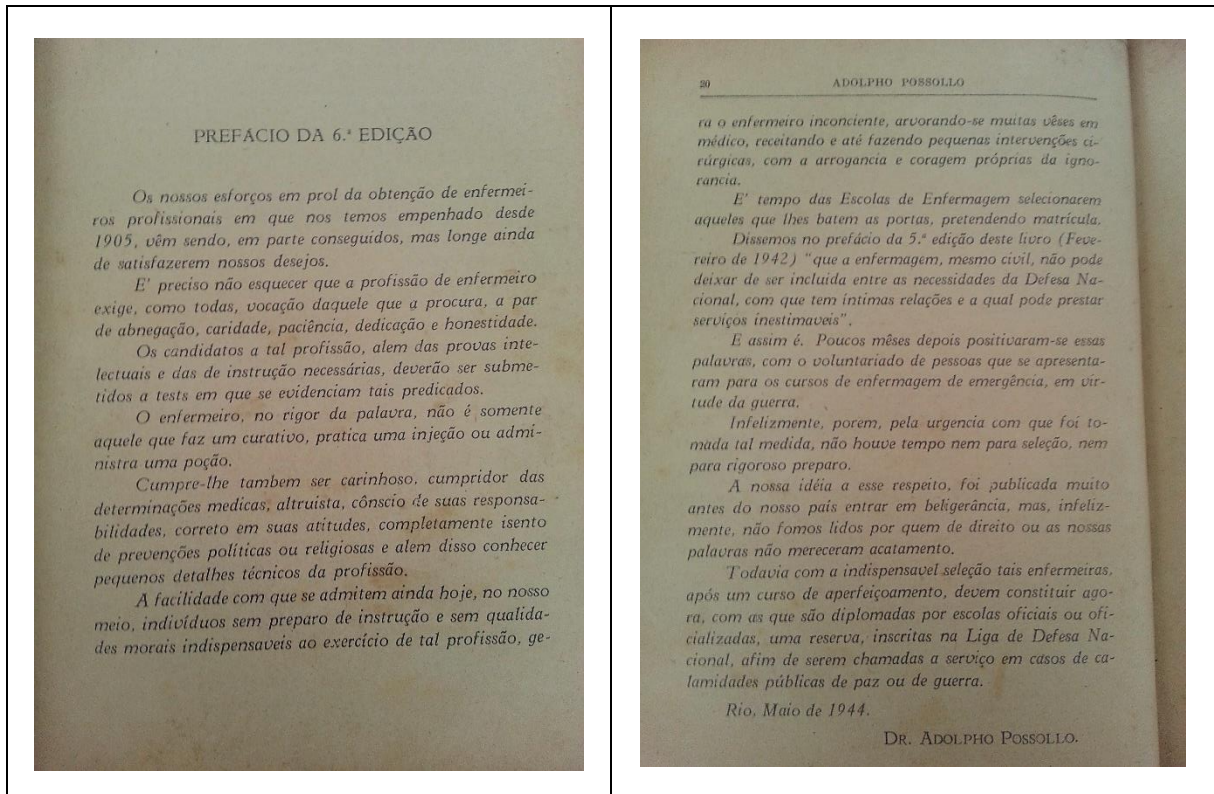


Imagem 35 – Prefácio da 6ª edição do livro “Curso de Enfermeiros” (1944)

Possollo expõe a sua insatisfação frente a indiferença a respeito do seu apontamento sobre a inclusão da enfermagem nas necessidades da Defesa Nacional, na edição anterior (1942), que não teria sido seguida ou sequer lida pelos responsáveis por tal segmento. O resultado foi a convocação de profissionais com qualquer curso de enfermagem, dada a falta de tempo hábil para a formação de enfermeiras diplomadas (MECONE e FREITAS, 2009).

Cabe relatar, que o Brasil iniciou sua participação na Segunda Guerra Mundial, em agosto de 1942, meses depois da publicação da 5ª edição do livro “Curso de Enfermeiros”. Motivadas com o espírito de patriotismo influenciado pelas propagandas do governo brasileiro, as mulheres procuraram uma forma de atender ao chamado patriótico de defender a sua pátria, e escolheram tratar dos futuros feridos. Assim, foi vasta a procura de voluntárias por cursos de enfermagem de emergência (MECONE e FREITAS, 2009).

Por fim, sugere que seja realizada uma seleção prévia das enfermeiras diplomadas para a constituição de uma listagem de reserva, da Liga de Defesa Nacional, a fim de serem chamadas em caso de demanda.

Apesar de não ter mencionado, houve uma pequena alteração nessa edição (1944), comparada à anterior (1942). O subitem “Material necessário às operações mais comuns”, contido no capítulo de administração interna e escrituração do serviço sanitário e econômico das enfermarias, foi modificado para “Anestesia e material necessário às operações”, onde houve ampliação do conteúdo acerca dos tipos de anestésias e preparo para as mesmas.

No prefácio da última edição do livro “Curso de Enfermeiros” (1948), Possollo retoma as ideias dos prefácios anteriores: necessidade de ampliação do número de enfermeiros formados, do conhecimento da técnica da profissão por esses profissionais, a indispensabilidade de um curso teórico e prático para a formação de enfermeiros e a relevância da idoneidade moral elevada para constituir-se bom enfermeiro.

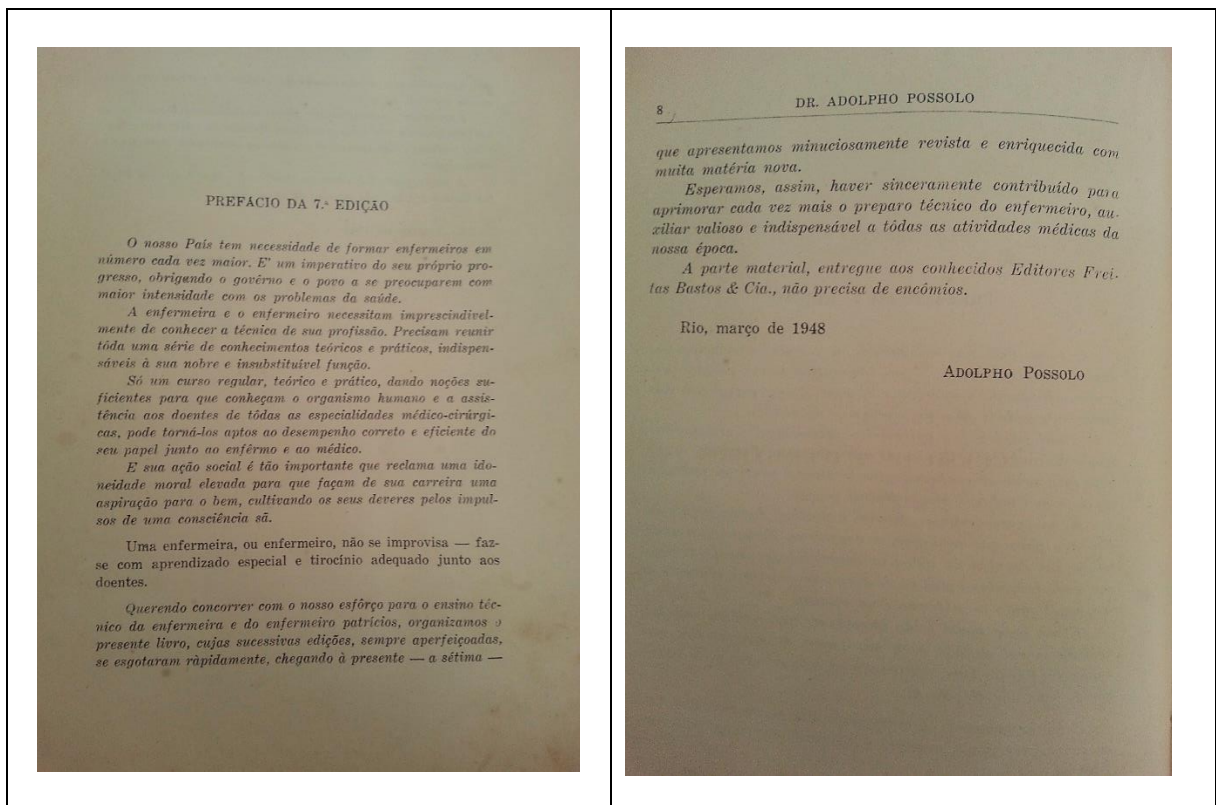


Imagem 36 – Prefácio da 7ª edição do livro “Curso de Enfermeiros” (1948)

Possollo, afirma que todas as edições anteriores foram esgotadas, o que denota a aprovação e o consumo pelo público. Além disso, refere que também essa edição sofreu mudanças no seu conteúdo com a ampliação do mesmo. Na realidade, as mudanças ocorridas foram na capa e na quantidade de imagens expostas no livro. Enquanto que na 6ª edição, o livro dispunha de 389 páginas e 436 imagens, a 7ª edição conta com 347 páginas e 386 imagens.

Foram suprimidas, principalmente, as imagens do Ambulatório Rivadavia Corrêa e da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro. O conteúdo do texto principal não sofreu acréscimo²⁹.

Provavelmente, a modificação na quantidade de imagens foi uma estratégia de atribuir maior fluidez à leitura. Araújo (2008) afirma, que compete ao diagramador a busca pelos efeitos visuais agradáveis no texto. Livros com demasiado número de ilustrações em formato retangular de tamanhos similares provoca efeito de monotonia e desinteresse.

Ao final, o autor expõe a sua aspiração da obra ter contribuído para aprimorar o preparo técnico do enfermeiro e, mais uma vez, vincula a figura do enfermeiro a uma profissão auxiliar à prática médica.

5.3. Representações da enfermeira

Também denominada corpo principal do texto, a parte textual recebe padrão único e regular na diagramação, durante toda a sua extensão. Deve haver a uniformidade do seccionamento orgânico da obra, que pode ser distribuído em volumes, tomos, seções ou itens (ARAÚJO, 2008).

O livro “Curso de Enfermeiros” é dividido em capítulos e subseções e, a sua ordenação é mantida ao longo das sete edições da obra, havendo algumas atualizações de forma e conteúdo, já sinalizadas anteriormente.

A análise do texto principal se dará a partir da 7ª edição da obra (1948), uma vez que constitui a edição mais completa em relação ao conteúdo escrito.

Possollo inicia o livro com o capítulo de noções gerais de higiene, o qual é dividido em seis subseções: Higiene moral, Higiene pessoal, Higiene mental, Responsabilidade dos enfermeiros, Visitas e Higiene hospitalar. Na primeira, são descritas as maneiras como os enfermeiros devem se comportar junto aos enfermos, médicos e familiares dos enfermos.

Cumprido notar, que a primeira frase do livro “Curso de Enfermeiros” diz que “A enfermeira, ou o enfermeiro, é o auxiliar do médico”. Há nela, uma representação da enfermeira, ou enfermeiro, de profissional subserviente ao médico.

²⁹ Com o intuito de sintetizar e tornar mais claras as ampliações ocorridas no conteúdo da obra “Curso de Enfermeiros”, de Adolpho Possollo, foi elaborado um quadro comparativo das suas edições (Apêndice – Quadro 1).

HIGIENE MORAL — A enfermeira, ou o enfermeiro, é o auxiliar do medico.

Imagem 37 – Fragmento do livro “Curso de Enfermeiros” (1936, p. 15)

Essa representação aparece em outros trechos do capítulo, sempre atrelada à representação de poder que a classe médica exerce sobre a de enfermagem. Possollo (1948, p. 11), afirma que os enfermeiros devem compenetrar-se no seu papel, de que não substituem o médico ou o cirurgião, “são apenas os executores das determinações daqueles”.

As competências reservadas aos enfermeiros são descritas, majoritariamente, por meio de locuções verbais com valor de imperativo, onde o verbo auxiliar utilizado é sempre o “dever”: “devem ser”, “devem falar”, “devem evitar”. De acordo com Houaiss (2010), o verbo modal “dever” está relacionado a uma obrigação a que se submete, regras morais, a uma lei inevitável a que se está submisso.

Na passagem “Devem falar pouco, sem cometerem indiscrições que possam alarmar o doente, ou a família, ou comprometer o médico”, fica evidente a expressão de obrigação que o verbo dever transmite, a ideia de imperativo contida, deixando clara a obrigatoriedade do receptor em executar uma tarefa ou obedecer alguma situação.

Além disso, expõe a representação de subserviência ao mencionar que as enfermeiras devem balizar um comportamento com o intuito de não comprometer o médico. Essa questão pode ser corroborada pelo seguinte trecho:

Por outro lado, deve ser duma lealdade a toda a prova para com o médico, não ocultando nem os seus próprios esquecimentos, a fim de merecer-lhe a confiança, não só pelo rigoroso cumprimento do dever, como pelo culto fervoroso da verdade.

Imagem 38 - Trecho do livro “Curso de Enfermeiros” (1948, p. 13)

No trecho destacado, a relação dominador-dominado ganha uma conotação quase religiosa. A mesma perspectiva pode ser percebida em um trecho do livro “O enfermeiro de psicopatas” (1939, p. 32), de Adolpho Possollo, quando diz que “A obediência aos preceitos

estabelecidos pelo médico deve ser absoluta, um evangelho para o enfermeiro e suas faltas e esquecimentos devem ser lealmente confessadas”.

Igualmente, em um outro trecho dessa mesma obra, Possollo (1939, p. 35), expressa a dominação médico/enfermeiro, com conotação militarista: “O enfermeiro deve obediência a seus superiores e não deve discutir-lhes as ordens, ou fazer-lhes observações, maximé a vista de outros enfermeiros ou doentes”. Cabe destacar, que a representação de subserviência nesse livro é mais explícita que a observada no livro “Curso de Enfermeiros”, provavelmente, por ser um livro destinado à assistência aos alienados, campo de atuação de profissionais enfermeiros, majoritariamente homens.

Sem a preocupação de manter velada a hierarquia, Possollo (1939, algumas idéas) afirma que “O enfermeiro, na época atual, é um fator indispensável á prática da medicina. Um exército com seus generaes, officiaes competentes, armamento moderno, mas sem soldados ou com soldados bisonhos, não tem valor eficiente para combate”.

A comparação de enfermeiros com soldados bisonhos pode ser entendida na relação do autor com os profissionais não habilitados, apontados por Possollo no livro “Curso de Enfermeiros”. Do mesmo modo, a dicotomia médico/enfermeiro e oficial/soldado, define representações de poder e hierarquia entre as duas classes profissionais.

Há que se destacar, que a ideia da relação de subordinação médico-enfermeiro não é uma característica privativa do modelo ensino liderado e realizado por médicos. Em um texto extraído da publicação “Archivos de Hygiene: Exposições e Relatórios”, de autoria de Ethel Parsons, sobre a implantação da enfermagem moderna no Brasil, pode-se verificar a que essa relação era uma regra e fazia parte do cotidiano das enfermeiras.

Em todo esse trabalho, todo o serviço prestado pelo pessoal do Serviço de Enfermeiras é de *cuidados de enfermagem* e de *educação sanitária*, e *nunca*, de *maneira alguma*, ultrapassa a linha de demarcação da ethica nas atribuições do medico. Primeiro, e sempre, devem as enfermeiras de saude publica aprender que o seu dever é executar as ordens medicas, notificar ao medico inteligentemente os symptomas e condições encontrados [...] (PARSONS, s/d, s/p, grifo próprio).

No que concerne à prática profissional, Possollo afirma que os enfermeiros “devem ser criteriosos bastante para conservarem-se na sua posição modesta”, devem abster-se de perguntas ociosas, devem ser observadores por excelência e ter amor à profissão. Assim, pode-se notar que as características tidas como inerentes à mulher, eram desenvolvidas, ainda que a referência aos dois gêneros esteja presente na obra.

Na subseção “Higiene pessoal”, Possollo determina quais os cuidados que os profissionais deveriam seguir para cuidarem do seu próprio corpo. Cuidados com as mãos, pés, cabelos, unhas e órgãos geniturinários podem ser observados durante a leitura da obra. Há também, a explanação sobre a roupa/uniforme e sapatos usados durante o serviço. A delimitação sobre a vestimenta inclui as roupas íntimas e, há a reprovação expressa do uso de coletes ou espartilhos, por impedirem movimentos e comprimir órgãos, deformando-os.

O uniforme, definido por Possollo (1948, p. 16), compreende:

O enfermeiro ou enfermeira, em serviço, deve usar sapatos brancos com sola de borracha, para comodidade e para não fazerem ruído no solo. A enfermeira e o enfermeiro têm o seu uniforme de serviço. Êsse uniforme, constante duma túnica, duma touca ou dum gorro e de sapatos brancos, deve substituir as roupas externas com que vêm da rua e antes de entrarem em serviço. A cor preferida para o uniforme dos enfermeiros é a branca, propositalmente para ser observado o maior asseio.

Nota-se a intenção do autor em balizar o comportamento assim como apresentação pessoal da enfermeira, enquadrando-a de maneira que ele obtenha um formato ideal de enfermeira.

Cuidados com o aparelho digestivo, regularidade das refeições, mastigação, funcionamento do intestino e aparelho urinário, assim como durante o período menstrual, também são abordados. Da mesma forma, Possollo (1948, p. 17) demonstra preocupação com os períodos de repouso do enfermeiro. Afirma que “Assim como o trabalho é necessário para a função normal do organismo, também o repouso é preciso”.

Tal preocupação, é estendida às atividades dos dias de folga, onde os mesmos devem abster-se de passeios que os fatiguem e reuniões com aglomeração de pessoas, como bailes - o que corrobora a tese de tentativa de controle dos enfermeiros.

No que concerne aos gêneros masculino e feminino no desempenho da profissão, a preferência pela mulher-enfermeira é totalmente descortinada na segunda parte do livro, relativa à assistência à criança, onde a todo o momento, Possollo se refere ao profissional responsável pela assistência, como enfermeira, assim como a presença, exclusivamente, de imagens de profissionais mulheres, fato não observado na primeira parte da obra.

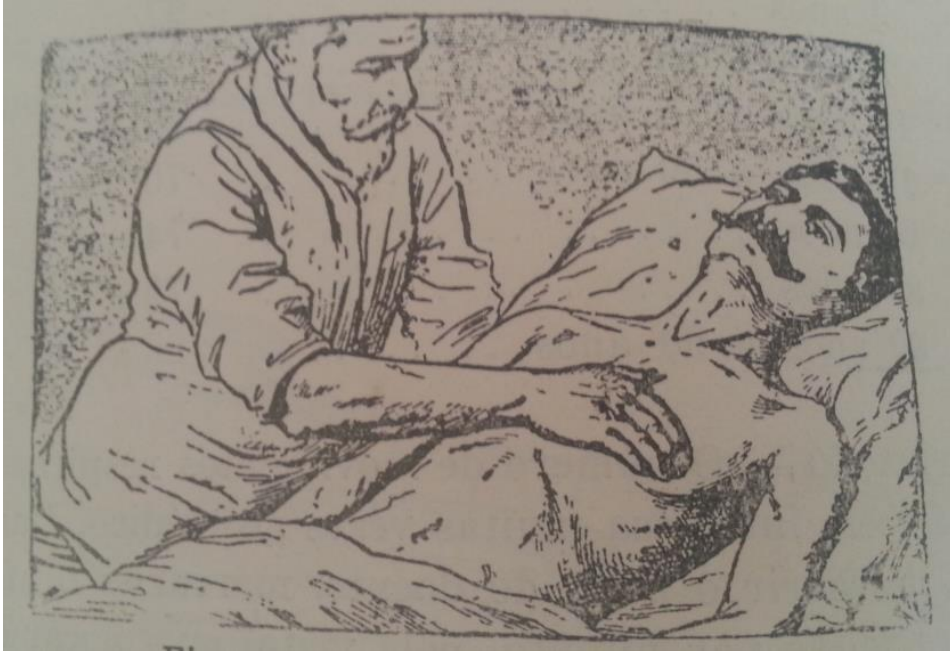


Imagem 39 – Técnica de tomada de respiração (Primeira parte do livro Curso de Enfermeiros, 1948)



Imagem 40 – Técnica de segurar a criança para auscultação (Segunda parte do livro Curso de Enfermeiros, 1948)

Na sétima edição da obra (1948), de um total de 386 imagens, apenas 35 representam um profissional de saúde em atuação. Destes, 23 aparecem na primeira parte do livro, sendo aproximadamente 87% das imagens com profissional masculino e 13% feminino. Na segunda parte, as 12 imagens (100%) são de mulheres com atributos de enfermeira.

Apesar de parecerem contraditórias, as imagens com profissional masculino compreendidas entre as páginas 100 e 114, provavelmente, retratam a figura médica, uma vez que estão inseridas no capítulo de “Noções práticas de propedêutica clínica”, onde Possollo inicia seu texto atestando que a propedêutica: “ensina os meios diretos de que se serve o médico para estabelecer o diagnóstico (1948, p. 93)”.

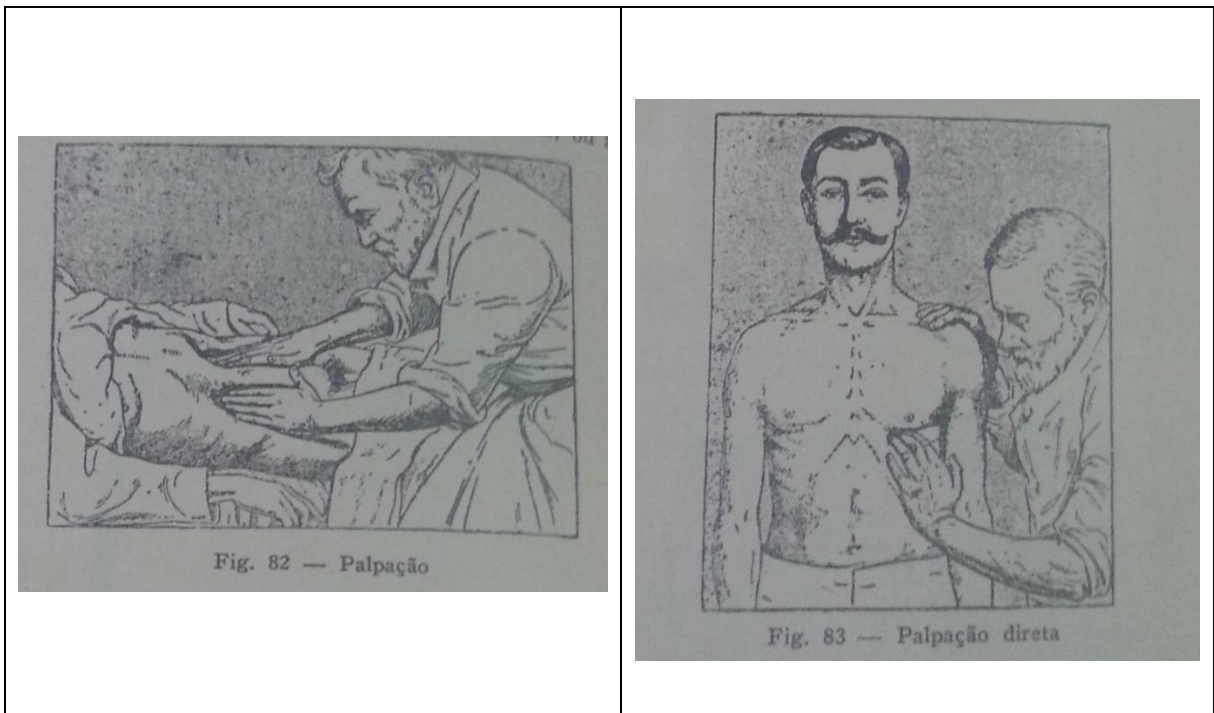


Imagem 41 – Técnica da palpação direta - sem instrumentos (Curso de Enfermeiros, 1948)

A imagem a seguir (Imagem 42), refere-se à auscultação mediata, realizada por meio do uso do estetoscópio. Na obra, Possollo (1948, p. 105, grifo próprio) descreve tal instrumento como feito “de madeira, de ebonite ou metal [...] com uma das extremidades côncava, aplicável sobre a região do corpo a auscultar, e a outra maior, plana, aplicada de encontro ao pavilhão da orelha do médico”. Esse trecho reforça a hipótese de as imagens desse capítulo simbolizarem o médico em atuação.

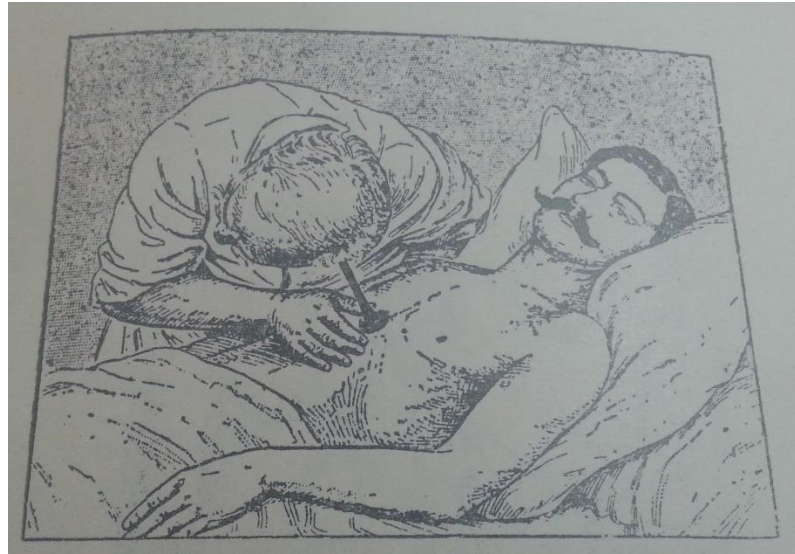


Imagem 42 – Demonstração da técnica de auscultação mediata ou por meio do estetoscópio
(Curso de Enfermeiros, 1948)

Os enfermeiros também foram representados imagetivamente no livro de Adolpho Possollo, porém, foram, na maioria das vezes, relacionados às atividades de exigem força física ou assistência direta aos psicopatas, tal como na imagem abaixo (Imagem 43), que retrata enfermeiros no transporte de um doente.

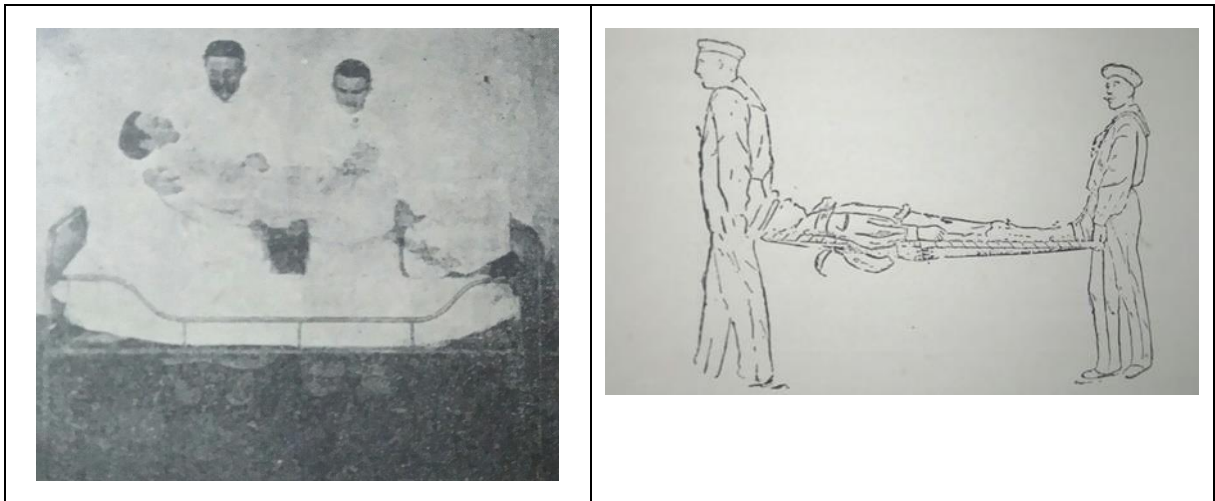


Imagem 43 – Enfermeiros no transporte de doentes, no livro “Curso de Enfermeiros”
(1948)

Os assuntos são abordados de maneira clara, com linguagem simples, porém, técnica, por meio de parágrafos curtos distribuídos ao longo do texto. As técnicas são explicadas passo a passo, há a descrição dos materiais necessários a cada procedimento e o uso de imagens do instrumental a ser utilizado assim como da realização da técnica. O detalhamento das técnicas e o uso de imagens, favorecem o entendimento e a assimilação do conteúdo exposto.

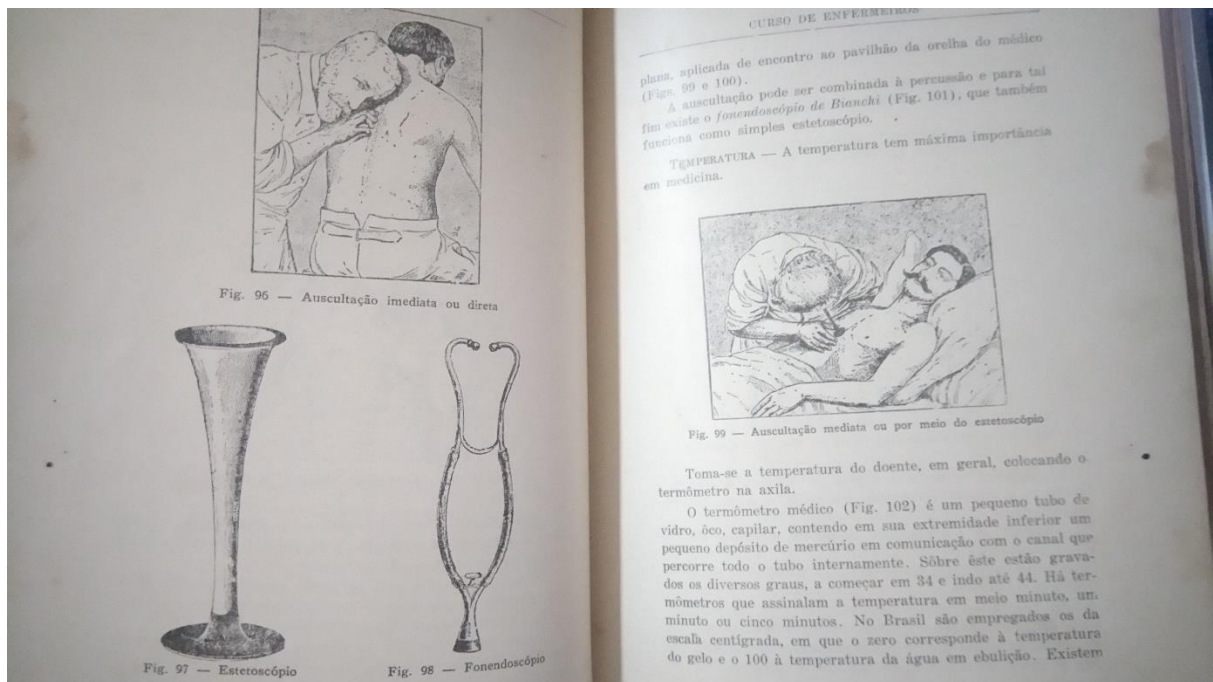


Imagem 44 - Demonstração de técnica e instrumental no livro “Curso de Enfermeiros” (1948)

Segundo Araújo (2008), é possível observar a função educativa das imagens em um livro didático. As imagens, presentes como “instruções programadas”, auxiliam diretamente ou prevalecem sobre o texto.

Fonte rica sobre a história do ensino da enfermagem brasileira, a organização textual interna da obra, juntamente com a materialidade e a estética da mesma, alicerçada nos pressupostos da Nova História Cultural, tal como postulada por Roger Chartier, revelou as intenções dos autores, assim como as representações da enfermeira emergidas nesta seção. Contudo, há que se destacar a preocupação de Possollo com a formação de enfermeiros, auxiliando de maneira consistente na ampliação do saber da enfermagem, ainda que notadamente (de)limitada.

5.4. Bibliografia

Entre os pertencentes à parte pós-textual, a bibliografia será o único elemento abordado. As fontes bibliográficas utilizadas pelo autor recebem o mesmo tratamento na sua diagramação e, podem ser redigidas em corpo menor que o do texto (ARAÚJO, 2008).

A bibliografia do livro “Curso de Enfermeiros”, edição de 1931³⁰, é composta de 40 títulos, escritos em cinco línguas: português, inglês, francês, alemão e espanhol. No entanto, pode-se observar, que a grande maioria dos mesmos tem origem francesa.

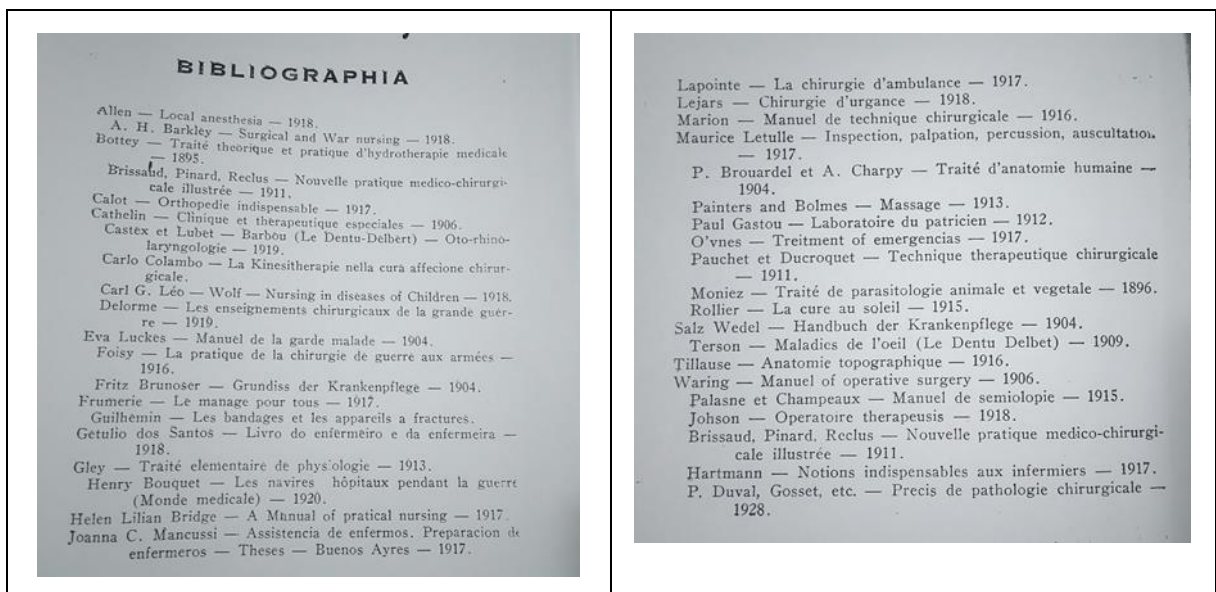


Imagem 45 – Bibliografia do livro “Curso de Enfermeiros” (1931)

Possollo, paradoxalmente ao seu discurso na publicação “Uma viagem à Europa”, quando menosprezou o trabalho das enfermeiras dos hospitais franceses, a sua formação e organização, utilizou da literatura francesa como base para a produção da sua obra “Curso de Enfermeiros”. Uma hipótese para a origem dessa fonte, é de que Adolpho Possollo se utilizou da literatura médica e não de enfermagem para compor a lista de fontes bibliográficas.

³⁰ Apesar da possibilidade de inferência do número e da identificação dos títulos pertencentes à bibliografia da 1ª edição da obra, por meio das datas de publicação dos mesmos, foi utilizada a 2ª edição do livro “Curso de Enfermeiros”, uma vez que a seção “Bibliografia” não foi encontrada no exemplar de 1920 (1ª edição), utilizada para tal estudo. Assim, ficou impossibilitada a reprodução imagética do mesmo nesta seção.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O médico brasileiro Adolpho Possollo, em sua viagem à Europa no início do século XX, constatou que para o sucesso de uma instituição eram necessários três pilares fundamentais: excelente instalação hospitalar, direção autônoma e enfermeiras habilitadas. Para a solidificação do terceiro pilar, Possollo defendeu a criação de uma escola de enfermeiras e acreditava que somente um curso regular, de ensino teórico e prático, era capaz de habilitá-las ao desempenho correto e eficiente das suas funções.

A visita técnica de Possollo nos hospitais da Europa, possibilitou a realização de diagnósticos locais, com observação tanto da estrutura e organização das instituições e equipes, como das técnicas e procedimentos desempenhados pelos médicos e enfermeiros. No caso específico desses últimos, a observação e a comparação da enfermagem dos três países (Inglaterra, Alemanha e França), permitiu ao autor delinear as sistemáticas de enfermagem que desejava que fossem implementadas no Brasil.

Verificou-se que o objetivo da publicação do livro “Curso de Enfermeiros” transcendia a contribuição para o aprimoramento do preparo técnico do enfermeiro, surgiu da aspiração da classe médica brasileira em formar pessoal habilitado para trabalhar nos campos de atuação médica, por meio do ensino técnico da profissão e, sobretudo, através da configuração dos papéis femininos e da enfermagem de acordo com a representação da mulher incluída no modelo patriarcal ou doméstico-burguês da sociedade à época.

Mais do que um manual de técnicas, essa obra representa o controle do que os enfermeiros deveriam saber e executar, dentro e fora das suas atividades profissionais, onde eram determinados o seu comportamento, suas vestimentas, modos de higiene pessoal e íntima e, inclusive, os passeios convenientes aos dias de descanso.

Apesar da referência ao gênero masculino em seu livro, Possollo tinha clara preferência ao gênero feminino para o exercício da enfermagem. Seu discurso atribuía à profissão, qualidades devocionais, como atributos essenciais para a formação de uma boa enfermeira. Esses predicados, como abnegação no cumprimento de deveres, delicadeza, espírito de sacrifício, só poderiam ser exigidos de uma mulher, segundo o autor.

Entretanto, essa preferência pela mulher-enfermeira, sobrepujava o anseio por qualidades altruístas. O estudo revelou que a representação da enfermeira perpassava a representação da mulher à época, uma vez que era encarada de forma racional e natural a dominação do homem sobre a mulher, dado o entendimento da superioridade do primeiro em

relação ao segundo, configurando representações de poder e hierarquia, onde o homem (médico) manda e a mulher (enfermeira), obedece.

Constatou-se, outra razão para a predileção por profissionais enfermeiras em detrimento dos enfermeiros, o temor da classe médica pelo exercício do charlatanismo, prática mais comumente adotada por pessoas do gênero masculino.

Ao longo das edições da obra, foram verificadas ampliações do conteúdo e readequação do número de imagens, objetivando a atualização da mesma no contexto da época, assim como, para dar maior fluidez à leitura.

Evidenciou-se que a forma eleita para a apresentação do livro, reduzindo o custo do mesmo e aumentando a velocidade de produção, assim como o modo de escrita desenvolvido por Possollo ao longo do texto, determinado por parágrafos curtos e linguagem clara, aumentando a legibilidade e a velocidade da leitura, caracterizaram que a obra foi destinada a pessoas com pouca instrução e de baixo poder aquisitivo.

Tais características, eram de um público que, no seu entendimento, seria mais facilmente atraído para exercer a profissão e, ao mesmo tempo, daquele que, naturalmente, aceitaria se submeter às delimitações de comportamento e ordens médicas.

Constatou-se a presença de diversas representações ao longo da obra, como as de autoridade, poder, competência, hierarquia e institucionalização do saber. Em relação ao corpo principal do texto, as técnicas foram descritas pormenorizadamente e de maneira simples e objetiva. Já as competências reservadas aos enfermeiros, foram descritas, majoritariamente, por locuções verbais que possuíam como verbo auxiliar o “dever”, que está relacionado com obrigação, submissão.

Observou-se que, a subordinação médico-enfermeiro, ainda que por muitas vezes velada, surgia com uma conotação hierárquica, tal como ocorre em instituições religiosas e militares.

No que tange a apropriação da obra pelas escolas de enfermagem, há indícios de utilização da mesma pela seção feminina da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras. No entanto, indícios de circularidade da obra, no Brasil e em Portugal, e o esgotamento das edições publicadas, refletem que o livro foi consumido, portanto, eleito e aprovado pelo leitor.

Verificou-se, que o livro “Curso de Enfermeiros”, de Adolpho Possollo, ao delimitar os comportamentos e competências das mulheres-enfermeiras, constituiu-se em instrumento de representação das mesmas, como pessoas de baixo grau de instrução, detentoras de um saber técnico, porém, limitado pela classe médica, profissionais obedientes, dedicadas, com

idoneidade moral elevada, discretas, submissas às ordens médicas e pertencentes a uma profissão auxiliar à prática médica.

Concluiu-se, portanto, que para Adolpho Possollo, a enfermagem consistia numa profissão designada para um grupo de mulheres da sociedade, ignorantes e subservientes. Paralelamente, deixou claro, ao longo dos prefácios da obra, que as competências intelectual e prática eram necessárias para formar as futuras integrantes dessa profissão. A perspectiva de parte dos médicos e do autor da obra, era de que o conhecimento técnico adquirido por meio do curso regular para enfermeiras deveria ser um instrumental de ascensão, que se agregado aos deveres da profissão, tais mulheres ganhariam novos limites representativos na hierarquia do mundo social e profissional.

REFERÊNCIAS

- ABREU JUNIOR, L. M.; CARVALHO, E. V. Relações entre educação, higienismo, moral e patriotismo na I Conferência Nacional de Educação (1927). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 45, p. 62-77, mar. 2012.
- ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA. **Parecer da Comissão**. 1908. Fundação Biblioteca Nacional. Localização: I-389, 2, 15, n. 11.
- ALCÂNTARA, G. A *apud* MEDEIROS, M.; TIPPLE, A. C. V.; MUNARI, D. B. - A expansão das escolas de enfermagem no Brasil na primeira metade do século XX. **Revista Eletrônica de Enfermagem** (online), Goiânia, v. 1, n. 1, out-dez. 1999. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fen/article/view/666/736>>. Acesso em: 30 jan. 2014.
- ALMEIDA, E. A. R. L. **“Por trás do véu e da espada”**: o “disfarce” subjacente à representação das personagens cervantinas. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013.
- AMORIM, W. M.; BAPTISTA, S. S.; GOMES, M. L. B. Fac-Símile. Apresentação: assuntos que serão discutidos no Congresso Internacional de Enfermeiras, que terá lugar em Londres, em julho de 1937. **Esc Anna Nery R Enferm**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 171-5, ago. 2005.
- ARAÚJO, E. **A construção do livro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2008.
- ARNOLD, E. C. **Typografía y diagramado para periódicos**. Nova Iorque: Mergenthaler Linotype Company, 1965.
- ARÓSTEGUI, J. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru (SP): Edusc, 2006.
- AYRES, L. F.; AMORIM, W.M.; ALVES, A. D.; LUCHESI, L. B. O campo da saúde pública: a criação dos cursos de enfermeiras visitadoras (1920). **Rev enferm UFPE online**, v. 6, n. 3, p. 642-51, mar. 2012.
- BAPTISTA, S. S.; BARREIRA I. A. Condições de surgimento das escolas de enfermagem brasileiras (1890-1960). **Revista Alternativa de Enfermagem**, ano 1, n. 2, p. 4-17, mai. 1997.
- BELO, A. **História & Livro e Leitura**. 1. ed., 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- BESSA, M. N.; AMORIM, W. M. Aspectos da formação profissional na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (1943-1949). **Esc Anna Nery R Enferm**, v. 9, n. 3, p. 64-74, dez. 2006.
- BORGES, A. G. V. **Meu triste canto deve ser ouvido**: introdução à vida e obra de Francisca Possollo (1783-1838). Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 2006.
- BORGES, M. S.; GUILHEM, D.; DUARTE, R. A.; RIBEIRO, A. S. M. **Representações sociais do trabalho da enfermagem**: as ancoragens estruturais na visão da sociedade brasileira. *Ciência, Cuidado e Saúde*. Maringá, v. 2, n. 2, p. 113-122, jul./dez. 2003.

BRAZIL-MEDICO (15/05/1920). Escola para enfermeiros. **Revista Brazil-Medico**, ano XXXIV, n. 20, p. 312.

BURKE, P. (org.): **A Escrita da História**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

CARLOS, D. J. D.; MORERA, J. A. C.; LAZZARI, D. D.; PADILHA, M. I. C. S. O ensino de pós-graduação em enfermagem no Brasil: recorte de uma década (2001-2010). **HIST. ENF. REV. ELETR (HERE)**, v. 4, n. 2, p. 140-52. 2013. Disponível em: <http://www.abennacional.org.br/centrodememoria/here/vol4num2artigo4.pdf>. Acesso em: 04 mai 2015.

CARVALHO, A. I. S. **A capa de livro: o objeto, o contexto, o impresso**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Belas Artes, Universidade do Porto, 2008.

CAVALCANTI, R. L.; SILVA JUNIOR, O. C. Características das enfermeiras concluintes do curso de especialização em visitadoras sociais na Escola de Enfermeiras Alfredo Pinto (1928 - 1943). **R. pesq.: cuid. fundam. Online**, v.2, Ed.Supl, p.423-5, out./dez. 2010.

CELLARD, A. **A análise documental**. In: POUPART, J. *et al.* A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.

CHAGAS, J. R. **Doutor, um título acadêmico em constante usurpação**. Jus Navigandi, 2009. Disponível em: <http://jus.com.br/artigos/13451/doutor-um-titulo-academico-em-constante-usurpacao>. Acesso em: 24 abr 2015.

CHARTIER, R. (org.). **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1990.

_____. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Trad. Mary del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

_____. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. 2. Ed. Tradução Mary Del Priore. Brasília: UnB, 1999.

_____. **Práticas da leitura**. 4. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

_____. Aula inaugural no Collège de France. In: ROCHA, J. C. C. (Org.). **Roger Chartier - a força das representações: história e ficção**. Chapecó (SC): Argos, 2011.

COSTA, J. P. S. **As transformações no ciclo de estudos da Enfermagem: análise do impacto na progressão e promoção na carreira após a implementação do Curso de Complemento de Formação**. Dissertação (Mestrado) – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade Técnica de Lisboa, 2012.

DAMASCENO, A. **Webdesign: teoria e prática**. Florianópolis: Visual Books, 2003.

DROYSEN, J. G. **Manual de teoria da história**. Trad. Sara Baldus e Julio Bentiroglio. Petrópolis: Vozes, 2009.

ELIOT, T. S. **Ensaio**. Trad. Ivan Teixeira. São Paulo: Art Editora, 1989.

ESEL. **Breve história da Escola Superior de Enfermagem de Lisboa**. 2008. Disponível em: <http://www.esel.pt/ESEL/PT/ESEL/Apresentacao/Historia/historia.htm>. Acesso em: 13 abr 2015.

ESENF. **Apresentação Escola Superior de Enfermagem de Coimbra**. 2015. Disponível em: <http://www.esenfc.pt/site/index.php?module=esenfc&target=page&id=11476>. Acesso em: 13 abr 2015.

ESPÍRITO SANTO, T. B. **Gênero e enfermagem**: reafirmação de papéis sociais na seção feminina da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (1920-1921). Tese (Doutorado) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, 2012.

_____. **Enfermeiras francesas na capital do Brasil (1890-1895)**. Dissertação (Mestrado) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, 2012.

FARIA, A. P. **Notas para a genealogia da família Possollo (de origem genovesa)**. Leorne: Typographia Raphael Giusti, 1906.

FÁVERO, M. L. A. O pesquisador e o desafio das fontes. In: MENDONÇA, A. W. C. P.; ALVES, C.; GONDRA, J. G.; XAVIER, L. N.; BONATO, N. M. C. (orgs.). **História da educação**: desafios teóricos e empíricos. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2009, p. 111-123.

FERNANDES DA SILVA, C; PORTO, F. A matéria de administração da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, seção feminina (1921-1926). **Enfermería Global**, n. 13, jun. 2008.

FRAENKEL, E. Histórico do Serviço de Enfermeiras do DNSP. **Esc Anna Nery Rev de Enferm** (Fac-símile), Rio de Janeiro, ano 1, v. 1, n. 2, dez. 1997.

FREIRE, M. A. M. **As representações da técnica no livro “Técnica de Enfermagem”, de Zaíra Cintra Vidal (1933-1963)**. Tese (Doutorado) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2014.

FREIRE, M. A. M.; AMORIM, W. M. A enfermagem de saúde pública no Distrito Federal: A influência do Relatório Goldmark (1923-1927). **Esc Anna Nery R Enferm**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 115-24, mar. 2008.

FUNK, S; SANTOS, A. P. **A importância da tipografia na história e na comunicação**. In: Actas de Diseño N°5. Encuentro Latinoamericano de Diseño "Diseño en Palermo" Comunicaciones Académicas, 3, 2008, Buenos Aires (Argentina). Universidade de Palermo, 2008. Disponível em: http://fido.palermo.edu/servicios_dyc/publicacionesdc/archivos/1_libro.pdf. Acesso em: 02 fev. 2015.

GUEDES, P. C. **Da redação à produção textual**: o ensino da escrita. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

HOUAISS, A. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 4. ed. ver. e ampl. Rio de Janeiro: Obetiva, 2010.

KIRSCHBAUM, D. I. **Análise histórica das práticas de enfermagem no campo da assistência psiquiátrica no Brasil, no período compreendido entre as décadas de 20 e 50.** Tese (Doutorado) - Faculdade de Ciências Médicas, Universidade do Estado de Campinas. São Paulo, 1994.

KISIL, M. A Fundação W. K. Kellogg e o desenvolvimento da enfermagem na América Latina. **Rev. Latino Am. Enf.**, v. 1, n. 1, p. 37-42, jan. 1993.

KUHSE, H. *apud* SAMPAIO, M. A. **Enfermagem, mídia e bioética.** Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília. Brasília, 2002.

LACERDA FILHO, M. **A lupa do professor de história:** a micro-história na sala de aula. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 18., 2006, Assis (SP). Anais. São Paulo: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2006. CD. Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XVIII/pdf/ORDEM%20ALFAB%20C9TICA/Mozart%20Lacerda%20Filho.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2015.

LE GOFF, J. **História e memória.** Trad. Bernardo Leitão. Campinas(SP): Editora UNICAMP, 1990.

LIMA, E. G. Para compreender o livro didático como objeto de pesquisa. **Educação e Fronteiras Online**, v. 2, n. 4, p. 143-55, jan./abr. 2012.

LINHARES, H. *apud* ESPÍRITO SANTO, T. B. **Gênero e enfermagem:** reafirmação de papéis sociais na seção feminina da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (1920-1921). Tese (Doutorado) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, 2012.

MACEDO, A. P. Articulações entre a Escola de Enfermagem e o Hospital de São Marcos de Braga. **Misericórdia de Braga**, n. 6, p. 13-116, dez. 2010.

MASCARENHAS, N. B. **A inserção da enfermeira brasileira no campo da saúde pública (1920-1925).** Dissertação (Mestrado) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2013.

MECONE, M. C. C.; FREITAS, G. F. Representações da enfermagem na imprensa da Cruz Vermelha Brasileira (1942-1945). **Texto contexto – enferm. (online)**, v. 18, n. 4, p. 741-9, 2009.

MORAIS, R. F. **Os maios de 1888:** história e memória na escrita da história da abolição – o caso de Osório Duque-Estrada. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, 2007.

MOREIRA, A.; OGUISSO, T. **Profissionalização da enfermagem brasileira.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

MOREIRA, M. C. N. A Fundação Rockefeller e a construção da identidade profissional de enfermagem no Brasil na Primeira República. **História, Ciências e Saúde – Manguinhos**, v. 3, p. 621-45, nov. 1998-fev.1999.

MOTT, M. L.; TSUNECHIRO, M. A. Os cursos de enfermagem da Cruz Vermelha Brasileira e o início da enfermagem profissional no Brasil. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 55, n. 5, p. 592-99, set./out. 2002.

NASCIMENTO, D. R. A doença e o poder público ou o poder das doenças – elementos para uma análise em torno do Estado no combate à tuberculose. **Revista de História Regional**, v. 2, n. 1, 1997.

_____. **As pestes do século XX: tuberculose e AIDS no Brasil, uma história comparada**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

NASCIMENTO, F. M.; AMORIM, W. M; ALMEIDA, M. Contribuições do III Congresso Médico Latino-Americano à Enfermagem no Brasil. **Rev Paul Enf**, v. 28, n. 1, p. 9-19, 2009.

NEIVA, R. M. O.; CAMPOS, R. D. **Publicidade e educação feminina: um estudo do impresso Correio da Manhã (1901-1974)**. CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 3, 2015. Maringá (PR). Universidade Estadual de Maringá. Disponível em: <http://8cbhe.com.br/media/doc/231333f8743c3f43914ee5b7b4756560.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2015.

NETTO, P. A. **A cadeira nº 39**. Rio de Janeiro: Rubio, 2009.

OGUISSO, T.; TSUNECHIRO, M. A. História da pós-graduação na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. **Rev. Esc. Enferm. USP**, v. 39, n. especial, p. 522-34, dez. 2005.

OLIVEIRA, I. C. S. A prática da enfermagem em pediatria: reflexões na virada do milênio. **Esc Anna Nery Rev Enferm**, v. 4, n. 1, p. 15-20, abr. 2000.

PARSONS, E. A enfermagem moderna no Brasil. **Esc Anna Nery R Enferm** (Fac-símile), Rio de Janeiro, ano 1, n. de lançamento, jul. 1997.

PELLON, L. H. C. **As representações científicas da assistência na revista Ceará Médico (1931-1935)**. Tese (Doutorado) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2013.

PERROTA, I. **Tipos e grafias**. Rio de Janeiro: Senac, 2005.

PINTO, A. P. apud ESPÍRITO SANTO, T. B. **Gênero e enfermagem: reafirmação de papéis sociais na seção feminina da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (1920-1921)**. Tese (Doutorado) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, 2012.

PONTE, C. F.; LIMA, N. T.; KROPF, S. P. O sanitarismo (re)descobre o Brasil. In: PONTE, C. F.; FALLEIROS, I. (Org.). **Na corda bamba de sombrinha: a saúde no fio da história**. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC; Fiocruz/EPSJV, 2010. p. 75-112.

POPINIGIS, F. As sociedades caixerais e o “fechamento das portas” no Rio de Janeiro (1850-1912). **Cad. AEL**, v. 6, n. 10/11, 1999.

PORTO, F. **Os ritos institucionais e a imagem pública da enfermeira brasileira na imprensa ilustrada: o poder simbólico no click fotográfico (1919-1925)**. Tese (Doutorado) - Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

PORTO, F; AMORIM, W. M. Escolas e cursos de enfermagem na história da profissão no Brasil (1890-1922). **Cultura de Los Cuidados**, ano XIV, n. 27, 1º semestre 2010.

PORTO, F; NETO, M. Enfermeira na imprensa ilustrada brasileira (1890-1925): assinatura imagética. **Patrimônio e Memória**, v. 10, n. 1, p. 199-221, jan./jun. 2014.

PORTO, F; SANTOS, T. C. F. O rito e os emblemas na formatura das enfermeiras brasileiras no Distrito Federal (1924-1925). **Esc Anna Nery R Enferm**, v. 13, n. 2, p. 249-55, abr./jun. 2009.

POSSOLLO, A. **Curso de Enfermeiros**. Rio de Janeiro: Leite & Maurillo, 1920.

_____. _____. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1948.

RAMOS, P. V. **Artistas ilustradores: a editora Globo e a constituição de uma visualidade moderna pela ilustração**. Tese (Doutorado) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

REGO FILHO, J. P. **Eleição de um membro titular na Academia Nacional de Medicina: crítica ampliada ao parecer da comissão de cirurgia**. 1908. Fundação Biblioteca Nacional. Localização: I-389, 2, 15, n. 11.

RODRIGUES, L. C.; MOREIRA, A. **Manuais de enfermagem no Brasil: o cuidado de enfermagem no posicionamento cirúrgico**. CONGRESSO BRASILEIRO DOS CONSELHOS DE ENFERMAGEM, 16, 2013, Vitória (ES). Resumos. Conselho Federal de Enfermagem, 2013. Disponível em: <http://apps.cofen.gov.br/cbcent/sistemainscricoes/anais.php?evt=11&sec=82&niv=6.1&mod=2&con=8488&pdf=1>. Acesso em: 12 jan. 2015.

RODRIGUES, M. A; GOMES, C; ALMEIDA, R. História e memória: documento *ad usum et beneficium* Curso de Enfermeiros. **Revista Referência**, v. 2, n. 8, p. 87-90, dez. 2008.

SALMON, P. **História e crítica**. Coimbra: Editora Almedina, 1979.

SAMARA, E. M.; TUPY, I. S. S. T. **História & Documento e metodologia de pesquisa**. Belo Horizonte: Editora Autêntica (Coleção História & Reflexões), 2007.

SAMPAIO, M. A. **Enfermagem, mídia e bioética**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília. Brasília, 2002.

SANTOS, T. C. F.; BARREIRA, I. A.; FONTE, A. S.; OLIVEIRA, A. B. Participação americana na formação de um modelo de enfermeira na sociedade brasileira na década de 1920. **Rev. Esc. Enferm. USP**: v. 45, n. 4, p. 966-73, 2011.

SILVA, A. C. **A representação social do negro no livro didático: o que mudou? Por que mudou?** Salvador: EDUFBA, 2011.

SILVA, C. C. **(Des) enrolando a circularidade das imagens de ataduras no livro “Curso de Enfermeiros”**. Dissertação (Mestrado) – Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2015.

SILVA, C. F.; PORTO, F. A matéria de administração da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, seção feminina (1921-1926). **Enfermería Global**, n. 13, p. 1-14, jun. 2008.

SILVA, L. C. S.; SILVA JUNIOR, O. C. Especialização e gênero: a “preferência pelas mulheres” para o curso de visitadoras sociais no Distrito Federal (1927-1943). **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, nov. 2010.

SILVA, N. J. R. **Conhecimento dos alunos do 4º ano de licenciatura em enfermagem sobre o modelo de desenvolvimento profissional**. Trabalho de conclusão de curso – Faculdade das Ciências da Saúde, Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2010.

SILVA, R. M. **Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras**: a contribuição para o ensino de enfermagem no Brasil. Dissertação (Mestrado) – Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

SILVA JUNIOR, O. C. Pesquisa Documental. In: OGUISSO, T.; CAMPOS, P. F. S.; FREITAS, G. F. (orgs.). **Pesquisa em história da enfermagem**. 2. ed. Barueri (SP): Manole, 2011 (Série Enfermagem e Saúde), p. 339 – 362.

SILVESTRE, S. M. **Sobre o que é ser escritor no discurso de Ana Maria Machado**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas (SP), 2007.

TEIXEIRA, I. New Criticism. **Cult**, n. 34, set. 1998.

TYRRELL, M. A. R.; SANTOS, T. C. F. Setenta anos de vida universitária da Escola de Enfermagem Anna Nery: uma breve reflexão. **Esc Anna Nery R Enferm**, v. 11, n. 1, p. 138-42, mar. 2007.

VENÂNCIO, G. M. Roger Chartier (1945-). In: PARADA, M. (Org). **Os historiadores da história** – de Ricoeur a Chartier. 1. ed, v. 3. Petrópolis: Vozes, 2014.

APÊNDICES

Apêndice 1: Quadro I - Ampliações do conteúdo do livro “Curso de Enfermeiros”, de Adolpho Possollo, ao longo das edições (1920-1948)

EDIÇÃO	ANO DE PUBLICAÇÃO	Nº DE PÁGINAS	Nº DE IMAGENS	AMPLIAÇÃO DO CONTEÚDO
1ª	1920	147	345	-----
2ª	1931	343	391	-----
3ª	1936	338	391	<ul style="list-style-type: none"> • Noções gerais de higiene • Noções gerais de fisiologia • Noções práticas de propedêutica clínica • Curativos e pequenas cirurgias • Cuidados especiais a certa categoria de enfermos: balneoterapia <p>Criação de dois capítulos: “Administração de alimentos e medicamentos” e “Primeiros socorros, muitas vezes ao alcance do enfermeiro”</p>
4ª	1939	377	414	Criação da 2ª parte do livro: Noções especiais da enfermagem de crianças
5ª	1942	373	414	<ul style="list-style-type: none"> • Noções gerais de higiene • Noções práticas de propedêutica clínica <p>Criação do capítulo “Higiene mental da criança”</p>
6ª	1944	389	436	• Administração interna e escrituração do serviço sanitário e econômico das enfermarias
7ª	1948	347	386	-----